

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras

Departamento de Língua e Cultura Portuguesa



**Para uma leitura intercultural de
Wenceslau de Moraes**

Relance da alma japonesa

David Alexandre Alves Aboim

Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa
(Língua Estrangeira / Língua Segunda)

2011

Universidade de Lisboa

Faculdade de Letras

Departamento de Língua e Cultura Portuguesa



**Para uma leitura intercultural de
Wenceslau de Moraes**

Relance da alma japonesa

David Alexandre Alves Aboim

Dissertação Orientada pela Prof. Doutora Ana Paula
Laborinho e Coorientada pela Prof. Doutora Maria José
Meira

Mestrado em Língua e Cultura Portuguesa
(Língua Estrangeira / Língua Segunda)

2011

Agradecimentos

Para que este trabalho se realizasse contei com o apoio e a orientação de diversas pessoas. Entre elas devo destacar em primeiro lugar as minhas orientadoras Professora Doutora Ana Paula Laborinho e Professora Doutora Maria José Meira, sem as quais esta dissertação não teria sido possível.

À Professora Doutora Ana Paula Laborinho devo em especial a ideia deste trabalho e todo o apoio ao longo da realização do mesmo, nomeadamente no tocante a Wenceslau de Moraes, às relações luso-japonesas e à história da cultura portuguesa.

À Professora Doutora Maria José Meira agradeço todo o apoio que me deu durante todo o processo de elaboração desta dissertação, nomeadamente nas áreas fundamentais da didática da literatura, do ensino a estrangeiros, e da cultura e literatura portuguesas. Agradeço, muito particularmente, as muitas revisões deste trabalho que permitiram que esta dissertação se tornasse possível. Finalmente, agradeço-lhe ainda a capacidade de acreditar.

Não podendo mencionar toda a gente que, de uma forma ou de outra, colaborou para que este trabalho se concretizasse, entre professores, colegas e amigos, não posso deixar de agradecer, em especial, aos meus pais e à minha esposa. Aos meus pais todo o apoio que me deram, em particular, nas horas difíceis, sempre com uma palavra de esperança. À minha esposa Yukiko, agradeço não só o apoio que me deu durante esta fase da minha vida, mas em particular a paciência com que suportou a minha ausência durante as longas horas passadas a trabalhar noite dentro para que esta dissertação fosse possível. A todos eles dedico agora este trabalho.

Qualquer erro ou falta que persista são da minha inteira responsabilidade.

RESUMO

Com este trabalho de investigação pretende dar-se a conhecer as tendências recentes no âmbito do ensino / aprendizagem da língua portuguesa a estrangeiros, nomeadamente no que se refere ao uso da literatura em aulas de PLE.

Como forma de abordagem a esta temática sugere-se a obra do escritor português Wenceslau de Moraes, como paradigma de referência para um aluno japonês de língua e cultura portuguesa. Para tal, elaboram-se sugestões de leitura nos capítulos V, VI e VII da obra *Relance da Alma Japonesa* do referido autor.

Finalmente e numa proposta de aplicação prática apresenta-se como sugestão didática um CD-Rom interactivo cuja temática se insere na vida e obra de Wenceslau de Moraes.

ABSTRACT

This research paper tries to summarise the most recent discoveries in the teaching and learning of portuguese as a foreign language, in particular the use of literature in PFL lessons.

As a means to this end we suggest the works of portuguese writer Wenceslau de Moraes as an ideal reference to the japanese student of portuguese language and culture.

For that we present some reading suggestions for the author's work *Relance da Alma Japonesa*, chapters V, VI and VII.

Finally and as a practical application proposal we present just as a didactic suggestion an interactive CD-Rom which theme is the life and works of Wenceslau de Moraes.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino / aprendizagem de Português Língua Estrangeira (PLE); Literatura Portuguesa (XIX-XX); Wenceslau de Moraes.

KEY WORDS: Teaching / learning Portuguese as a Foreign Language; Portuguese Literature (XIX-XX); Wenceslau de Moraes.

ÍNDICE

Introdução	6
Primeira Parte	
1. Aproximações teóricas	10
1.1 Ensino de línguas estrangeiras	10
1.2 A importância do cânone	16
1.3 Notas sobre a evolução do ensino da língua	18
1.4 A Didática e a didática da literatura	20
2. Parâmetros para o E/A de línguas	23
2.1 Definição e caracterização do público	36
Segunda Parte	
3. O ensino de português a estudantes japoneses	39
3.1 Portugal e o Japão: um encontro	39
3.2 Wenceslau de Moraes e <i>Relance da Alma Japonesa</i>	41
4. Aproximações a <i>Relance da Alma Japonesa</i>	47
4.1 Metodologia	47
4.2 Os conteúdos: vida em família, vida na tribo, vida no Estado	51
4.3 Processos de leitura	54
5. CD-Rom Interativo	71
5.1 Conteúdos	71
5.2 Conceção gráfica	74
Conclusão	76

Lista de Abreviaturas e Siglas

BOT = O Bon-odori em Tokushima

CALL = Computer Assisted Language Learning

CD-Rom = Disco Compacto Interativo

L1 = Primeira língua, ou, língua materna

L2 = Segunda língua

PEL = Portfólio Europeu de Línguas

PFL = Portuguese as foreign language

PLE = Português Língua Estrangeira

QERC = Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

RAJ = Relance da Alma Japonesa

TIC = Tecnologias da Informação e da Comunicação

Introdução

Razões de uma escolha – ensino a estrangeiros

"Os textos literários potencializam os diferentes matizes da língua, conferindo-lhe todo o seu esplendor."

Maria Graciete Vilela, *Sobre o ensino da literatura: os ensinamentos de Xerazade*

É objectivo privilegiado deste trabalho estudar a obra de Wenceslau de Moraes *Relance da Alma Japonesa*, na perspectiva da sua aplicação ao ensino da língua, cultura e literatura portuguesas a estudantes não nativos.

As razões que estiveram na origem da escolha desta temática prendem-se com o facto de considerarmos importante o estudo da literatura nas aulas de língua estrangeira, tendo em conta uma tendência crescente de sobrevalorização do ensino da língua na sua vertente comunicativa, e conseqüente desvalorização do ensino da literatura que, no entanto, tem vindo a alterar-se recentemente, como veremos.

O tema desta dissertação centra-se, assim, na análise da importância da utilização de textos literários no ensino/aprendizagem do Português Língua Estrangeira (PLE), tomando como foco principal de análise a obra do escritor português Wenceslau de Moraes.

Propomo-nos apresentar, deste modo, um contributo que possa enfatizar a relevância da literatura na aprendizagem da língua portuguesa, seja em contexto de sala de aula, seja mais tarde num contexto de aprendizagem autónoma de aperfeiçoamento de competências, como propõe o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas* (QEQR):

Todavia, logo que acabe o ensino, a aprendizagem que se segue tem que ser autónoma. A aprendizagem autónoma pode ser encorajada se o ‘aprender a aprender’ for considerado parte integral da aprendizagem da língua, de forma a que os aprendentes tomem progressivamente consciência do modo como aprendem, das opções que lhes são oferecidas e que melhor lhes convêm.¹

Pretendemos, neste sentido, elaborar um CD-Rom que se constitua como ajuda e incentivo ao estudante japonês de língua portuguesa no estudo da língua, e particularmente, da literatura portuguesa.

Procuramos, assim, em primeiro lugar dotar o aluno de ferramentas que lhe permitam um estudo autónomo que o torne independente quando mais tarde se encontrar num contexto fora do meio académico. Num segundo momento deixamos algumas sugestões para professores que poderão complementar com outros métodos de ensino as ideias expostas, como chamada de atenção para a importância do texto literário no ensino/aprendizagem de línguas.

Finalmente, inerente a estas propostas, está a possibilidade de se promover a língua e a cultura portuguesas além fronteiras, com a sua consequente internacionalização.

Hoje, mais do que nunca, a língua e a cultura são importantes ativos económicos que fomentam relações de cooperação positiva e bilateral entre nações com promoção das respetivas economias e sociedades.

Uma das grandes preocupações de Wenceslau de Moraes durante o tempo em que exerceu funções de cônsul de Portugal no Japão foi precisamente investir também na promoção e desenvolvimento das relações comerciais entre os dois países, empenhamento

¹ Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas, Edições Asa, Porto, 2001, p. 199.

esse bem documentado sobretudo no livro *Wenceslau de Moraes – o Diplomata*.² Também Armando Martins Janeira lhe reconhece o mérito no Prefácio às Cartas do Japão, 1.^a série: “(...) Moraes bate-se pela expansão dos produtos portugueses no Japão, pela exportação dos vinhos portugueses, pelo alargamento do comércio entre os dois países (...)”³

Os muitos esforços empreendidos nesse sentido, mais do que lhe seria exigido, foram infelizmente pouco produtivos. Hoje, a situação da economia portuguesa, embora incomparável com os tempos da I República, continua, todavia, aquém dos outros estados europeus.

Moraes terá procurado então, no que poderíamos caracterizar como a segunda fase da sua vida, promover junto do público português o gosto pela cultura japonesa e o conhecimento do seu povo. Tentava, dessa forma, levar o público português a interessar-se pelo Japão e a estabelecer relações com esse país, tentando conseguir, assim, o que não obtivera com a promoção das relações comerciais.⁴

Com o desenvolvimento dos estudos interculturais na segunda metade do século XX (curiosamente iniciados por homens como Wenceslau de Moraes, no início desse século), a importância do estudo da cultura dos povos tornou-se muito mais relevante do que era em meados do século XIX.

A cultura de um povo é uma característica que lhe é inseparável, pois quando isso não acontece a consequência é a inevitável perda da identidade (veja-se o caso de tantos

² FERREIRA, Luiz Gonzaga, *Wenceslau de Moraes – o Diplomata*, Nova Veja, 2004.

³ MORAES, Wenceslau de, *Cartas do Japão* (1.^a série), parceria, Lisboa, 1977.

⁴ Esta é a visão de Helmut Feldmann em *Wenceslau de Moraes e o Japão*, Instituto Cultural de Macau, 1992, contestada no entanto por Gonzaga Ferreira (*ob. Citada*).

povos radicalmente separados das suas culturas de origem: afro-americanos, judeus, entre muitos outros.)

Moraes, homem sensível, antevia já estas consequências sociais tremendas como sociólogo que iniciasse os seus estudos no dealbar do século passado, deixando-nos um livro como *Relance da Alma Japonesa* onde consegue apresentar uma análise bastante profunda da vivência do povo japonês da época. Ainda assim, na sua introdução a esta obra refere o autor: “Palestro apenas com o leitor. Relanceio o meio em que me acho; aponto factos, como elles se dão, ou me parece darem-se; busco tirar conclusões, porém sem esperança de alcançal-os.”⁵

Moraes considera o seu trabalho um ligeiro ensaio sem grandes pormenores mas que acaba por ser encarado nos dias de hoje como um dos que melhor conseguiu captar a essência e o espírito do povo japonês dessa época.

Deste modo, Wenceslau de Moraes é o escritor português porventura mais indicado para funcionar como paradigma de relações culturais entre Portugal e o Japão, revelando-se como uma referência para o aluno japonês de estudos portugueses.

Procuraremos direccionar este trabalho para uma reflexão alargada que questione os seguintes aspetos:

Porquê o ensino da Literatura a estudantes estrangeiros.

Porquê o ensino do Português para o público japonês.

Porquê Wenceslau de Moraes?

Porquê a obra *Relance da Alma Japonesa*?

⁵ Moraes, W. (1926). *Relance da alma Japoneza*: Portugal-Brasil Sociedade Editora.

Primeira Parte

1. Aproximações teóricas

1.1 Ensino de línguas estrangeiras

No ensino / aprendizagem de línguas, a tendência de se atribuir primazia a um ensino de língua para fins meramente comunicativos e utilitários, prende-se sobretudo com o facto do grande interesse despertado pelos métodos de ensino baseados na abordagem comunicativa. Segundo esta abordagem o estudo da literatura poderia constituir uma certa “entropia” para a aprendizagem. Como nota Lothar Bredella no seu livro *Challenges of literary texts in the foreign language classroom*:

For years, theories of foreign language teaching and learning ignored literary texts. These were regarded as inadequate for the central goals of foreign language learning. In recent years, however, the potential of literary texts for foreign language learning, intercultural understanding and general educational goals has received great emphasis. How can we explain this new interest in literary texts, and is it justified? What challenges will we encounter when we attempt to develop the potential of literary texts for general educational goals, intercultural understanding and foreign language learning?⁶

Alguns alunos vêm mal preparados a nível da sua competência, quer em termos de interpretação e análise do discurso, quer a nível da própria língua materna, o que provoca maiores bloqueios ou dificuldades aquando do estudo de uma língua estrangeira, nomeadamente nos seus aspectos literários:

⁶ BREDELLA, Lothar, DELANOY, Werner, *Challenges of literary texts in the foreign language classroom*, Gunter Narr Verlag Tübingen, 1996, p. vii.

One problem students face in reading a text from a foreign culture is that they do not know whether their difficulties in understanding the text are due to a lack of cultural knowledge or to the inherent gaps and contradictions in the text. But the transmission of historical and cultural knowledge often creates the expectation that it can explain away the difficulties they encounter reading the literary text.⁷

Outro aspecto apontado para banir a literatura do ensino da língua seria o facto de o aluno de língua estrangeira só se encontrar minimamente preparado para iniciar a leitura de uma obra literária, quando já possuisse razoável domínio nessa língua. Em consequência devem distinguir-se dois tipos de alunos: o aluno que pretende estudar a língua utilizando também o texto literário e o aluno que pretende um programa mais aprofundado numa área específica de ensino em estudos literários. Estes dois tipos de alunos, muito embora possam aparentar pontos de contacto nos seus estudos, apresentam principalmente muitas diferenças, pelo que os métodos de ensino também devem ser distintos:

Os problemas que surgem na prática da leitura de textos literários nas aulas de língua estrangeira podem dividir-se em problemas que se referem às dificuldades de língua e outros que se referem à recepção literária, que vou distinguir, embora ambos estejam intimamente ligados.⁸

Neste trabalho centraremos a nossa atenção no primeiro caso, tendo especial relevância a questão do estudo da literatura naquilo em que a mesma pode contribuir para

⁷ Ibid., p.xi.

⁸ SOMMER, Nair Nagamine, HERHUTH, Maria José Peres, GARTNER, Eberhard, *Contribuições para a didáctica do português língua estrangeira: Actas do IV Congresso da Associação de Lusitanistas*, TFM-Verlag, Teo Ferrer de Mesquita, 2003, p. 290.

a aprendizagem da língua e das culturas que lhe são inerentes, sendo assim extremamente importante a contribuição dos estudos interculturais.

O ensino de uma língua não materna, no seu modelo tradicional, assentava basicamente na tradução e retroversão de textos, em regra de autores consagrados da língua em estudo, para o qual era aconselhado o uso do dicionário, com procura do significado das palavras desconhecidas contidas no texto. Este método de ensino/aprendizagem ficou conhecido pelo nome de “Método de Gramática-Tradução” (Método Tradicional).

Nos modelos de intervenção didática atuais, a importância é colocada na apreciação estética da obra literária no seu todo, bem como na representação da língua, da cultura e da mundividência da língua em estudo, como aponta Maria Graciete Vilela, no seu ensaio “Sobre o ensino da literatura: os ensinamentos de Xerazade”:

A aplicação, na didática da literatura, na década de 70, do paradigma formalista – estruturalista se, por um lado, conferiu ao texto e à sua análise, o lugar de destaque que lhe é devido e reconhecido, marginalizou, por outro lado, o enquadramento histórico e cultural dos textos e a figura do autor. Nas últimas décadas esta situação foi sendo progressivamente alterada, permitindo uma leitura poliédrica da obra literária, tendo em conta, não apenas a própria obra em si, mas também a entidade que a produziu e o sistema estético-literário em que se insere.⁹

Assim, o foco da atenção foi alterado e é dada cada vez maior relevância às questões da didática da literatura.

Apesar do nosso trabalho ser predominantemente dedicado à utilização do texto literário nas aulas de língua estrangeira, neste caso, textos do escritor português Wenceslau de Moraes no ensino de língua e cultura portuguesas a alunos japoneses, não

⁹ VILELA, Maria Graciete, Sobre o ensinamento da literatura: os ensinamentos de Xerazade, in *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, vol. 2, pag. 633-641, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2005, p. 637.

deixa de ser importante referir os estudos recentes que defendem o uso da literatura como instrumento de aprendizagem de uma língua estrangeira. Isto, porque algumas décadas atrás esse ensino tinha sido pautado por uma negação da literatura em aulas de língua ou uma tendência para a relegar para um segundo plano, por se apresentar com maior dificuldade de compreensão em termos de aprendizagem. No entanto, estudos recentes demonstram precisamente o contrário:

In recent times a renewed interest has emerged in the teaching of literature in the language class, and quite a lot has been written on the subject whereas, in the past, not much was actually said about literature in foreign language classes. At one time it was included in courses without there ever having been much discussion about why it was a part of the course, perhaps because its place was taken for granted, its use obvious and therefore there was no need to say much about it. Later, though, with a greater emphasis put on the spoken language in foreign language classes, the tendency was one of drawing away from literature and, in fact, it ceased to be a component of many courses of English as a second or foreign language, its prominence in the course giving way. In the 1980's, however, things started to change in language teaching. There was continued debate on the place of literature in the EFL/ESL classroom and the interface of literature and language, so that the teaching of literature is now often seen within the framework of three main models: the cultural model; the language model; the personal growth model.¹⁰

Neste trabalho centraremos a nossa atenção no estudo da língua que pode realizar-se através dos contributos da literatura. Não deixamos, no entanto, de focar algumas questões de didática da literatura no seu campo específico de estudos.

Ultimamente tem-se vindo a registar uma tendência para aumentar a frequência de ensino da literatura a estudantes de PLE como reacção à tendência anterior de

¹⁰ Actas do 4º Encontro Nacional do Ensino das Línguas Vivas no Ensino Superior em Portugal, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999, p. 211.

favorecimento do ensino da oralidade que vem já do Método Direto e se prolonga depois na Abordagem Comunicativa ou da língua para finalidades comunicativas mais utilitárias. Como referimos, tinha havido um descréscimo de atenção ao ensino da literatura nas classes de língua por se favorecerem paradigmas que não incluíam esta aprendizagem. Considerava-se então o ensino da literatura como uma prática que não traria benefícios para o aluno ou não traria pelo menos benefícios significativos que compensassem os custos.

Segundo a tendência atual, baseada nas novas descobertas científicas no campo da psicologia e da socio-linguística, tem-se colocado novamente a ênfase no ensino da literatura, mas desta vez através de um paradigma diferente. Agora os objetivos do seu ensino são mais diversificados, incluindo a componente de integração social do aprendente/leitor, a relação interpessoal com o texto, os factores interculturais e multiculturais que se manifestam na relação estabelecida com o texto. Procura-se, assim, um envolvimento do leitor através da ligação com o texto a vários níveis (interpretação, desenvolvimento pessoal, relacionamento interpessoal) em vez de uma mera aquisição de conhecimento factual. Como refere Lothar Bredella:

“It is one of the weaknesses of traditional methods in teaching literature that they regard the literary text as a form of “strong communication” and give the impression that the teacher knows the correct interpretation instead of encouraging students to explore the implications of weak communication. Such a process would involve the students and give them pleasure by becoming creative and discovering a variety of meanings.”¹¹

Uma das estratégias da didática da leitura prevê a criação de condições favoráveis ao estudante/leitor para que o processo decorra da melhor forma.

¹¹ BREDELLA, Lothar, DELANOY, Werner, *Challenges of literary texts in the foreign language classroom*, Gunter Narr Verlag Tubingen, 1996, p. viii.

Para além dos aspectos tradicionais como adequação do espaço, tempo de reflexão e silêncio, propõe-se a criação de um ambiente propício ao tema de leitura em estudo.

Assim e tendo como referência não apenas os recentes avanços da ciência nos estudos de psicologia cognitiva e do processamento de textos, mas também os desenvolvimentos trazidos em anos recentes pela própria Linguística Sistémico-Funcional de M.A.K. Halliday¹², com propostas de ensino por tarefas e da abordagem comunicativa, procura-se informar o estudante/leitor da área temática que se propõe ler ou estudar.

Esta abordagem permite uma melhor e mais rápida apreensão do significado do texto e da sua decodificação.

Tal método melhora a compreensão e apreensão do texto e da língua em estudo, porque a análise do texto tendo como referencial a própria língua incorpora problemas de análise e interpretação que não se encontram noutras ciências. Através deste estudo pode-se aceder não apenas à literatura (com os seus variados aspetos culturais, pessoais, literários, etc) mas também à própria língua: “One of the essential challenges of literary texts in the foreign language classroom consists of connecting foreign language learning and understanding literary texts.”¹³

Através do uso das novas tecnologias como a internet e os diversos sistemas de suporte de dados digitais e tratamento informático da informação (CD-Rom, DVD, hipertexto, etc.), é possível ir ao encontro das recentes noções da abordagem comunicativa, centragem no aprendente e linguística sistémico-funcional, nomeadamente por intermédio de propostas de aprendizagem baseadas em tarefas (*task based learning*).

Estas novas ferramentas digitais permitem, através do uso conjunto de imagens, audio e texto, incorporar as noções mais recentes em termos de ensino/aprendizagem de

¹² HALLIDAY, M.A.K, *An Introduction to Functional Grammar*, 3rd ed., Oxford University Press, New York, 2004.

¹³ BREDELLA, Lothar, DELANOY, Werner, *Challenges of literary texts in the foreign language classroom*, Gunter Narr Verlag Tübingen, 1996, p.xvi

línguas tendo ficado conhecidas em língua inglesa pelo acrónimo CALL (*computer assisted language learning* – aprendizagem de línguas assistida por computador).

Facultam assim, uma maior ação e interação do aprendente e da sua participação ativa na aquisição de conhecimento, obtendo ainda uma maior autonomia, o que pode ser relevante em situações onde se encontra, por vários motivos, privado da presença física do professor.

1.2 A importância do cânone

A importância da literatura consiste sobretudo em despertar o gosto do estudante pela leitura, análise e interpretação de textos, permitindo-lhe, desse modo, o desenvolvimento das suas capacidades na língua (capacidades linguísticas). Por outro lado, é importante que o aluno seja incentivado para o texto por algo mais do que o próprio texto. Neste caso, procura-se levar o leitor a familiarizar-se com o tema do texto, quer por intermédio de imagens, quer através de pequenas tarefas que o predispõem para uma leitura mais atenta, ativa e participativa.

Muitas vezes o gosto pelo texto consegue-se por intermédio do gosto pela cultura. Assim, ao darmos uma visão dos aspectos culturais presentes num texto poderemos estimular em simultâneo o interesse pela aprendizagem da língua, contribuindo para que muitas das suas dificuldades sejam colmatadas.

O aprendente adulto de uma língua estrangeira possui já um vasto vocabulário na sua língua materna, o que constitui problema maior na sua aprendizagem de uma língua estrangeira não é, muitas vezes, saber o significado de uma palavra, que pode colmatar-se

facilmente com a ajuda de um dicionário. As dificuldades residem, em muitos casos, na interpretação cultural de um conceito que pode não ter correspondência direta na língua-alvo.

Nestes casos, é necessário recorrer a estratégias de aprendizagem que não se limitem ao mero uso do dicionário como nos era proposto pelo método gramática-tradução. A execução de tarefas de aprendizagem, como nos propõe a Linguística Sistémico Funcional, aliadas ao estudo da cultura, são porventura um complemento adequado.

A abordagem comunicativa apresenta-se como uma visão geral dos mais recentes métodos de aprendizagem, privilegiando os atos linguísticos em situações de comunicação autênticas. No entanto, os manuais de ensino apresentam normalmente uma tendência para a sobrevalorização da ênfase na oralidade e a utilização de pequenos excertos de obras não representa como se pretende o texto autêntico nem permite a plena fruição da obra literária: “o livro didático é um instrumento fechado em si e precisa de materiais complementares para que certos elementos sejam aprofundados.”¹⁴

Surgem ainda vários cursos de língua paralelos que se oferecem tanto ao aprendente em fase de iniciação como em fase avançada (vocabulário para fins específicos, conversação, gramática, composição e escrita,...) mas todas estas especificidades incluem apenas uma pequena parte do que se entende por conhecimento de uma língua.

Nesta conformidade consideramos que a leitura de textos literários pressupõe o conhecimento global destas áreas para que seja possível a sua compreensão e fruição. No

¹⁴ TAKAHASHI, Neide Tomiko, *Textos literários no ensino de português-língua estrangeira (PLE) no Brasil*, dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008, p.124.

entanto, este estudo específico mais abrangente é muitas vezes relegado para segundo plano quando não ignorado de todo.

Algumas das razões dessa desvalorização da literatura têm a ver com o facto de, por um lado a literatura ser considerada de difícil aprendizagem e pouco útil a quem procura aprender uma língua como forma de obter um emprego, e, por outro lado, o estudo da literatura aparecer muitas vezes associado ao uso de métodos tradicionais de ensino em que era dada maior relevância à leitura e tradução da literatura canónica da língua em estudo.

Especialmente e, por último, o facto de a literatura ser entendida, por vezes, como algo penoso e de difícil acesso aos aprendentes com domínio incipiente na língua-alvo.

1.3 Notas sobre a evolução do ensino da língua

A teoria proposta pela Abordagem Comunicativa dando primazia à participação do aprendente em situações de comunicação, colocava o enfoque em situações de preferência tão autênticas, quanto possível, consideradas representativas de atos ilocutórios.

Surgiu, assim, uma tendência para contrariar o chamado ensino tradicional, caracterizado pelo contacto com as grandes obras literárias e autores consagrados da língua em estudo, procurando-se agora um ensino baseado nos chamados “documentos autênticos” e em situações de comunicação.

Associada a esta nova visão do ensino/aprendizagem está a ideia da centragem no aprendente, ou seja, dever-se-á ter em consideração os objectivos de aprendizagem

específicos de cada aprendente e as razões que o levam ao estudo da língua, suas necessidades e interesses.

Esta centragem no aprendente transfere a ênfase do ensino/aprendizagem do professor para o aluno, adquirindo o aprendente um papel preponderante na progressão de conhecimentos, bem como na definição dos objectivos da aprendizagem. O papel do professor passa do antigo *Magister Dixit* para uma função de orientação e motivação do aprendente com vista à melhoria de resultados.

Com a primazia dada ao uso de documentos autênticos na aprendizagem houve, por outro lado, uma tendência para menosprezar as formas de ensino baseadas em métodos considerados ultrapassados e inadequados, como eram os métodos de abordagem do texto literário. E daí a tendência inevitável de subalternizar o ensino da literatura como enfadonho, difícil e sem utilidade. Ao longo deste trabalho tentar-se-á contrariar este posicionamento crítico.

Assim, e tendo por base as últimas pesquisas efetuadas em termos de ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, proporemos o uso da literatura como método de ensino viável, e até mesmo desejável, para uma boa orientação e sucesso na aprendizagem de uma língua estrangeira.

Atualmente existem vários estudos e trabalhos académicos que reforçam esta tendência de reavaliar o papel da literatura no ensino de uma língua estrangeira, seja pelo seu papel pedagógico no estudo da língua seja pela importância de que se reveste no seu campo específico de estudos ao nível da aquisição de competências literárias, interculturais e sociais dos aprendentes.

Em nosso entender a disciplina da literatura, no seu campo específico de estudos (estudos literários), pode conferir uma mais valia acrescida ao proporcionar ao aprendente

um desenvolvimento das faculdades cognitiva e interpretativa, ao mesmo tempo que possibilita a aquisição de competências múltiplas.

A dimensão literária revela-se, deste modo, de importância considerável para o estudo de uma língua estrangeira também pelas suas capacidades pedagógicas.

Como salienta Maria José Meira, o acento tónico colocado numa aprendizagem linguística baseada apenas em aspetos de natureza utilitária ou coloquial será necessariamente redutora por não ter em consideração o acesso à dimensão estética da língua e, por conseguinte a aspetos fundamentais da cultura, sobretudo quando se trata de uma aprendizagem com finalidades académicas¹⁵.

A didática visa indicar caminhos no sentido de facilitar e melhorar a aplicação das teorias linguísticas e literárias ao ensino da língua e literatura, utilizando textos literários com fins pedagógicos no ensino/aprendizagem de línguas. Serve-se para isso de ferramentas próprias comuns a outros processos didáticos, socorrendo-se sempre que necessário, do auxílio de outras ciências como a psicologia, sociologia, filosofia, empregando nos seus métodos de análise sistemas de interpretação da informação como a estatística, a semiótica ou a linguagem cibernética.

1.4 A Didática e a didática da literatura

A didática é uma ciência muito antiga que nasce com a necessidade do homem transmitir conhecimentos e procurar a melhor forma de alcançar esse objetivo.

Continuamos a considerar que sem o conhecimento científico não será viável o exercício

¹⁵ Como foi já referido por Maria José Meira em: MEIRA, Maria José, *Para uma Pedagogia Integrada do Ensino da Língua e da Literatura a Falantes Não Nativos: a escrita ficcional de David Mourão-Ferreira*, tese de doutoramento, apresentada à F.L.U.L. em Julho de 2009, p. 157.

da função docente. A didática apesar da sua importância constitui uma ferramenta para o saber fazer. Contudo, a ausência de conhecimento científico é completo impedimento ao exercício da função docente, como foi já afirmado por Danièle Sallenave.¹⁶

No Renascimento surgem várias obras didáticas cujo fim era dar a conhecer métodos adequados a diversas situações de ensino. No entanto, informações sobre como proceder em determinados momentos sempre foram transmitidas por diversos meios, entre os quais os exemplos normativos das obras literárias.

Podemos talvez considerar, de uma forma geral, a *Didática Magna* de Comenius como o início de uma nova fase (mais estruturada e sistemática) da didática.

A didática da literatura, por outro lado, é uma disciplina que procura encontrar métodos adequados para promover o conhecimento dos textos literários, ou seja, o conhecimento sobre a obra literária através de diferentes métodos de estudo do texto. Assim sendo, pode dizer-se que se trata de uma disciplina que surge da necessidade de o homem interpretar a obra literária e uma forma de a questionar e dar a conhecer.

Nos anos 60 surgem várias teorias acerca dos estudos literários que ficaram conhecidas como métodos formalistas e estão na origem, por sua vez, dos métodos estruturalista e semiótico, muito aclamados em meados do século passado.

Estes métodos procuravam uma análise dos textos literários (“close reading”) com o objetivo da apreensão do sentido intrínseco sem ter em consideração aspetos biográficos do autor.

Esta tendência anterior dava primazia aos métodos de tradução e retroversão e à reprodução do conhecimento transmitido pelo mestre.

Com os novos métodos estruturais e semióticos procurou-se estabelecer uma metodologia de análise do texto em si e da sua natureza. Desta forma tentou-se dar um

¹⁶ SALLENAVE, Danièle, *À Quoi sert la littérature?*, Les éditions Textuel, Paris, 1997.

sentido ao estudo do texto que permitisse uma observação mais atenta e aprofundada da sua estrutura com o objetivo de melhor chegar à sua compreensão e fruição.

2. Parâmetros para o E/A das línguas

Ao longo da realização deste trabalho, optámos por utilizar o documento Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas do Conselho da Europa (QECR), como principal instrumento orientador da nossa reflexão.

Torna-se assim necessário, antes de mais, entender em que consiste o QECR, que se apresenta definido deste modo:

O Quadro Europeu Comum de Referência (QECR) fornece uma base comum para a elaboração de programas de línguas, linhas de orientação curriculares, exames, manuais, etc., na Europa. Descreve exhaustivamente aquilo que os aprendentes de uma língua têm de aprender para serem capazes de comunicar nessa língua e quais os conhecimentos e capacidades que têm de desenvolver para serem eficazes na sua actuação. A descrição abrange também o contexto cultural dessa mesma língua. O QECR define, ainda, os níveis de proficiência que permitem medir os progressos dos aprendentes em todas as etapas da aprendizagem e ao longo da vida.¹⁷

Promovido pelo Conselho da Europa, o QECR apresenta-se como um instrumento indispensável, porque atualizado e baseado em modelos estudados internacionalmente, fornecendo as mais recentes descobertas e inovações em termos de investigação no ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, o que o torna uma referência imprescindível num trabalho desta natureza.

O QECR, como se esclarece logo desde o início da sua apresentação, não se institui como uma norma imposta de forma inflexível, mas bem pelo contrário, pretende fornecer a instituições, professores e aprendentes, instrumentos que lhes permitam elaborar os seus próprios programas e métodos, considerados mais relevantes e pertinentes para os objectivos a alcançar.

¹⁷ QECR, p. 19

Embora não impondo regras, o QECR, fornece diretivas e orientações consideradas pertinentes pelo grupo europeu de estudo que o elaborou.

Abrangendo áreas tão diversas e complexas como a psicologia, a didática, a pedagogia entre outras: a sociologia ou a história das línguas e das literaturas, incluindo mesmo as mais recentes perspectivas sobre a cultura, o plurilinguismo e o pluriculturalismo, abrangendo assim também a interculturalidade, o QECR é um documento holístico de referência estruturado de forma a poder ser utilizado tanto por professores, como por aprendentes (ou ainda instituições diversas) de forma a que cada um possa encontrar uma orientação em função dos seus próprios objetivos.

Apesar de não pretender ser um instrumento normativo para a questão do ensino/aprendizagem de línguas, o QECR procura funcionar, no entanto, como um sistema balizador e orientador sobre esta questão ao nível da União Europeia.

No Japão, encontramos outros modelos de orientação do ensino/aprendizagem, bem como outras formas de estabelecer a avaliação do progresso do aprendente, o que poderá permitir uma reflexão sobre os distintos modelos. Contudo, essas diferenças são facilmente ultrapassadas se pensarmos que se trata da língua portuguesa que constitui objeto do nosso estudo.

Sendo um documento elaborado pela comissão do Conselho da Europa, o QECR tem ainda o objetivo de promover a diversidade linguística no seio da União Europeia, preocupação mencionada frequentemente ao longo da sua apresentação:

À luz destes objectivos, o Conselho de Ministros sublinhou “a importância política de desenvolver, nos nossos dias e no futuro, domínios de acção específicos, tais como estratégias para diversificar e intensificar a aprendizagem de línguas, de modo a promover o plurilinguismo num contexto pan-europeu” e chamou a atenção para a importância do desenvolvimento de mais laços educativos e de intercâmbio e da

exploração do enorme potencial das novas tecnologias da informação e da comunicação.¹⁸

Todavia, no presente trabalho centramos a nossa atenção no interesse de ter uma visão mais ampla para a problemática do ensino/aprendizagem da língua portuguesa.

Entramos aqui num aspeto da política linguística, que será um outro importante campo de investigação.

A importância da promoção da língua portuguesa trans-fronteiras está mais do que reconhecida, focando-se em particular nos princípios e diretrizes emanadas das decisões do Conselho da Europa e seguindo a par e passo as tomadas de decisão de outros países europeus.

Ora, não desmerecendo a extrema importância do espaço europeu, julgo imperiosa a necessidade de promoção da nossa língua e cultura num contexto mais lato.

Como pioneiros no estabelecimento das rotas marítimas que permitiram a união entre povos e culturas muito diversos, os portugueses tornaram-se privilegiados elos de ligação no estabelecimento de contactos entre povos espalhados pelo mundo. Tal é bem reconhecível na expressão da cultura portuguesa fora do espaço nacional. Esta característica única da cultura portuguesa (comparável apenas muito levemente àquelas dos países que são hoje em dia dos mais representativos na União Europeia: Inglaterra, França, Espanha, Holanda) é de importância capital e não deve ser descurada.

Como país extremo onde os portugueses chegaram durante as suas viagens de expansão comercial, o Japão é, por sua vez, dos países mais representativos dessa reciprocidade linguística e cultural exercida entre dois povos que entram em contacto, com características únicas advindas desse encontro. Conforme aponta o embaixador Armando Martins Janeira no seu *O Impacte Português sobre a Civilização Japonesa*:

¹⁸ QERC p. 23.

“Com exceção do Brasil, em nenhum país Portugal exerceu tão profunda influência como no Japão.”¹⁹

Enquanto encontro económico, cultural e linguístico de tão elevada importância para ambos os povos, esta relação entre Portugal e o Japão pode ser vista como um ato simbólico da importância dessa promoção de diversidade cultural e linguística. Prova desse facto é a importância demonstrada por ambos os países nas comemorações dos 150 anos do Tratado de Amizade e Comércio de Portugal com o Japão, celebradas este ano.

A diversidade cultural promovida e incentivada pela União Europeia atinge, no modelo português, um dos seus mais altos padrões enquanto país de influência cultural disseminada por todas as suas rotas e cuja cultura sofreu influências exteriores diversas e multifacetadas, de acordo com as culturas com que entrou em contacto ao longo de vários séculos de trocas comerciais, linguísticas e culturais.

O QECR alerta para a mudança de paradigma que se tem operado nos últimos anos na perspetiva do ensino/aprendizagem de línguas:

Deste ponto de vista, a finalidade do estudo das línguas modificou-se profundamente. Não se trata já de alcançar “mestria” em uma, duas ou mesmo em três línguas (cada uma colocada no seu lugar), tendo como modelo final o “falante nativo ideal”. Em vez disso, a finalidade passa a ser o desenvolvimento de um repertório linguístico no qual têm lugar todas as capacidades linguísticas. (...)

As consequências desta mudança de paradigma não foram ainda totalmente regulamentadas e passadas à prática. A evolução mais recente do programa de línguas do Conselho da Europa foi pensada de modo a que pudessem ser produzidos instrumentos utilizáveis por todos os profissionais do ensino das línguas na promoção do plurilinguismo. O *Portfolio* Europeu de Línguas (PEL), em particular, fornece um enquadramento no qual pode ser registada e formalmente reconhecida a aprendizagem de línguas e de experiências interculturais dos mais diversos tipos. Com esta finalidade, o QECR fornece, para

¹⁹ JANEIRA, Armando Martins, *O impacte português sobre a civilização japonesa*, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1970, Perfácio, p. 11.

além de uma escala para todos os aspectos da proficiência linguística numa dada língua, uma análise do uso da língua e das competências linguísticas, o que torna mais fácil, para aqueles que trabalham na área a definição de objectivos e a descrição de níveis de êxito em todas as capacidades, de acordo com as várias necessidades, características e recursos dos aprendentes.²⁰

Esta mudança de rumo relativamente à finalidade do estudo das línguas levou, por sua vez, a uma mudança de paradigma nos conceitos de ensino/aprendizagem. Como intimamente associados ao conceito de língua, os conceitos de cultura e de interculturalidade ganharam importância crescente nos processos de aprendizagem de uma língua.

Não é já possível imaginar o estudo de uma língua estrangeira como algo isolado e independente, estando essa língua de uma forma ou de outra, sempre interligada com a cultura que lhe deu origem e sobre a qual exerce uma influência profunda e marcante.

Embora seja dirigido a um público privilegiadamente europeu, com a intenção de promover a diversidade linguística e o plurilinguismo na Europa, o QECR pode ser também útil e proveitoso, como facilmente se depreende a partir dos conceitos que enuncia, para a promoção da diversidade linguística no mundo.

O conceito de plurilinguismo poderá ser melhor compreendido pelo aprendente de nacionalidade japonesa, se tiver em conta que um aprendente empenhado na aprendizagem de uma língua latina como seja o Português, mais facilmente compreenderá e dominará outra língua da mesma família linguística como é o caso do Espanhol, ou do Italiano, por exemplo. O mesmo sucedendo para outras famílias linguísticas. Esta teoria ficou conhecida como hipótese Sapir-Whorf.²¹

²⁰ QECR, p. 24

²¹ CRYSTAL, David, *A Dictionary of Linguistics & Phonetics*, 5th ed., Blackwell Publishing, Oxford, 2003, p. 405.

Outra característica relacionada com o plurilinguismo mencionada no QECR é o facto de qualquer pessoa conseguir aprender mais facilmente uma língua estrangeira à medida que vai conhecendo outras línguas estrangeiras diferentes. Como defenderam Sapir e Whorf.

Quantas mais línguas estrangeiras conhece, mais facilmente conseguirá aprender e dominar outras, por um processo muito simples de reconhecimento de certos padrões, muitos deles culturais.

Mais importante para um público extra-europeu é a questão do pluriculturalismo mencionado no QECR e a sua íntima relação com o plurilinguismo:

O plurilinguismo tem que ser visto no contexto do pluriculturalismo. A língua não é apenas um aspecto fundamental da cultura, mas é também um meio de acesso a manifestações culturais. Muito do que acima foi dito se aplica de igual modo a um campo mais geral. Na competência cultural de um indivíduo, as várias culturas (nacional, regional, social) às quais esse indivíduo teve acesso não coexistem simplesmente lado a lado. São comparadas, contrastam e interagem activamente para produzir uma competência pluricultural enriquecida e integrada, da qual a competência plurilingue é uma componente que, por seu turno, interage com outras componentes.²²

Com o aumento do número de imigrantes em território japonês, esta tem vindo a ser uma preocupação das autoridades do país de forma a conseguir dar uma resposta afirmativa à diversidade cultural e linguística que tem vindo a manifestar-se, de forma acelerada, naquele território em anos recentes.

²² QECR, p. 25

Um destes grupos de imigrantes presente de forma muito significativa em território japonês é precisamente o grupo que usa a língua portuguesa como meio de comunicação - os emigrantes brasileiros e seus descendentes (nisseis).

O QECR faz uma especial advertência para a atenção que deve ser dada aos níveis de estudo mais avançados, como é o caso do público-alvo do presente estudo que privilegia o aprendente de nacionalidade japonesa de nível C, ou seja, com capacidade de mestria. Diz o QECR:

Ao considerar o papel do QECR em estádios mais avançados da aprendizagem de línguas, é necessário levar em linha de conta as modificações na natureza das necessidades dos aprendentes e o contexto no qual eles vivem, estudam e trabalham. São necessárias qualificações gerais, a um nível para além do limiar, as quais podem ser enquadradas tomando o QECR como referência. Têm de ser, naturalmente, bem definidas, bem adaptadas às situações nacionais e abranger áreas novas, especialmente no campo cultural e em domínios mais especializados. Além disto, os módulos ou conjuntos de módulos adaptados às necessidades específicas, às características e aos recursos dos alunos podem desempenhar um papel importante.²³

Estas advertências do QECR relativas ao importante papel que desempenham as necessidades dos aprendentes de nível avançado e que se distanciam relativamente das que revelam os aprendentes de níveis inferiores visto terem em linha de conta os aspectos culturais, o quotidiano do aprendente e as suas características pessoais, são evidentemente, uma vez mais, tomadas em consideração durante a realização deste trabalho, tendo em atenção a sua pertinência.

Ainda segundo o Quadro:

Deve ter-se presente que o desenvolvimento de uma proficiência comunicativa envolve outras dimensões para além da dimensão estritamente linguística (p. ex.:

²³ QECR, p. 26

a consciência sociocultural, a experiência imaginativa, as relações afectivas, o aprender a aprender, etc.).²⁴

Com efeito é este também um dos objetivos deste trabalho, apresentar algumas propostas exemplificativas de tarefas que procurem ir ao encontro das necessidades e interesses específicos do público aprendente e que, de algum modo, possam favorecer e facilitar o estudo.

Desta temática tratará em particular a segunda parte deste trabalho, oferecendo propostas de aplicação do que ficou referido nas aproximações teóricas iniciais, integradas de uma forma prática na elaboração do CD-Rom sobre Wenceslau de Moraes.

Levantam-se então novas questões no ensino/aprendizagem de línguas (nomeadamente para um público especificamente japonês) como, por exemplo, o papel desempenhado pelas tecnologias da informação e da comunicação (TIC) nas relações do aprendente em situação de ensino/aprendizagem de línguas. Será analisado ainda o papel da literatura e da cultura durante esse mesmo processo de aprendizagem.

Todas estas questões nos parecem pertinentes para um aprendente de uma língua estrangeira, mas mais ainda para um aprendente cujas referências de origem são bem distintas da cultura-alvo com todas as consequências inerentes a essas diferenças, durante este processo de apropriação.

Com a elaboração deste trabalho pretende-se construir um objeto didático e coerente que siga as orientações dadas no QECR e abranja a “relação harmoniosa” entre as suas componentes:

- identificação de necessidades;
- definição de objetivos;

²⁴ QECR, p. 27

- delimitação de conteúdos;
- seleção ou produção de materiais;
- elaboração de programas de ensino/aprendizagem;
- escolha dos métodos de ensino e de aprendizagem usados;
- avaliação e testagem.²⁵

Contudo, este objetivo não implica, tal como a relação que se pretende estabelecer com o QECR, “a imposição de um sistema único e uniforme”, sem possibilidades de variações e adaptações segundo as necessidades dos seus utilizadores.

Assim, numa linha paralela traçada pela elaboração do QECR pretende-se que este trabalho reflita as seguintes orientações:

- multiusos: utilizável para toda a variedade de finalidades envolvidas no planeamento e na disponibilização de meios para a aprendizagem de línguas;
- flexível: adaptável à utilização em diferentes circunstâncias;
- aberto: capaz de ser aumentado e aperfeiçoado;
- dinâmico: em evolução contínua, correspondendo à experiência do seu uso;
- amigável: apresentado sob uma forma rapidamente compreensível e utilizável por todos a quem se dirige;
- não-dogmático: não ligado, de modo irrevogável e exclusivo, a nenhuma das teorias e práticas concorrentes da Linguística ou das Ciências da Educação.²⁶

Pode ler-se no QECR:

Simultaneamente, no ensino e na aprendizagem, é possível que o objectivo e, consequentemente, a avaliação, possam focalizar uma componente ou subcomponente específica (sendo as outras componentes consideradas como meios para atingir fins ou como aspectos a enfatizar noutras alturas ou irrelevantes para as circunstâncias em causa). Aprendentes, professores,

²⁵ QECR, p. 27

²⁶ QECR, p. 27

organizadores de cursos, autores de materiais educativos, examinadores, estão inevitavelmente implicados neste processo de focalização numa dimensão específica, na decisão sobre o grau de importância dada a outras dimensões e no modo de dar conta destas escolhas. Adiante serão dados exemplos ilustrativos desta afirmação. Todavia, é absolutamente evidente que, embora seja frequentemente afirmado que a finalidade de um programa de ensino/aprendizagem é o desenvolvimento de capacidades de comunicação (possivelmente porque esse conceito é mais representativo de uma abordagem metodológica?), alguns programas esforçam-se, na realidade, por atingir um desenvolvimento qualitativo ou quantitativo das actividades linguísticas numa língua estrangeira, outros acentuam o desempenho num domínio específico, outros, ainda, o desenvolvimento de certas competências gerais, enquanto outros estão preocupados principalmente com o aperfeiçoamento de estratégias. A pretensão de que “tudo está ligado” não significa que os objectivos não possam ser diferenciados.²⁷

De forma a procurar especificar melhor a dimensão que se pretende dar a este trabalho tentaremos definir, na medida do possível, os seus limites balizadores.

Assim, embora o que se pretenda desenvolver no aprendente seja, em primeiro lugar, as suas competências específicas, tal como são definidas no QECR, que se prendem com o desenvolvimento de competências ligadas ao texto literário como ferramenta estratégica para o ensino/aprendizagem de línguas estrangeiras, não deixa de ser importante mencionar que as competências gerais mencionadas no QECR terão também, obviamente, implicações directas ou indirectas neste processo.

Diz-nos o QECR uma vez mais que:

Toda a comunicação humana depende de um conhecimento partilhado do mundo. No que diz respeito ao uso e à aprendizagem de línguas, o conhecimento que é posto em marcha não se encontra relacionado directamente com a língua e a

²⁷ QECR, p. 30 e 31

cultura de forma exclusiva. O conhecimento académico num domínio científico ou técnico e o conhecimento empírico ou académico num domínio profissional têm claramente um papel importante na recepção e na compreensão de textos numa língua estrangeira relacionados com estes domínios. O conhecimento empírico relacionado com a vida quotidiana (organização do dia, horas de refeição, meios de transporte, comunicação e informação), no domínio público ou no privado, é, também, essencial para a gestão de actividades linguísticas numa língua estrangeira. O conhecimento dos valores partilhados e das crenças dos grupos sociais doutros países e regiões, tais como crenças religiosas, tabus, história comum, etc., são essenciais para a comunicação intercultural.²⁸

Esta perspetiva vai ao encontro do que ficou dito na transcrição acima e segue os princípios balizadores estabelecidos pelo QECR para o ensino/aprendizagem de línguas vivas, bem como para o desenvolvimento das competências gerais do indivíduo como membro de uma comunidade.

De facto, se tivermos em consideração o caso de um aprendente originário de uma dimensão cultural tão distinta da dimensão cultural portuguesa como é o caso do aprendente japonês, poderemos compreender a importância deste aspeto.

Se o aprendente em causa se encontrar em situação de imersão linguística no território português, como pressupomos no presente trabalho, esta dimensão cultural ganha uma importância ainda maior. Isso leva-nos a considerar esta dimensão cultural intimamente relacionada com as competências gerais do indivíduo como um fator importante a ter em linha de conta aquando da definição e delimitação dos seus objetivos específicos.

²⁸ QECR, p. 31

Dentro do quadro geral das competências individuais do aprendente/utilizador de uma língua, o QECR destaca aquelas que estão englobadas da competência comunicativa em língua propriamente dita a saber²⁹:

- a competência linguística
- a competência sociolinguística
- a competência pragmática

Estas competências são também elas tidas em consideração ao longo deste trabalho pela importância de que se revestem para o aprendente/utilizador de uma língua estrangeira.

Por ora, faremos apenas uma breve aproximação, pois elas irão regressar quando discutirmos outros aspetos da aprendizagem de línguas.

Com efeito, a competência linguística diz respeito ao conhecimento do funcionamento da língua enquanto sistema, bem como aos conhecimentos e às capacidades lexicais, fonológicas e sintáticas. É essencialmente aquilo a que chamamos vulgarmente de gramática implícita, mas supõe um conhecimento mais profundo, que leva à compreensão do funcionamento das relações gramaticais entre si.

A competência sociolinguística está relacionada com as situações de uso da língua em que existe interação social e onde as relações interculturais têm um papel muito importante. Segundo o QECR, “a componente sociolinguística afecta fortemente toda a comunicação linguística entre representantes de culturas diferentes, embora os interlocutores possam não ter consciência desse facto.”³⁰

²⁹ Cf., QERC, Cap.2.1.2, p.34

³⁰ QERC, p. 35

Esta competência é de extrema importância para o aprendente/utilizador de uma língua estrangeira, principalmente quando em situação de imersão, como é o caso representativo deste estudo.

No capítulo relativo às atividades linguísticas³¹, o Quadro faz a distinção entre quatro tipos de atividades que permitirão ao aprendente/utilizador da língua ativar a sua competência comunicativa.

Assim, temos a atividade de produção, a atividade de recepção, a atividade de interação e a atividade de mediação, podendo cada uma destas atividades ser realizada na oralidade, na escrita ou em ambas.

As duas primeiras apresentam um papel de processos primários, uma vez que ambas são necessárias à interação e, entre as duas, é sobretudo a atividade de recepção que mais importa a este estudo, uma vez que as atividades propostas incluem tarefas como a leitura silenciosa, consulta de documentos, compreensão dos conteúdos, pesquisa e estudo individual.

Também a atividade de produção será sumariamente abordada ao longo deste trabalho pois tem um papel imprescindível numa abordagem holística e integrante embora represente um sub estágio posterior ao processo que se pretende implementar.

A atividade de interação, quando vista da perspectiva da interação entre dois indivíduos é talvez aquela que menos relevância terá para o presente trabalho, uma vez que, tirando a natural interação textual exercida que se estabelece numa relação de diálogo com o texto e que está bem patente nos inúmeros estudos sobre a intertextualidade, a interação propriamente dita como normalmente a antevemos tem um papel praticamente nulo na presente proposta.³²

³¹ Cf. QERC, cap. 2.1.3. Atividades Linguísticas, p. 35

³² BREDELLA, Lothar, *Introdução à didáctica da literatura*, Publicações Dom Quixote, 1989.

Por outro lado, das quatro formas de atividade propostas pelo QEER, talvez a que melhor se adequa ao que se propõe com este trabalho seja a atividade de mediação.

Uma vez mais de acordo com o QEER: “Tanto nos modos de recepção como nos de produção, as atividades escritas e/ou orais de mediação tornam a comunicação possível entre pessoas que não podem, por qualquer razão, comunicar diretamente.”³³

A mediação será o que vai permitir ao aprendente/utilizador uma verdadeira interação com o texto (seja ele oral ou escrito), pois é só por meio dela que este conseguirá chegar a uma interpretação textual. Isto quer dizer que é só a partir deste momento que lhe será possível adequar o seu discurso porque verdadeiramente toma o seu domínio.

2.1 Definição e caracterização do público

Esta, é claro, uma característica que se espera do aprendente/utilizador com um grau de Mestria (nível C do QEER), pois a mesma envolve praticamente todas as competências desenvolvidas pelo utilizador ao longo do seu percurso de vida e não se podem esperar resultados muito satisfatórios do aprendente de nível inicial (nível A do QEER).

A mediação implica capacidades, competências e processos mentais que estão ainda fora do alcance do aprendente/utilizador ao nível da iniciação.

³³ QEER, p. 36

No que respeita à questão dos Domínios³⁴, estes são definidos no QEER de uma forma geral como comportando quatro sectores: o domínio público, o domínio privado, o domínio educativo e o domínio profissional.

Tendo em conta o aprendente/utilizador, considerado como público-alvo, para o presente estudo, os domínios mais representativos serão o domínio privado e o domínio educativo, pois é nestes que a nossa atenção se deverá focalizar, tendo em consideração os nossos objetivos.

Uma vez que o aprendente/utilizador em análise se encontra em regime de imersão linguística, o domínio público terá obviamente também um papel muito significativo mas de uma forma secundária, se comparado com os outros dois.

Quanto ao domínio profissional, este é praticamente inexistente durante a nossa análise, uma vez que o aprendente/utilizador alvo não se encontra, nem procura inserir-se num domínio profissionalizante.

Este domínio poderá, no entanto, constituir uma opção de especialização futura do nosso público-alvo.

Uma vez que o público-alvo é o estudante japonês de nível C (Mestria), uma parte importante do seu processo de aprendizagem passará pela sua capacidade de auto-avaliação.

Esta capacidade é de extrema importância para qualquer aprendente de línguas estrangeiras, mas em particular para aqueles que, por qualquer motivo, se encontram longe do contacto direto com um professor de língua e por consequência impossibilitados de uma avaliação formal.

A este propósito sublinha o QEER:

³⁴ Cf., QEER, cap.2.1.4

Faz-se também, cada vez mais, apelo à auto-avaliação dos aprendentes, quer para organizarem e planearem a sua aprendizagem quer para informarem outros sobre a sua capacidade para comunicar nas línguas em que não houve uma aprendizagem formal, mas que contribuíram para o seu desenvolvimento plurilingue.

Considera-se agora a apresentação de um **Portfolio Europeu de Línguas** com aceitação internacional. O Portfolio permitirá aos aprendentes fazer prova da sua progressão para uma competência plurilingue, registando toda a espécie de experiências de aprendizagem num grande leque de línguas que, de outro modo, ficaria por certificar e por conhecer. Pretende-se que o Portfolio encoraje os aprendentes a actualizarem regularmente os registos sobre a sua auto-avaliação (em todas as línguas). Será fundamental para a credibilidade do documento que os registos sejam feitos de forma responsável e transparente. A referência ao QECR será a garantia dessa validade.³⁵

Este *Portfolio Europeu de Línguas*³⁶ (PEL) de que nos fala o QECR é de extrema importância, por sua vez, para o nosso aprendente/utilizador em estudo pelo que iremos voltar a abordar este assunto.

Este trabalho abrange tanto o aprendente/utilizador em contexto de aprendizagem formal, isto é, com frequência de aulas orientadas por um professor ou formador, mas também pretende dirigir-se àquele aprendente/utilizador que se situa num contexto não formal de auto-aprendizagem ou que procura uma complementaridade aos seus estudos formais.

Assim, considera-se que se trata de um estudante japonês de PLE de nível C, independentemente de se tratar de nível C1 ou C2 ou em fase de transição de um nível para o outro.

³⁵ QECR, p. 43, 44.

³⁶ EUROPA, Conselho da, *Portefólio Europeu de Línguas – ensino secundário (+16 anos/adultos)*, Ministério da Educação, 2001.

Segunda Parte

3. O ensino de português a estudantes japoneses

3.1 Portugal e Japão: um encontro

Japão e Portugal são dois países geograficamente tão distantes e culturalmente tão diferentes que se poderia supor que nunca se viriam a conhecer ou mesmo a entender mutuamente, parecendo encontrar-se destinados a não cruzarem os seus caminhos, como dois mundos diametralmente opostos.

Felizmente o destino tem desígnios que a razão humana desconhece ou que pelo menos não compreende. Em 1543, segundo Fernão Mendes Pinto na sua obra magistral *Peregrinação*³⁷, três portugueses (entre os quais ele próprio) teriam sido inesperadamente desviados da rota que seguiam no seu navio ao fugirem de piratas chineses, para o que viria a ser conhecido mais tarde por mar do Japão. Deste possível desvio acidental teria resultado um encontro histórico assinalável, com importância significativa tanto para os povos do ocidente como para os do oriente, e com implicações futuras profícuas para os seus protagonistas. Os três portugueses teriam desembarcado numa ilha desconhecida, a ilha de Tanegashima, podendo ter sido eles os primeiros ocidentais a pisar solo japonês.

Embora a veracidade dessa história nunca tenha sido provada, Wenceslau de Moraes, indagado sobre o assunto, afirma que Fernão Mendes Pinto teria muito

³⁷ PINTO, Fernão Mendes, *Peregrinação*, 3.^a edição, Publicações Europa-América, s/d, s/l.

provavelmente chegado ao Japão, mas adverte, que tais conjecturas não podem comprovar-se com as poucas informações que nos chegaram.³⁸

Desde a publicação do *Livro das Maravilhas*³⁹ no século treze, que na versão portuguesa, editada em 1502, aparece com o título *O Livro de Marco Paulo*⁴⁰, que o fascínio pelo extremo-oriental vinha despertando a fantasia e a imaginação dos europeus. Entendido então como um livro de aventuras fantasioso e de ficção, o livro de Marco Polo era tão extraordinário pelas descrições que fazia que só no século XIX se lhe reconheceu a sua verdadeira importância como fonte documental geográfica verdadeira. No entanto, foi sempre um livro admirado e respeitado por poetas e sonhadores, tendo despertado as atenções dos primeiros navegadores portugueses que pretendiam chegar a essas paragens.

Fascinados primeiramente pela descrição das riquezas exuberantes do extremo-oriental não deve ter passado despercebida a referência que o autor faz ao Cipango, uma ilha para além do Cataio que não chega a conhecer mas de que ouviu falar.

Embora não seja seguro que Fernão Mendes Pinto tenha sido um dos primeiros portugueses a chegar ao Japão, é certo que por lá passou em várias ocasiões e saíram da sua pena alguns dos mais impressionantes relatos e descrições desta nova terra que os europeus pouco conheciam. Ainda que a *Peregrinação* tenha sido considerada, aquando da sua publicação e nos séculos seguintes, como obra fantasiosa que alimentou o imaginário de várias gerações e públicos europeus muito variados, é hoje consensual o relevante papel que os portugueses desempenharam no Japão introduzindo conhecimentos técnicos e científicos que determinaram a modernização deste país.

³⁸ “Comments of Cristovão Aires and Wenceslau de Moraes on the *Peregrinação* of Fernão Mendes Pinto”, By Jorge Dias, p.266, in *Portuguese Voyages to Asia and Japan in the Renaissance Period*, Embassy of Portugal in Japan, 1993.

³⁹ http://en.wikipedia.org/wiki/The_Travels_of_Marco_Polo

⁴⁰ PEREIRA, Francisco Maria Esteves, *Reimpressões II, Marco Paulo*, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1922. Edição digital consultada em <http://archive.org/details/marcopauloolivro00polo>, (consultado em 25/12/2011).

Pela descrição que nos dá Fernão Mendes Pinto na sua obra supomos que as primeiras dificuldades da língua japonesa poderão ter sido, superadas engenhosamente em parte, através do recurso aos ideogramas da escrita chinesa então bem conhecida pelos intelectuais japoneses pois era esta que usavam para escrever.

Este episódio histórico era bastante interessante para Wenceslau de Moraes que chega mesmo a referi-lo efusivamente no livro que dedica à memória do seu herói: *Fernão Mendes Pinto no Japão*.⁴¹

Séculos mais tarde, Moraes fará também uso da escrita para comunicar aos seus conterrâneos informações sobre o Japão e os japoneses.

Aproveita muitos dos escritos para fazer breves descrições da língua japonesa e de algumas das suas características mais peculiares, como as onomatopeias ou os provérbios populares.

3.2 Wenceslau de Moraes e Relance da Alma Japonesa

Wenceslau José de Sousa de Moraes nasceu a 30 de Maio de 1854 em Lisboa e veio a falecer a 1 de Julho de 1929 em Tokushima, no Japão.

Ao longo de um período de cerca de 60 anos dos seus 75 anos de vida, empreende toda uma série de viagens, de aventuras e descobertas pelo mundo que vão culminar num exílio auto imposto no Japão.

Para se perceber a razão de ser desse exílio repentino, que deu azo a várias interpretações, é preciso ter em linha de conta o seu percurso de vida.

⁴¹ MORAES, Wenceslau, *Fernão Mendes Pinto no Japão*, Vega, 1993.

Completado o curso de Oficial da Marinha Portuguesa na Escola Naval em 1875 começa a prestar serviço em diversos navios da Armada Portuguesa viajando para Macau pela primeira vez em 1885. Aí é encarregado da capitania do Porto de Macau e exerce funções de Professor de Matemática no liceu desta cidade, que ajudou a fundar com o colega e amigo Camilo Pessanha,⁴²

Durante os 13 anos que vive em Macau, inicia uma fase mais criativa e determinante da sua obra literária, tendo os primeiros apontamentos de infância sido meros fragmentos comparados com a obra que aí começa a desenvolver.

Além da colaboração em jornais portugueses, nomeadamente no Jornal de Notícias e o Correio da Manhã, inicia também a publicação dos seus primeiros livros.

Em 1889 visita pela primeira vez o Japão, que o encanta, de imediato, e que terá uma importância fundamental na sua obra literária, passando a ser tema constante e praticamente único, abandonando mesmo a seu favor as referências a Macau e à cultura chinesa.

Após uma curta visita oficial ao país do sol nascente, conjuntamente com o governador de Macau Alberto Galhardo, a partir do ano seguinte, em 1897, onde é recebido pelo Imperador Meiji, abandona Macau, a mulher chinesa Atchan e os dois filhos, para se fixar permanentemente no Japão que se tornará o seu país de eleição.

No Japão é nomeado Embaixador em Kobe e Osaka e é aí que vai desenvolver uma actividade literária mais intensa, publicando diversos livros relacionados com o seu assunto favorito: O Japão.

Estas publicações esporádicas transmitem informações diversas sobre a sua vivência no extremo oriente, para os seus compatriotas em Lisboa e Porto, dando continuidade a uma tendência iniciada ainda em Macau, esses escritos constituem hoje,

⁴² Poeta célebre na literatura portuguesa pela sua contribuição para as letras pátrias, nomeadamente com a sua obra-prima *Clepsidra*; PESSENHA, Camilo, *Clepsidra, Poemas de*, Edições Ática, Lisboa, 1956.

no entanto, mais do que isso, eles representam um testemunho literário da sua época e da sua visão do mundo.

Vivendo os últimos anos da sua vida no Japão, Wenceslau de Moraes vai permanecer no país por um período superior a 30 anos, até à data da sua morte em 1929.

É deste modo o escritor ocidental finissecular (final do século XIX) que mais tempo passa no Japão, dedicando-se ao estudo da cultura do país que o encanta.

Para os japoneses do seu tempo Moraes será sempre um estranho e um estrangeiro, por muitos esforços que faça por se integrar na comunidade local. Este facto é reconhecido pelo próprio que lamenta a impossibilidade de comunicar mais de perto com os japoneses e de participar como um deles no quotidiano da sociedade do seu tempo.

Essa incompreensão por parte dos seus contemporâneos japoneses entristece-o por impedi-lo de ter acesso a uma vivência mais profunda do modo de vida japonês.

Moraes permanece assim no limiar entre uma visão nipónica do mundo, com a sua filosofia de vida peculiar, e uma visão ocidental, nomeadamente portuguesa, onde se pode destacar uma certa filosofia que desponta com uma ideia de “renascença portuguesa”, já presente em Antero de Quental e mais tarde com Teixeira de Pascoaes e seus seguidores.

A visão marcadamente hegemónica do mundo ocidental face às populações orientais é também mencionada por Wenceslau de Moraes, suscitando-lhe duras críticas ao que considera a decadência do Ocidente comparativamente a um oriente que desponta para o progresso e para os verdadeiros valores humanos, representado aqui antes de mais, pelo Japão.

Por esta visão bipartida da realidade do seu tempo, pelas suas qualidades de observação sincera e profunda, aliadas a um rigor e sistematização advindos das suas funções oficiais na Marinha e no Estado Português, Wenceslau de Moraes apresenta-se

hoje como um dos nossos melhores exemplos de interculturalidade, tanto pela sua vida de viajante, como pela adaptação constante a diferentes culturas como princípio de vida inerente ao seu modo de estar no mundo.

Também no domínio do ensino/aprendizagem de línguas Moraes é um exemplo bastante significativo, pelo facto de escrever em português acerca da língua japonesa, bem como por estabelecer a ponte e o diálogo entre a cultura e a língua dos dois países.

Relance da Alma Japonesa é o último livro escrito por Moraes – "é o último, não escreverei mais..." – (nas palavras do autor). As forças e a saúde faltavam-lhe já para empreender tais tarefas, e possivelmente também o ânimo para as levar a bom termo, já que após várias vicissitudes da vida (entre as quais a perda das duas amadas japonesas) a sua crença na regeneração de Portugal através do exemplo japonês foi diminuindo.

É, no entanto, como o próprio refere no prefácio, o livro onde procurou reunir em resumo as principais ideias relativas à interpretação do povo japonês com quem conviveu ao longo de mais de 30 anos.

Dizem-nos os estudiosos do autor, não só japoneses como portugueses⁴³ que o trunfo de Moraes não é tanto na interpretação histórica que conhecia mais pelos livros de autores estrangeiros e por traduções do japonês (Moraes nunca chegou a dominar completamente a língua japonesa), não é tanto também a sua interpretação das formas e dos géneros artísticos do oriente, mas antes a sua compreensão íntima da realidade do povo.⁴⁴

⁴³ Cf. Martins Janeira

⁴⁴ "No entanto, entre os escritores portugueses que viveram no Oriente, foi Wenceslau de Moraes o único a conseguir transmitir ao Ocidente a sua experiência e o seu profundo conhecimento das culturas asiáticas."

Afastado dos aglomerados populacionais das grandes metrópoles (Tokyo, Yokohama, Osaka, até mesmo Kobe) Moraes isola-se aos poucos na pequena cidade de Tokushima onde mantém contacto direto com o povo japonês. Ao contrário dos seus contemporâneos, de várias nacionalidades, que vivem em "barracas" de estilo ocidental e são servidos por criados japoneses que lhes servem iguarias que nada têm de japonês tirando a quimera do exótico – “bem as conheço, essas barracas de chamado estylo europeu...” (BOT)⁴⁵, Moraes encontra no contacto direto com o povo simples e trabalhador de Tokushima, com a Natureza virgem que envolve a cidade de par em par, inspiração para uma quase ascese de transformação pessoal e purificação dos males do mundo moderno – "encontrei aqui neste poiso afastado dos grandes aglomerados habitacionais, o lugar ideal para recuperar das canseiras da vida".⁴⁶

Tokushima torna-se, assim, o seu último poiso de marinheiro errante, onde segundo Helmut Feldman⁴⁷, procura fazer uma reinterpretação das doutrinas saudosistas de Teixeira de Pascoaes de forma a lançar um aviso à nação pátria decadente.

É no *Relance da Alma Japonesa* que Moraes procura explicar ao leitor português o sentido da alma japonesa (o *yamato dameshii*) que o autor tanto admira. Tarefa em princípio impossível de realizar – a análise da alma de um povo – e em particular o povo japonês, que é para Moraes incomparável em termos físicos (raciais) e psicológicos com qualquer povo da europa. Mas o autor dá por bem empregue o tempo dispendido com

BARREIROS, Pedro, *Evocação de Wenceslau de Moraes*, Instituto Camões, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007, p.118.

⁴⁵ “Nasceram, assim, ensaios sobre a cultura japonesa, dos quais são de destacar o *Relance* sobre a História do Japão e o *Relance da Alma Japonesa*, redigidos no seu exílio de Tokushima, que constituem a síntese da sua percepção da cultura e da idiosincrasia nipónicas. Esta última obra constitui o seu testamento literário.”, BARREIROS, Pedro, *Evocação de Wenceslau de Moraes*, Instituto Camões, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007, p.23.

⁴⁶ MORAES, Wenceslau, *O Bon-odori em Tokushima*, 2.^a edição, Companhia Portuguesa Editora, Porto, 1936.

⁴⁷ FELDMANN, Helmut, *Wenceslau de Moraes e o Japão*, Instituto Cultural de Macau, 1992.

essa tarefa se ao menos conseguir mostrar um pouco dos valores deste povo a um grupo restrito de portugueses mais “iluminados” (bem informados).

A tentativa de demonstrar o valor da alma do yamato não está assim de todo perdida, ainda que assuma uma forma diferente daquela que assumira em Dai Nippon.

E é através do estudo da família (Moraes tem como vizinhos uma família típica de japoneses, constituída por Pai, Mãe, Filho e Avô, que tornam nostálgico o seu coração solitário) que procura penetrar nos mistérios do povo, nos mistérios da nação. Será porventura esse, para muitos, o seu maior valor e o seu maior contributo, numa época em que se dava pouca importância a estes aspetos, onde se preferiam os grandes temas da arte e do progresso desenfreado do país.

É no estudo do povo, e da família em particular, que Moraes vai procurar e encontrar esse *yamato dameshii*, a alma japonesa.

Deste modo, em nossa opinião, será este o livro ideal para estabelecer o elo de ligação entre dois povos que se procuram compreender mutuamente, independentemente das dificuldades que de tal encontro possam advir.

O aluno japonês que procura aprender a língua portuguesa, não é só a língua que ele procura compreender, mas precisa de atentar também nos aspetos socioculturais do povo que fala essa língua, estando qualquer língua e sua cultura intrinsecamente associadas.

4. *Aproximações a Relance da Alma Japonesa*⁴⁸

4.1 Metodologia

Antes de procedermos a uma abordagem didática da obra de Wenceslau de Moraes, e em particular, dos textos “A Vida na Família”, “A Vida na Tribo” e a “Vida no Estado” incluídos em *Relance da Alma Japonesa*, traçaremos sumariamente aspetos fundamentais do perfil do público a quem será direcionada esta análise e a metodologia que nos propomos seguir.

O público-alvo visado neste estudo é o estudante japonês de língua portuguesa de nível C1 e/ou C2 segundo as definições do QECR já referidas. Estes são os níveis a que se convencionou chamar de Autonomia e Mestria respetivamente. Estes níveis não pretendem representar uma competência igual ou próxima à do falante nativo, mas antes designar o grau de precisão e adequação no uso da língua típico dos aprendentes com melhores resultados.⁴⁹

Estes são, portanto, os níveis tidos em consideração no presente estudo.

Na metodologia adotada a primazia será dada à via indutiva, comentando primeiro oralmente e depois por escrito com os estudantes o que se lhes oferece dizer sobre o assunto. Só após esses contributos será oportuno chegar-se a uma sistematização com levantamento dos principais pontos de referência abordados.

Assim, depois de leitura prévia com abordagens orais em aula propõe-se então um comentário mais aprofundado dos textos e do seu conteúdo, nomeadamente a sua análise mediante as tarefas sugeridas.

⁴⁸ MORAES, Wenceslau, *Relance da alma Japonesa*, 2.^a edição, Parceria A. M. Pereira, 1973.

⁴⁹ QECR, p. 64

Partimos assim de uma abordagem orientada para a ação, por intermédio de tarefas, abordagem já defendida no QECR em várias passagens, de que salientamos:

Falamos de 'tarefas' na medida em que as acções são realizadas por um ou mais indivíduos que usam estrategicamente as suas competências específicas para atingir um determinado resultado. Assim, a abordagem orientada para a acção leva também em linha de conta os recursos cognitivos, afectivos, volitivos e o conjunto das capacidades que o indivíduo possui e põe em prática como actor social.⁵⁰

Os capítulos “A Vida na Família”, “A Vida na Tribo” e a “Vida no Estado” formam em nosso entender o tríptico mais significativo dentro da obra *Relance da Alma Japonesa*, considerando-o nessa medida como dos mais representativos para o estudo que nos propomos, por se instituírem como descrições pormenorizadas e apelativas da família japonesa vista por Wenceslau de Moraes.

Quanto aos restantes capítulos, se excluirmos “O Amor” e “A Morte”, são breves descrições da história, e da cultura em geral, muitos deles já melhor desenvolvidos noutras obras e que servem aqui para compor a estrutura intrínseca desta.

Subscrevemos inteiramente a posição de Armando Martins Janeira quando refere que: “Moraes é um admirável escritor da vida japonesa. Esta a razão porque o melhor capítulo deste *Relance* versa “A vida na Família”.⁵¹

Na abordagem a qualquer obra de Wenceslau de Moraes dever-se-á ter em linha de conta o esforço que o escritor faz para transpor para os seus leitores uma realidade que não é a deles. Essa realidade é o Japão e a vida dos japoneses que Wenceslau de Moraes tenta transmitir aos seus conterrâneos portugueses.

⁵⁰ QECR, p. 29

⁵¹ MORAES, Wenceslau, *Relance da alma Japonesa*, 2.ª edição, Parceria A. M. Pereira, 1973.

Muitas vezes as realidades de um e outro país são tão distintas que levam Moraes a empregar todos os recursos estilísticos e gramaticais que lhe permitam a transmissão da mensagem. Recorre assim à metáfora, comparação, exposição detalhada de um cenário ou de um objeto em particular e, por vezes, àquela técnica estilística que porventura lhe será mais característica: a descrição de um cenário que observa de uma forma dinâmica e que procura transmitir ao leitor nas suas impressões mais marcantes – como se se tratasse de uma pintura japonesa.

É principalmente para estas particularidades estilísticas e estéticas que queremos chamar a atenção. Sendo características da língua portuguesa, nomeadamente na sua forma literária (e neste caso em particular da diarística e ensaística), essas formas permitirão ao aprendente tomar contacto com uma realidade sociolinguística diferente da sua e que será importante destacar.

A língua japonesa tem características linguísticas e gramaticais distintas da língua portuguesa constituindo, muitas vezes, essas nuances da língua, os maiores problemas à interpretação do texto.

Optando por um estilo literário predominantemente autobiográfico e diarístico, Wenceslau de Moraes até na escrita se aproxima do seu povo de eleição. Usando frequentemente o ponto e vírgula e o travessão, numa escrita descritiva e impressiva mas suave e de nuances, parece refletir nos seus ensaios uma forma estilística particularmente apreciada pelo público japonês.

Sendo a língua japonesa uma língua em que no geral o subentendido representa um papel tão ou mais importante do que o explícito. Em que muitas vezes a simplicidade é preferida a grandes artificios literários. Moraes parece adotar um estilo literário que lhe permita transmitir aos seus leitores portugueses, o melhor que lhe é possível, a realidade japonesa.

É curioso notar que esse estilo que lhe é típico parece alterar-se em parte na sua correspondência com os amigos, adotando aqui um estilo mais folgado mas também mais lamentoso. Já na sua correspondência oficial esse estilo mais pitoresco caracterizador de grande parte das suas obras desaparece por inteiro.

É bastante provável que o aluno japonês aprendente da língua portuguesa sinta, tomadas as devidas proporções, qualquer coisa de sugestivo e semelhante nos textos de Moraes que o levem a interessar-se pela sua leitura.

Pode ser que se possa juntar a uma curiosidade natural pelo conhecimento do outro, algo que se assemelhe a uma parecença ou uma lembrança.

Afinal, Wenceslau de Moraes fala sobretudo das memórias e tempos idos, com suas lendas e tradições, geralmente tão apreciadas pelo povo japonês.

É um facto que a sua obra foi traduzida para língua japonesa e embora não seja uma figura com o reconhecimento de um Lafcadio Hearn, mereceu da estima japonesa um museu dedicado em sua memória.

Têm sido sugeridos diferentes modelos de ensino da literatura para alunos de língua estrangeira (Carter & Long⁵², Lazar⁵³). A escolha de um ou outro método depende do professor variando essencialmente entre três alternativas possíveis:

O modelo cultural, que vê o texto literário como o produto de uma cultura. Sendo o modelo de ensino mais tradicional faz referência a uma análise social, política e do contexto histórico, bem como dos movimentos e géneros literários.

Não havendo um grande trabalho com a oralidade propriamente dita este modelo tende a ser centrado na figura do professor.

⁵² CARTER, Ronald, LONG, Michael, N., *Teaching Literature*, Longman Group UK Limited, Essex, 1991.

⁵³ LAZAR, Gillian, *Literature and Language Teaching: A guide for teachers and trainers*, Cambridge University Press, s./l., 1993.

O modelo de intervenção didática mais edílico mas também mais centrado no aprendiz, é o que melhor se adapta às nossas sugestões, defendendo desse modo, dentro do possível, a associação dos três.

Fazendo uso destes modelos o professor pode direcionar a atenção do aluno para aspetos gramaticais ou lexicais, podendo propor exercícios, ou dirigir a atenção dos aprendentes para aspetos de análise estilística, de modo a desenvolver neles capacidades de comentário e interpretação de texto.

O terceiro modelo possível é o modelo de crescimento pessoal, modelo mais centrado no aprendiz que, pode ser uma mais valia para a aplicação das nossas sugestões.

Neste modelo procura-se que o aluno “se aproprie do texto”, expressando as suas opiniões, sentimentos e experiências pessoais.

4.2 Os Conteúdos: vida na família, vida na tribo, vida no Estado

Antes de entrarmos propriamente nestes últimos capítulos advertimos que eles podem ser usados quer isoladamente para cursos mais curtos, quer, no conjunto triptíco que formam, para cursos mais longos (por exemplo para um semestre letivo).

Chamamos a atenção, no entanto, para o facto de as propostas que se seguem serem apenas sugestões que podem ser adaptadas ou complementadas pelos professores tendo em conta as características particulares de cada caso a que se destinam.

Vida na família

O autor faz uma descrição da vida de uma família japonesa típica dos inícios do século XX, utilizando como recursos estilísticos capazes de permitir ao leitor visualizar e “viajar” com o texto. Outro recurso frequente no autor usado neste texto é a “miniaturização” das coisas, no sentido de as tornar mais “generalistas”. Faz, assim, uma descrição de uma família japonesa com os seus elementos essenciais, pai, mãe, filhos, e avós, que mais parecem bonecos que vêm completar a casa descrita com promenores.

Segue-se uma breve descrição das características mais importantes de cada um dos elementos da família: o pai, patriarca, dono da casa; a mãe, educadora dos filhos e permanentemente ocupada com a lida da casa, compras, e outras tarefas domésticas; as crianças, galhofeiras e divertidas que se tornam mais sérias quando o assunto é sério vão para a escola, tornando-se gradualmente adultos responsáveis; e os avós, representando elo de ligação com o passado, com a cultura tradicional e também, em particular, com o culto dos antepassados e a piedade filial.

Do texto consta ainda a descrição das pequenas vilas e aldeias, como Tokushima, a terra onde vive, pois não lhe apraz as grandes cidades cheias de estrangeiros e modernidades ocidentais.

Não esquece uma descrição das várias festividades ao longo das estações do ano, bem como a caracterização de dois grupos à parte da sociedade: as gueixa e “as outras”, que não nomeia por nem sequer terem nome que possa traduzir-se em línguas ocidentais.

O escritor faz uso frequente da vírgula e do ponto e vírgula, bem como do travessão, elementos ortográficos e estilísticos que não são de somenos importância.

Vida na Tribo

Neste capítulo o escritor desenvolve o modo como vê a vida japonesa, referindo que:

Pode pois dizer-se que o japonês actual exerce as suas diversas actividades, na sociedade onde vive, por três modos, isto é, partindo do simples para o complexo; - no seio da família, ao que já prestei a devida atenção; na vida da tribo, por supervivência de costumes; e na vida do Estado. Sobre estes dois últimos aspectos, cumpre-me dizer alguma coisa.⁵⁴

Trata, assim, neste capítulo da vida na tribo, ou seja, da vida no seio da comunidade, sendo aqui comunidade associada a comunidade local, freguesia, ou templo-freguesia como se salienta no texto.

Como é nos templos que se realizam os eventos mais marcantes da vida dos japoneses: nascimentos, casamentos, funerais, entre outros, estes templos tornaram-se centros comunitários e locais de romaria. Tendo sido aqui também o local onde foram estabelecidas as primeiras escolas japonesas.

Wenceslau de Moraes fala-nos neste capítulo do sentimento da alma japonesa que a une à tradição, ao antigamente e ao antepassado, mantendo-se o culto dos antepassados um aspeto muito relevante ainda nos dias de hoje.

Aqui, por meio de algumas descrições rápidas de festividades japonesas e de um acontecimento pessoal, Wenceslau de Moraes destaca as características que considera tipicamente japonesas, como sejam, a impersonalidade e a tendência para o associativismo e criação de grupos.

⁵⁴ MORAES, Wenceslau, *Relance da alma Japoneza*, 2.^a edição, Parceria A. M. Pereira, 1973.

A vida no Estado

O autor desenvolve aqui aspetos já expostos no capítulo anterior. Faz referência à impersonalidade e à tendência para formar grupos, mas agora no Estado, no Japão moderno, evidenciando como estas características culturais do povo se mantiveram, de certa forma, até aos dias de hoje.

4.3 Processos de leitura

Preparação

Pode sugerir-se uma reflexão alargada sobre o tema geral tratado por Moraes nos seus livros, procurando questionar-se sobre o que os alunos já sabem sobre os assuntos abordados e sobre o próprio escritor.

A ideia seria colocar os alunos a refletir sobre os temas propostos por Moraes nos seus livros quer seja em pares ou em grupo, podendo o professor sugerir através de um “brainstorming” o vocabulário mais frequente em Wenceslau de Moraes (Japão, japoneses, Portugal, quimeras, entre outros.)

Sugere-se que se dê uma ideia sobre a época e a história de Wenceslau de Moraes. Para iniciar a sessão seria interessante averiguar o que os alunos já sabem sobre essa

época dentro do contexto japonês (era Showa e Meiji) e porventura ainda no contexto português (instauração da república, tratado luso-japonês de amizade e comércio, etc.)

Esta pode ser uma oportunidade para fornecer informações de base quer em formato escrito, vídeo ou multimédia (CD-Rom).

Durante esta fase, o CD-Rom, que apresentamos em anexo, pode ser empregue para uma apresentação sumária do autor.

Poder-se-ia começar por focalizar uma visão macroscópica do mundo nos finais do século XIX e início do XX, nomeadamente no que diz respeito a viagens, relações comerciais entre os países, os transportes utilizados, as diferenças, relativamente aos nossos dias. Isto sempre tentando inferir o que os aprendentes já conhecem sobre o assunto de modo a estabelecer analogias com a história do Japão sobre a qual já terão tido acesso a muitas referências.

Isto abre caminho para que se possa introduzir a questão da chamada literatura de viagens e a problemática deste género literário específico.

Poder-se-á mencionar ainda a tendência de muitos ocidentais (entre os quais escritores, pintores, intelectuais ou simples aventureiros) em viajar rumo a oriente durante essa época. Uns em demanda de riqueza, outros de aventura e outros ainda como forma de encontrar inspiração literária que não sentiam brotar em suas terras natais.

Outro grupo (entre os quais se poderia inserir Wenceslau de Moraes), procura uma fuga a uma sociedade considerada decadente e perdida, partindo, assim, em busca de novos mundos onde pretendem encontrar novos ideais.

Pode-se falar, em termos de contexto histórico-cultural, nas diferenças entre a cultura portuguesa e a cultura japonesa de final do século e na atração que essas diferenças terão porventura exercido em Moraes.

Nesta sequência didática poderão fazer-se referências a passagens mais significativas dos livros do autor, como por exemplo as passagens de Dai Nippon onde glorifica o Japão e os japoneses como um povo diferente dos portugueses e europeus em geral.

As descrições que faz da mulher japonesa, da paisagem do seu país de eleição bem como as referências às muitas lendas do país, são assuntos que poderão também eles despertar o interesse do aluno.

Esta poderá ser uma boa ocasião para introduzir outros autores interessantes e significativos, com vista, uma vez mais, a transmitir uma ideia geral da época em questão.

Camilo Pessanha entre os escritores portugueses, parece incontronável, já que foi grande amigo de Wenceslau de Moraes e terá exercido influências na vida do autor.

Lafcadio Hearn, entre os estrangeiros, parece ser também importante referir. Era extremamente admirado por Wenceslau de Moraes, que chega a mencioná-lo por diversas vezes nos seus livros. E é ainda uma figura histórica que marcou a cultura japonesa sendo reconhecido hoje por muitos japoneses como uma figura importante na divulgação da cultura japonesa da época.

Podem fazer-se ainda menções ligeiras a escritores japoneses dessa época, como termo de comparação. Embora aqui se deva ter especial atenção para não sobrecarregar os alunos com informação que já dominam.

Um escritor japonês que parece ser admirado por Wenceslau de Moraes, embora não seu contemporâneo, é Kamo Chômei⁵⁵, autor de Hôjôki, que Wenceslau de Moraes parece tentar imitar no final da sua vida, com a retirada para Tokushima e a escrita de *O Bon-Odori em Tokushima*.

⁵⁵ MORAES, Wenceslau de, *O Bon-odori em Tokushima*, 2.^a edição, Companhia Portuguesa Editora, Porto, 1936.

Pode-se ainda falar das regiões do Japão visitadas por Wenceslau de Moraes e que o vão fascinando e patentes nas suas obras: Tokushima, Kobe, Osaka e Kyoto nomes familiares para qualquer japonês e que podem ser uma forma de lhes despertar um interesse mais profundo pela obra do autor.

Igualmente interessante seria introduzir algumas ideias sobre Portugal, nomeadamente sobre as cidades de Lisboa e Leiria, que nunca são esquecidas por Wenceslau de Moraes a elas se referindo constantemente na sua correspondência.

Consideramos que seria também de aproveitar uma ou duas das cartas dirigidas a sua irmã Francisca (com quem o autor manteve uma correspondência assídua e frequente) e mencionar alguns lugares de Lisboa, reconhecíveis por qualquer lisboeta da sua época e mesmo da nossa.

Moraes aconselha vivamente a irmã querida a visitar os jardins do campo grande (à época uma zona limítrofe da cidade), a ir até à beira Tejo, a Belém, e a passear pelo “passeio público” na Avenida (da Liberdade).

É importante chamar a atenção dos alunos para as mudanças ocorridas nas cidades, tanto portuguesas como japonesas, desde a sua época até aos dias de hoje.

Se existir um verdadeiro entusiasmo da parte dos alunos pela história portuguesa da época de Wenceslau de Moraes, podem referir-se factos históricos relevantes, sempre tendo em atenção despertar-lhes o interesse, evitando abordagens enfadonhas e pouco estimulantes.

A primeira travessia aérea do Atlântico Sul realizada pelos portugueses Gago Coutinho e Sacadura Cabral foi um feito de heroísmo e coragem aliada a um grande

conhecimento técnico que marcou a sua época e é referida e comentada por Wenceslau de Moraes ao seu amigo Policarpo de Azevedo.⁵⁶

A instauração da República Portuguesa no ano de 1910 é outro acontecimento notável que marca profundamente a história portuguesa e a que Wenceslau de Moraes se refere recorrentemente.

Outros eventos igualmente notáveis no Mundo dessa altura são a passagem do cometa Halley que é comentada e debatida a nível mundial, não sendo exceção nem em Portugal, nem no Japão.

Seria ainda importante referir acontecimentos marcantes na história japonesa, uma vez mais, como contextualização mas sem ser excessivamente aprofundados.

De lembrar a guerra russo-japonesa que parece ter suscitado alguns dos primeiros escritos do autor sobre o Japão, onde se começa a definir o seu fascínio pelo país e que parece vir comprovar as suas ideias quando vê o Japão como um país socialmente superior a uma Europa decadente e esgotada.

Mas define-se já aqui também, algo que tem passado despercebido dos críticos e biografos do autor: a sua visão de futuro. Não querendo passar a ideia de um Wenceslau de Moraes visionário é impossível deixar de notar algumas premonições que se vêm a realizar e que demonstram não um louco visionário que se isolou do mundo e da civilização, mas antes um homem de espírito aberto ao seu mundo e muito perspicaz para a sua época. Aliás, como fica patente na obra mencionada anteriormente: *Wenceslau de Moraes, O Diplomata*.

Outras datas importantes na história japonesa como o caso das eras imperiais devem ser tidas em conta. Wenceslau de Moraes atravessa, durante os anos em que estabelece contacto com o país, três dessas épocas, que correspondem à governação de

⁵⁶ MORAES Wenceslau de, *Cartas ao seu amigo Policarpo de Azevedo*, ed. de Arnaldo Henriques de Oliveira, Lisboa, 1961.

três imperadores: a era Meiji (1868-1912), a era Taishō (1912-1926), e a era Shōwa (1926-1989) até à sua morte em 1929.

Sendo estas questões muito úteis para um *brainstorming* com os alunos, no sentido de se ir introduzindo a temática a abordar.

Podem, no entanto, ser adotadas outras abordagens, como por exemplo, o trabalho a pares por parte dos alunos no questionamento de uma destas temáticas a serem discutidas posteriormente em turma. Ou o comentário sobre um pequeno texto, excerto ou notícia sobre um dos assuntos propostos (ou outros relevantes) quer individualmente, quer em trabalhos de grupo.

Tendo sempre em atenção promover uma discussão final com todo o grupo, no sentido de sintetizar ideias e esclarecer eventuais dúvidas ou dificuldades.

Estaremos assim preparados para iniciar a segunda fase desta proposta, ou seja, a pré-leitura.

Pré-leitura

Consideramos que esta fase, por ser facultativa, poderá ser integrada na fase de introdução e poderá ser mais reduzida ou alargada em função do tempo disponível, do interesse demonstrado pelos alunos e do programa proposto.

Nesta fase, o Professor preparará os alunos para a leitura atenta do texto.

Pode haver registo escrito de tópicos de leitura ou de palavras difíceis que se encontram em desuso na língua portuguesa atual. Proceder-se-á, no entanto, a um registo limitado de palavras novas, de modo a não tornar a leitura do texto desmotivante ou aborrecida.

Pode ser sugerida uma primeira leitura de um excerto, incentivando os alunos a completarem-no pelas próprias palavras e sugestões.

Nesta fase procura-se preparar o aluno para o contacto direto com o texto.

Uma proposta possível seria ler um pequeno excerto, preferencialmente o início dando uma ideia do que vai seguir-se e pedindo aos estudantes possíveis conclusões.

Assim, o capítulo A Vida na Tribo começa: “*Nós vamos agora – eu e o leitor benevolente, - em rápida vista, desvendar quanto possível o segredo do lar da família japonesa.*”, (RAJ, 81). Pode ler-se a passagem antes de uma apresentação completa do texto e tentar desbravar o que se segue a partir dos elementos que já se conhecem. Depois pode-se deixar os alunos comparar a sua própria leitura individual do texto com o que retiveram do que ouviram.

Algumas sugestões de perguntas prévias que podem ser feitas:

De que vai falar o escritor no texto?

De que segredo nos fala o escritor e por que é preciso desvendá-lo?

Para quem escreve o autor do texto?

Em que época é escrito o texto?

O que conhecem da família japonesa durante a época do autor?

Qual a justificação para o título do capítulo?

Nesta fase podem ainda ser introduzidos, muito sumariamente, vocábulos ou expressões consideradas difíceis, mas sem exagerar o número de palavras, pois pode correr-se o risco de perder muito tempo com definições que poderão ter como resultado apenas a perda de interesse na leitura do texto.

No exemplo referido alguns vocábulos interessantes poderiam ser tidos em conta nesta fase. Exemplos: *leitor benevolente*, *desvendar* e *lar*, entre outros.

Seria interessante, neste caso, marcar a diferença entre casa de habitação e *lar*. Necessitar-se-ia de clarificar por que é o *leitor benevolente* e o que vamos afinal *desvendar* durante a leitura do texto em causa.

Consideramos que será conveniente fornecer aos alunos uma versão atualizada em termos ortográficos dos textos do autor, pois a ortografia original empregue por Wenceslau de Moraes, embora particularmente interessante a nível da história da língua e mesmo a um nível biográfico, pode tornar-se um entrave ao acolhimento do texto por parte do aluno estrangeiro.

Em anexo, acrescentam-se as versões dos capítulos V, VI e VII do *Relance da Alma Japonesa*, de acordo com a última versão a que tivemos acesso.⁵⁷

Nesta fase podem criar-se estímulos de interesse dos alunos para a leitura perguntando-lhes como poderão desenvolver-se as sequências seguintes.

Uma vez mais parece-nos que estas actividades podem ser planificadas em forma de tarefas que os alunos podem executar aos pares ou em grupo numa sessão de *brainstorming*.

Uma tarefa possível seria dividir as primeiras frases do texto por dois alunos, ou dois grupos de alunos.

Assim:

1º grupo lê:

“*Nós vamos agora – eu e o leitor benevolente, – em rápida vista, desvendar quanto possível o segredo do lar da família japonesa.*”, (RAJ, 81).

2º grupo lê:

⁵⁷ MORAES, Wenceslau, *Relance da alma Japonesa*, 2.ª edição, Parceria A. M. Pereira, 1973.

“Advirto que a empresa só poderia ser empreendida com probabilidades de bom êxito, levados, como vamos, nas páginas de um livro, – o melhor sistema de viajar, no fim de contas.”, (RAJ, 81).

Outra ideia pode ser alterar ligeiramente o texto no sentido que o aluno entenda que este é um todo composto por diversas unidades de significado que podem ser modificadas, alterando-se, no entanto, o seu sentido.

Por exemplo:

“Nós vamos agora – eu e o aluno benevolente, – em rápida vista, desvendar quanto possível o segredo do lar da família japonesa.”

Pedindo aos alunos um raciocínio análogo teríamos:

“Nós vamos agora – nós e o professor benevolente, – em rápida vista, desvendar quanto possível o segredo do lar da família japonesa.”

Estas são tarefas simples que podem levar os alunos a interagir com o texto sem dificuldades de interpretação.

Os exemplos anteriores podem ser reproduzidos facilmente com as sequências textuais seguintes, sendo a extensão do mesmo abordada de acordo com os interesses comuns de alunos / professor e tendo em conta o tempo disponível no programa ou curso.

O professor pode, assim, optar por utilizar apenas pequenos excertos em vez de passagens mais longas, mas deve ter em atenção não utilizar excertos tão curtos que façam perder o sentido da mensagem. A mensagem que o texto transmite é entendida apenas no seu todo e perde-se facilmente em frases soltas, as quais só devem ser empregues para exemplificar situações pontuais de gramática, estilística ou outras. A

mensagem é assim a base da interpretação do texto, que vamos ver na próxima fase da leitura.

Compreensão global do texto

Consideramos como uma via possível a leitura pausada e atenta do texto pelo professor, numa fase preparatória.

Uma vez feita uma primeira apresentação do texto será conveniente que se dê algum tempo para que os alunos se familiarizem com ele. De preferência que o leiam por inteiro calma e pausadamente sem quaisquer outras tarefas que não sejam a compreensão do seu sentido geral e a anotação de algum vocabulário mais difícil.

Esta é uma fase importante no processo de descodificação do texto que deve ser respeitada e para a qual cada aluno tem o seu ritmo próprio.

Assim que esta primeira abordagem estiver completa, será conveniente fazer uma pequena avaliação do que foi compreendido e do que precisa ser revisto.

Isto pode ser feito mediante um pequeno questionário escrito, ou oral, em conversa informal com os alunos. Além de verificar as dificuldades ao nível da língua (gramática, vocabulário) o professor poderá identificar desde logo algumas referências no que toca à compreensão do texto propriamente dito.

Nesta fase os alunos podem ainda trabalhar aos pares trocando impressões sobre o que leram.

O que se pretende neste momento é que o aluno leia o texto. Esta é, assim, uma fase crucial, na qual o professor deve ser mais espectador do que interveniente e na qual o paradigma da centragem no aprendente parece ter mais razão de ser.

O ideal seria limitar o papel do professor durante esta fase a uma leitura prévia a ser acompanhada em silêncio pelos alunos e a um ritmo calmo e pausado.

Procurar-se-ia passar ao aluno a mensagem transmitida pelo texto, aquela interpretação quase intuitiva que só é possível ao leitor familiarizado com a língua mas que se pretende que o aluno vá aos poucos adquirindo.

Isto implica obviamente questões como a prosódia, o ritmo e a entoação que vão sendo transmitidas de uma forma subliminar ao aluno que ouve e acompanha a leitura.

Terminada a leitura por parte do professor este pode dedicar a sua atenção à observação atenta dos esforços desenvolvidos pelos alunos na sua leitura autónoma.

É importante que se dê tempo suficiente aos alunos para que façam uma leitura individual silenciosa e se vão familiarizando com o texto. Só em casos extremos em que as dificuldades são demasiado evidentes, ou quando seja solicitada pelo próprio aluno, poderá ser facultada a ajuda do professor.

Se possível, é de evitar a atribuição de tarefas aos alunos durante esta fase de familiarização com o texto através de uma leitura silenciosa atenta.

Um dos maiores interesses no ensino da literatura é que os alunos ganhem o gosto pela leitura de textos literários e a interrupção com tarefas durante esta fase pode levar à perda de estímulo.

Será de lembrar aos alunos que tomem nota das dificuldades encontradas e do vocabulário que considerarem mais difícil ou incompreensível.

O ideal seria não usar o dicionário durante esta fase mas apenas tomar nota das palavras cujo desconhecimento implica um impedimento ao acesso à interpretação do sentido do texto.

Terminada a leitura será conveniente testar o entendimento da leitura efetuada e do que constituiu obstáculo à sua interpretação.

Assim, seria recomendável fazer algumas perguntas de preferência oralmente e com todo o grupo, mas que também poderiam ser apresentadas posteriormente por escrito.

Poder-se-á perguntar, de um modo geral, quais foram as dificuldades sentidas e qual foi a interpretação feita pelo grupo do texto no seu todo.

Estas poderiam tomar a seguinte forma:

Quais as dificuldades sentidas durante a leitura? Estas dificuldades estão relacionadas com a gramática ou o vocabulário? Ou estão antes relacionadas com a diferença cultural e com os anacronismos do texto?

Depois podem ser feitas perguntas mais específicas e de carácter mais subjetivo como qual a mensagem que Wenceslau de Moraes pode transmitir com este texto. Como o teriam feito se estivessem na sua posição? Que estratégias empregariam e que mensagem pretendiam transmitir para os seus compatriotas em situação idêntica.

Questionar-se-ia igualmente se identificaram algum recurso estilístico empregue na sua língua materna.

Estas questões podem ainda ser sugeridas como uma tarefa a realizar em casa, fora de contexto de aula, por exemplo por intermédio da composição de um pequeno texto.

Sugerir aos alunos, por exemplo, a composição de uma redação em que descrevam Portugal aos seus amigos japoneses. Ou então, que se coloquem no lugar de Wenceslau de Moraes e que procurem escrever uma carta à sua irmã, relatando o seu dia a dia, tentando descrever o mais pormenorizadamente possível as várias atividades a que porventura se dedicaria Wenceslau de Moraes.

Importante também seria pôr os alunos a interargir uns com os outros. Isto pode ser conseguido mediante a proposta de tarefas em pares, sugerindo por exemplo a discussão do texto.

Pode ser dada uma lista de perguntas que os alunos podem utilizar como referência, mas o ideal seria pôr à prova a imaginação dos estudantes e a discussão de pontos que achassem mais interessantes no texto.

À medida que o professor vai tomando nota das dificuldades sentidas na interpretação do texto vai se apercebendo também da sua natureza. Algumas serão de ordem literária, como as dificuldades na interpretação de algum recurso estilístico. Outras serão de ordem cultural, como algum assunto que é desconhecido na cultura de origem. E outras serão de ordem gramatical, como dificuldades na interpretação da própria língua, as quais analisaremos na próxima fase.

Todas estas dificuldades são tidas em conta pelo professor observador atento que as terá em consideração no decurso da leitura acompanhada e nas tarefas que irá propor e desenvolver com os alunos.

Compreensão linguística

Nesta fase deve dar-se, do nosso ponto de vista, uma especial atenção ao ensino da língua propriamente dita através do texto literário.

Ter em atenção as palavras mais difíceis encontradas pelos alunos e ir fazendo referência às características e usos estilísticos presentes no texto em estudo.

Esta é uma das fases que mais nos interessa. Ou seja, qual foi a compreensão da língua que foi obtida pelos alunos durante a leitura do texto literário?

Qual foi o ganho em termos de conhecimento de língua? Quais as estruturas gramaticais apreendidas? Qual o vocabulário adquirido ou consolidado?

Nesta fase é muito importante o *feedback* por parte do aluno no sentido de se perceber quais foram as dificuldades sentidas. O aluno tem um registo das palavras mais difíceis que encontrou durante a leitura? Houve alguma expressão idiomática, algum recurso estilístico que impediu a plena interpretação do texto e por conseguinte a sua fruição?

Se o aluno não se sentir compelido a fornecer estes dados de forma automática ao professor, este deve procurar mesmo assim obtê-los. Quer através de perguntas diretas, quer por intermédio de questionários específicos, o professor pode chegar a conclusões importantes que lhe permitam perceber quais as estratégias mais profícuas para as suas aulas. E quais as tarefas a propor aos alunos no sentido de ultrapassarem as suas dificuldades.

O ideal será, após a leitura completa do texto, escolher pequenos excertos para serem trabalhados com mais pormenor pelos alunos.

Assim, podem ser utilizadas passagens para demonstrar a representatividade dos tempos verbais, dos pronomes, dos adjetivos bem como de outras classes gramaticais.

Por exemplo:

“Há ofícios culturais, há procissões, há decorações deslumbrantes, há divertimentos públicos, há vendas extraordinárias, para o que se armam barracas ao longo de certas ruas.”(RAJ, 14)

No sentido de demonstrar o efeito estético que se obtém pela repetição anafórica do verbo. Todos os japoneses de hoje sabem muito provavelmente ao que o autor se refere sendo estas “vendas extraordinárias” comuns ainda nos nossos dias.

O CD-Rom apresentado em anexo, a título exemplificativo, pode servir de referência, pois contém uma seleção dos verbos e substantivos mais comuns presentes nestes excertos.

Para isso será muito importante a primeira fase de pré-leitura, pois, permitirá ao professor fazer uma ideia das principais dificuldades encontradas, podendo planificar com maior conhecimento de causa a sua aula de língua.

Não adianta insistir em aspetos gramaticais já conhecidos, pois as revisões deverão ser feitas noutra altura. Nesta fase pretende-se identificar as principais dificuldades.

É importante que não subsistam dúvidas quanto a aspetos gramaticais para que se avancem para as fases seguintes. As dúvidas poderão ir sendo esclarecidas pelo professor após a leitura do texto e à medida que forem surgindo, mas seria ideal que não se ultrapasse esta fase sem o seu esclarecimento.

À medida que o professor se apercebe que os alunos estão prontos, pode ir sugerindo atividades mais complexas como, por exemplo, a composição de pequenos textos descrevendo Wenceslau de Moraes ou algum dos seus livros.

Outras tarefas podem ainda ser sugeridas: a tradução e a retroversão do texto da língua portuguesa para a língua japonesa e vice-versa, conquanto este não seja um objetivo em si, mas uma forma de perceber as nuances e matizes da língua por meio da comparação.

Será interessante perguntar aos estudantes que dificuldades sentiram e o que se ganhou, durante a realização desta tarefa.

Uma questão que saltará à atenção de todos, por exemplo, é o facto de a língua portuguesa ter a obrigatoriedade do uso do plural para representar conjuntos, o que nem sempre acontece na sua língua materna.

Pode-se, neste caso, perguntar, por exemplo, se notaram alguma perda de significado numa possível tradução para a língua japonesa e o que esteve na origem dessa situação.

Mais tarde, podem sugerir-se outras tarefas, que serão progressivamente complexificadas à medida que os alunos vão estando mais confiantes e mais hábeis na interpretação do texto.

O professor pode sugerir um resumo das principais ideias desenvolvidas por Wenceslau de Moraes, ou em alternativa, a elaboração de um pequeno ensaio sobre a sua época.

A escrita de cartas para amigos, sabendo-se que Moraes era um correspondente dedicado e constante, pode sugerir, por exemplo, que um dos alunos escreva uma carta a ser lida por outro na aula seguinte a fim de obter depois uma resposta.

Fase final ou pós-leitura

Nesta fase deve fazer-se um balanço e sistematização dos dados alcançados durante o processo de leitura. Isto pode ser feito mediante a apresentação de questionários de interpretação ou através de uma nova reunião com os estudantes no sentido de os questionar sobre o que aprenderam ao longo de todo o processo e quais as principais dificuldades sentidas.

Podem ainda ser designadas tarefas de continuação do excerto inacabado. Ou então, solicitar que complementem a situação do texto em causa.

Pode-se ainda pedir que se proceda a uma descrição física e/ou psicológica de personagens apresentadas.

Tendo em conta o uso corrente da técnica da descrição usada por Wenceslau de Moraes, pode ser oportuno e interessante pedir a elaboração de um guião para um filme,

baseando-se no livro de Wenceslau de Moraes *Relance da Alma Japonesa*, e nestes três capítulos, em particular.

Poderá igualmente pedir-se aos alunos que se imaginem no papel de Wenceslau de Moraes e na sua situação e produzam um texto aproximando as suas ideias sobre o Japão e sobre Portugal.

Por exemplo pode propor-se um diálogo breve entre Wenceslau de Moraes e a sua esposa Ó-Yoné, a ser representado por um aluno do sexo masculino e outro do sexo feminino. Ou ainda sugerir-se que os alunos imaginem Wenceslau de Moraes vivendo em outro país do Mundo e que tentem perceber a influência que o meio envolvente poderá ter exercido no escritor.

Finalmente e como objetivo final, parece-nos que poderia ser proveitoso levar os estudantes a procurar outras fontes de informação e a interessar-se pela obra do autor que leram.

Para isto pode o professor contribuir muito particularmente, mediante a sugestão de outras obras de Wenceslau de Moraes e/ou de outros escritores portugueses seus contemporâneos. Podem ainda ser sugeridas as consultas de sítios na internet centrados na vida e obra do autor ou na história e na literatura portuguesas do século XIX.

5. CD-Rom Interativo

5.1 Conteúdos

O CD-Rom Interativo apresentado conjuntamente com este trabalho pretende ser um exemplo de aplicação prática do que temos vindo a referir.

Como complemento ao trabalho teórico apresentado, o seu objetivo é a apresentação do escritor português Wenceslau de Moraes e da sua obra num sentido lato, apontando depois para a exploração de exemplos dos seus textos na perspetiva da aprendizagem da língua portuguesa por um público-alvo de aprendentes japoneses de níveis C1 e/ou C2 do QECR (níveis de proficiência de autonomia e mestria respetivamente).

O CD-Rom pode ser utilizado pelo Professor, preferencialmente numa primeira abordagem, à medida que vai apresentando o autor e a sua obra pela primeira vez, numa fase de pré-leitura, como foi já referido. Posteriormente o CD-Rom pode ser facultado ao aprendente para uma utilização independente.

Procura-se, assim, promover no estudante o conhecimento e o despertar do interesse por este autor tão familiarizado com a cultura japonesa.

Levando o estudante ao conhecimento do autor pretende-se, do mesmo modo, levá-lo ao interesse pelas suas obras e pela leitura em língua portuguesa. Com isto consegue-se não só a promoção da língua mas também o desenvolvimento de uma das competências fundamentais de todo o estudante de línguas estrangeiras – a capacidade de leitura na língua alvo.

O CD-Rom visa recriar uma visita virtual ao escritório de trabalho de Wenceslau de Moraes em Tokushima, local predileto na casa do autor, onde passaria grande parte do seu tempo e onde terá porventura escrito boa parte das suas obras.⁵⁸

Baseamo-nos para tal, numa recolha criteriosa de vários elementos referentes ao universo do autor, nomeadamente a informações diversas sobre a sua época.⁵⁹

Nesta recriação da sua vivência recorreremos em parte às descrições que nos deixa na sua obra (em parte autobiográfica)⁶⁰, mas muito particularmente à sua epistolografia, onde discorre frequentemente sobre a sua vida, as suas ocupações e afazeres mas também as suas preocupações constantes.⁶¹ Muito útil foi a planta da sua casa em Tokushima, publicada por Jaime do Inso em *Visões da China*⁶², livro de cariz biográfico sobre o autor.

É assim que, num percurso de descoberta, o estudante se vai encaminhando para a obra, depois de um primeiro contacto com o autor. Será levado a explorar a obra de uma maneira geral, a executar pequenas tarefas interativas facultativas⁶³ e finalmente a debruçar-se sobre um excerto daquela que consideramos a obra mestra de Wenceslau de Moraes – *Relance da Alma Japonesa*.

Como referimos anteriormente, o que se pretende aqui não é que o aprendente se prenda com a leitura da obra integral de Moraes de uma forma virtual, mas antes uma apresentação da personalidade do autor com pequenos exertos da sua obra que cativem o interesse e levem o aprendente a uma leitura posterior mais profícua. Deste modo, seleccionámos o capítulo “A Vida em Família”, por considerarmos ser uma das mais representativas temáticas tratadas pelo autor, mais características do seu estilo de escrita.

⁵⁸ Anexo I, fig. 1.

⁵⁹ Anexo I, fig. 2 e 3 para alguns exemplos.

⁶⁰ *O Bon-Odori em Tokushima* apresenta-se aqui como o caso mais paradigmático.

⁶¹ Nomeadamente: Moraes, W., Pereira, A., & Cesar, O. (1944). *Cartas íntimas. Pref. e anotações de Angelo Pereira e Oldemiro César*: Empresa Nacional de Publicidade; Pereira, A., & Cesar, O. (1937). *Os amores de Wenceslau de Moraes de Angelo Pereira e Oldemiro César*: Editorial Labor; *Osoroshi*.

⁶² Jaime do Inso, *Visões da China*, Lisboa, 1933, p.359. Anexo I, fig. 6.

⁶³ Anexo I, fig. 4 e 5, para alguns exemplos.

Nesse capítulo em concreto seleccionámos um corpus de vocabulário que julgámos importante destacar, devido à sua raridade no uso corrente da língua.

Assim, de um corpus inicial de 5000 vocábulos reunidos em *A Frequency Dictionary of Portuguese – Core vocabulary for learners*⁶⁴, por sua vez compilados de um total de 20 milhões de palavras de *O Corpus do Português*⁶⁵, fizemos a nossa seleção de 2500 vocábulos dividindo os originais 5000 em dois e considerando os vocábulos acima de 2500 como representativos no nosso caso.

Esta seleção foi por sua vez subdividida em dois grupos – verbos e substantivos – independentemente do seu grau, género ou número e identificados no excerto em referência pelas cores verde e azul, respetivamente.⁶⁶

A estes vocábulos, assim identificados, foi atribuída, por sua vez, uma entrada do *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*⁶⁷, considerado atualmente uma referência a nível do léxico da Língua Portuguesa e disponível na internet.

O acesso a esta informação lexicográfica é facultativa e não perturba a normal leitura do excerto considerado para este estudo.

Com esta sugestão pretendemos por um lado permitir a identificação de alguns vocábulos menos frequentes na língua e, desse modo, porventura menos perceptíveis a falantes não-nativos. Por outro, consideramos que a presente proposta pode permitir patentear de uma forma visível e direta a sua frequência ao longo do texto, identificando assim, de certo modo, a riqueza da escrita do autor em causa.

⁶⁴ Mark Davies and Ana Maria Raposo Preto-Bay, *a Frequency Dictionary of Portuguese – Core vocabulary for learners*, Routledge, 2008.

⁶⁵ <http://www.corpusdoportugues.org/>

⁶⁶ Anexo I, fig. 7.

⁶⁷ 2011 Priberam Informática, S.A. Todos os direitos reservados; disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/> (consultado em 24/12/2011).

5.2 Concepção gráfica

Para a elaboração deste projeto digital optámos por utilizar um software (programa) comercial por considerarmos que os existentes de forma gratuita ou de software livre atuais ficariam aquém daquilo que pretendíamos.

Assim, adotámos o software (programa) comercial Mediator 9 da firma MatchWare⁶⁸ (marca registada) por considerarmos corresponder ao que procurávamos em termos de relação qualidade/preço e capacidades.

Tivemos, desse modo, em conta não apenas as potencialidades do software propriamente dito mas também a facilidade da sua aprendizagem e utilização.

Quanto ao resto do projeto procurámos rentabilizar ao máximo os recursos disponíveis na internet de forma livre.

Desta forma, consideramos todos os recursos utilizados livres de direitos de autor, salvo indicação em contrário.

Para a criação dos vídeos foi utilizado o programa MovieMaker da Microsoft, disponível atualmente em quase todos os computadores equipados com ambiente Windows. Microsoft e Windows são marcas registadas.

Para a criação da animação da fala de Moraes foi utilizado o programa comercial CrazyTalk⁶⁹ da firma Real Ilusion através da sua versão de teste gratuita.

A voz de Moraes bem como outras vozes que surgem no correr do CD-Rom foram elaboradas com o programa Loquendo através da sua versão gratuita de teste.⁷⁰

⁶⁸ <http://www.matchware.com/en/products/mediator/>, (consultado em 24/12/2011).

⁶⁹ <http://www.reallusion.com/crazytalk/>, (consultado em 24/12/2011).

⁷⁰ <http://www.loquendo.com/en/demo-center/interactive-tts-demo/>, (consultado em 24/12/2011).

Os ícones foram todos criados com o programa gratuito ToyCon⁷¹, e os cursores quando não sejam do próprio Mediator 9 foram criados com o programa gratuito RealWorld Cursor Editor.⁷²

As imagens foram retiradas da internet e consideradas como livres de direitos de autor salvo de outro modo expreso. É o caso por exemplo das capas dos livros de e sobre Wenceslau de Moraes, algumas ainda sobre direitos de autor.⁷³

É importante referir que o CD-Rom não tem qualquer interesse comercial sendo apresentado apenas como um exemplo complementar do trabalho.

O seu uso fica à inteira responsabilidade dos utilizadores, sendo inteiramente proibida a cópia, venda ou distribuição, no todo ou em parte.

⁷¹ <http://toycon.en.softonic.com/>, (consultado em 24/12/2011).

⁷² <http://www.rw-designer.com/cursor-maker>, (consultado em 24/12/2011).

⁷³ Consultar bibliografia para referência das obras em causa.

Conclusão

Partindo de uma abordagem em que se sugere o uso da literatura em aulas de língua estrangeira, procurámos demonstrar ao longo deste trabalho que os métodos de ensino utilizados de forma eclética, quando baseados em conceitos cientificamente comprovados e balizados por instrumentos orientadores, como é o caso do QECR, no espaço europeu, podem seguramente ter sucesso e surtir efeito.

Acreditamos que os métodos e os meios de ensino/aprendizagem a serem empregues devem adequar-se ao público-alvo a quem se destinam. Nesse sentido sugerimos a abordagem da obra do escritor português Wenceslau de Moraes, que teve um íntimo contato com a vida no Japão, como indicada e adequada a um público alvo de aprendentes japoneses de língua e cultura portuguesa de nível C1 e/ou C2.

Procurámos demonstrar que a obra deste escritor se adequa a esse público não só pelo seu íntimo relacionamento com a cultura japonesa durante os vários anos em que viveu no Japão, mas também porque o estilo literário do escritor em causa se pode confrontar por vezes com uma forma muito particular da tradição literária nipónica: a diarística e o ensaio. O próprio uso que faz da língua portuguesa parece adequar-se a esse propósito.

Por outro lado, tentámos não dissociar questões de ensino/aprendizagem de línguas com questões culturais, que consideramos, como procurámos mostrar, interligadas.

Assim, socorremo-nos da disciplina da didática da literatura, que procurámos sumariamente balizar no sentido de encontrar métodos adequados para o uso da literatura nas aulas de língua estrangeira.

Apoiando o nosso estudo em instrumentos normativos de âmbito europeu, como o Quadro Europeu Comum de Referência, o Portfólio de Línguas e o Nível Limiar, procurámos mostrar de uma forma geral a evolução do ensino de línguas e os métodos

utilizados, tentando enquadrar as nossas propostas nas mais recentes propostas de modelos didáticos de ensino/aprendizagem.

Demos assim alguma relevância a estes documentos como forma de estruturar as nossas sugestões.

Em seguida, tomando como matriz de referência os estudos interculturais, procurámos relacionar o autor e a obra propondo algumas sugestões de leitura no respeitante ao ensino/aprendizagem de línguas.

Fazendo uma breve viagem até ao encontro cultural que foi o contacto estabelecido entre Portugal e o Japão no passado e que chegou aos nossos dias, tentámos demonstrar a importância de que se reveste, ainda hoje, a obra de um escritor de finais do século XIX e inícios do século XX para alunos do século XXI.

Para tal, propusemos sugestões de leituras da obra de Wenceslau de Moraes, seleccionando para o efeito os capítulos que considerámos mais representativos do estilo literário do escritor, num dos livros que foi considerado a sua obra-prima, como procurámos evidenciar.

Finalmente, apresentamos a título exemplificativo, um CD-Rom interativo dedicado a vida e obra de Wenceslau de Moraes, numa perspectiva de auxílio à introdução da língua e cultura portuguesa, no qual demos particular destaque à vertente da personalidade humana e literária do autor que gostaríamos fosse conhecido e lido por um público mais alargado.

Esta vertente mais prática do trabalho apresenta-se como um mero exemplo, pois verificámos ao longo da realização deste trabalho, que um CD-Rom de ensino/aprendizagem de língua implica custos, tempo e meios de que não dispunhamos durante a sua realização.

A ideia foi sobretudo a divulgação da obra deste escritor pouco (re)conhecido entre nós, numa perspetiva de promoção da língua e cultura portuguesas além fronteiras.

Bibliografia

1. Wenceslau de Moraes e o Japão

Bibliografia ativa:

MORAES, Wenceslau, *Dai-Nippon – O Grande Japão*, 2.^a edição, Seara Nova, Lisboa, 1923.

MORAES, Wenceslau, *Ó-Yoné e Ko-Haru*, Renascença Portuguesa, 1923.

MORAES, Wenceslau, *Relance da historia do Japão*, Portugal-Brasil, 1924.

MORAES, Wenceslau, *Relance da alma Japoneza*, Portugal-Brasil, 1925.

MORAES, Wenceslau, *Relance da alma Japoneza*, 2.^a edição, Parceria A. M. Pereira, 1973.

MORAES, Wenceslau, *Serões no Japão*, Portugal-Brasil, Lisboa, 1926.

MORAES, Wenceslau, *Cartas do Japão*, vol.1, vol. 2, vol. 3, Portugal-Brasil, Sociedade Editora, 1927.

MORAES, Wenceslau, *Osoroshi*, Casa Ventura Abrantes, 1933.

MORAES, Wenceslau, *O Bon-odori em Tokushima*, 2.^a edição, Companhia Portuguesa Editora, Porto, 1936.

MORAES, Wenceslau, Pereira, A., & Cesar, O., *Cartas íntimas. Pref. e anotações de Angelo Pereira e Oldemiro César*, Empresa Nacional de Publicidade, 1944.

MORAES, Wenceslau, *Traços do Extremo Oriente*, 2.^a edição, Livraria Barateira, Lisboa, 1946.

MORAES, Wenceslau, *Cartas ao seu amigo Polycarpo de Azevedo, escritas em Tokushima entre 1914 e 1927*, edição de Arnaldo Henriques de Oliveira, Lisboa, 1961.

MORAES, Wenceslau, *A vida japonesa: terceira série de Cartas do Japão, (1905-1906)*: Lello & Irmão, 1985.

MORAES, Wenceslau, *Fernão Mendes Pinto no Japão*, Veja, 1993.

MORAES, Wenceslau, Janeira, A., & Pires, D., *Antologia*, Veja, 1993.

MORAES, Wenceslau, Janeiro, M., & Janeiro, M., *Fala a lenda japonesa: colectânea de histórias e lendas japonesas*, Cotovia, 1993.

MORAES, Wenceslau, *A Dança das Borboletas*, O Independente, Lisboa, 2004.

Bibliografia passiva:

BARREIROS, Pedro, *Evocação de Wenceslau de Moraes*, Instituto Camões, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.

CARVALHO, Eduardo Kol de, *Sushi Bar – Nós e os Japoneses*, editorial Tágide, 2004.

CHAVES, Anabela, *Japanese Legends and Wenceslau de Moraes*, Bulletin of Portuguese/Japanese Studies, pp. 9-41, año/vol. 9, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2004, disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/361/36100902.pdf> (consultado em 25/12/2011).

COMISSÃO NACIONAL PARA AS COMEMORAÇÕES DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES, *Revista Oceanos*, n.º 15 – *O Regresso ao Japão*, Setembro de 1993.

DIAS, Jorge, *Comments of Cristovão Aires and Venceslau de Moraes on the Peregrinação of Fernão Mendes Pinto, in Portuguese Voyages to Asia and Japan in the Renaissance Period (Proceedings of the International Conference Sophia University, Tokyo)*, Embassy of Portugal in Japan, 1993.

DIAS, Jorge, *Venceslau de Moraes, Notícias do Exílio Nipónico*, tomo II, Instituto Cultural de Macau, 1993.

FELDMANN, Helmut, *Venceslau de Moraes e o Japão*, Instituto Cultural de Macau, 1992.

FERREIRA, Luiz Gonzaga, *Wenceslau de Moraes, o diplomata*: Nova Veja, 2004.

FRANCHETTI, Paulo, “Wenceslau de Moraes e o haikai”, in *Revista Colóquio/Letras*, Ensaio, n.º 110/111, Jul. 1989, p. 50-59, disponível em: <http://coloquio.gulbenkian.pt/bib/sirius.exe/do?bibrecord&id=PT.FCG.RCL.5785>, (consultado em 25/12/2011).

INSO, Jaime do, *Visões da China*, Lisboa, 1933.

JANEIRA, Armando Martins, *O impacte português sobre a civilização japonesa*, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1970.

JANEIRA, Armando Martins, *Figuras de Silêncio: a tradição cultural portuguesa no Japão de hoje*, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Lisboa, 1981.

LABORINHO, Ana Paula, *O essencial sobre Wenceslau de Moraes*, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2004.

MARTINS, Ingrid Bloser, *Portugal e o Japão: Armando Martins Janeira e Wenceslau de Moraes, duas personalidades humanas diferentes*, conferência promovida pela Câmara Municipal de Cascais, Set. 2004, disponível em: http://armandomartinsjaneira.net/downloads/Ingrid_Bloser_Martins-Portugal_e_o_Japao.pdf, (consultado em 24/12/2011).

MATEUS, Paula, *Wenceslau de Moraes Armando Martins Janeira - Intérprete português do japão biógrafo*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 2004.

NETO, Ignacio Dotto, *Prosa preguiçosa e exotismo – a literatura de Wenceslau de Moraes* (dissertação de mestrado), Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Unicamp, Campinas, SP, 2003, disponível em: <http://cutter.unicamp.br/document/?code=vtls000312967> (consultado em 24/12/2011).

PASCOAES, Teixeira de, *A arte de ser português*, Assírio & Alvim, B.I.020, Lisboa, 2007.

PEREIRA, Angelo, CÉSAR, Oldemiro, *Os amores de Wenceslau de Moraes*, Editorial Labor, 1937.

PEREIRA, Francisco Maria Esteves, *Reimpressões II, Marco Paulo*, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, Lisboa, 1922. Edição digital consultada em <http://archive.org/details/marcopauloolivro00polo>, (consultado em 25/12/2011).

PESSANHA, Camilo, *Clépsidra, Poemas de*, Edições Ática, Lisboa, 1956.

PINTO, Fernão Mendes, *Peregrinação*, 3.^a edição, Publicações Europa-América, s/d, s/l.

PIRES, Daniel, *Wenceslau de Moraes, Cartas do Extremo Oriente*, Fundação Oriente, Lisboa, 1993.

PIRES, Daniel, *Wenceslau de Moraes – Fotobiografia*, Fundação Oriente, Lisboa, 1993.

REIS, António, MAGALHÃES, Ana Maria, ALÇADA, Isabel, *O 5 de Outubro e a Primeira República*, editorial Caminho, 2010.

VITAL, Natália, *Japan in the works of Pierre Loti and Wenceslau de Moraes*, Bulletin of Portuguese/Japanese Studies, pp. 43-73, año/vol. 9, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2004, disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/pdf/361/36100903.pdf> (consultado em 24/12/2011).

2. Sobre ensino da língua e da literatura

AFONSO, Clarisse Costa, *Didáctica de Línguas Estrangeiras, Objectivos, Conteúdos e Metodologia*, Edições Pedagogo, Lda., 2010.

AKMAJIAN, Adrian, DEMERS, Richard A., FRAMER, Ann K., and HARNISH, Robert M., *Linguistics: An Introduction to Language and Communication*. 5th ed. Cambridge (MA): MIT Press, London, 2001.

ALMODOVAR, Maria del Pilar Serrano, *Implicaciones didácticas en la utilización de un enfoque global para la lectura en F.L.E.*, Universidad Complutense de Madrid, 1990, disponível em: <http://www.ucm.es/BUCEM/revistas/edu/11300531/articulos/DIDA9090110243A.PDF>, (consultado em 25/12/2011).

ANTUNES, Maria de Fátima Carvalho da Silva, *A leitura em Português Língua Segunda/ Língua Estrangeira*, dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2009, disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/20385>, (consultado em 25/12/2011).

AREAL, Américo, *Curso de Português, Questões de Gramática Noções de Latim*, 18ª ed. Edições Asa, Porto, 2004.

BABO, Maria Ausenda M. Monteiro, “*Que farei com este texto?*” *A leitura na aula de Língua Estrangeira: percursos iniciais*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8261.pdf>, (consultado em 25/12/2011).

BANDURA, Ewa, *Intercultural Dialogue in Reading Foreign Literature*, Studia Linguistica, Universitatis Iagellonicae Cracoviensis 125, 2008, disponível em: <http://www2.filg.uj.edu.pl/StudiaLinguistica/pdf/12501-Bandura.pdf>, (consultado em 25/12/2011).

BIZARRO, Rosa, *Linguística e Literatura: uma relação produtiva na aula de LE*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6716.pdf>, (consultado em 25/12/2011).

BIZARRO, Rosa, BRAGA, Fátima, *Da(s) cultura(s) de ensino ao ensino da(s) cultura(s) na aula de Língua Estrangeira*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005, disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/8772>, (consultado em 25/12/2011).

BONDANELLA, Peter, *Umberto Eco e o Texto Aberto – semiótica, ficção, cultura popular*, Difel Difusão Editorial, Viséu, 1998.

BOTTINO, Olga, *Literature and Language Teaching*, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6082.pdf>, (consultado em 25/12/2011).

BREDELLA, Lothar, *Introdução à didáctica da literatura*, Publicações Dom Quixote, 1989.

BREDELLA, Lothar, DELANOY, Werner, *Challenges of literary texts in the foreign language classroom*, Gunter Narr Verlag Tubingen, 1996.

- BROGAN, Kristin, *Online Language Teaching and EU projects*, Institute of Technology Tralee, School of Business & Social Studies Tralee, Ireland, disponível em: <http://www.leonardo-lets.net/ict/common/download/KristinBrogan.pdf>, (consultado em 25/12/2011).
- BROWN, H. Douglas, *Principles of Language Learning and Teaching*, 5th edition, Pearson Education, Longman, New York, 2007.
- CALVO, Mery Cruz, *Didáctica de la literatura como proceso de significación y desarrollo de la competencia discursiva*, in Revista Poligramas n.º 24. Universidad del Valle, segundo semestre 2005, pp. 147-167, disponível em: <http://poligramas.univalle.edu.co/24b/didactica.pdf>, (consultado em 25/12/2011).
- CARTER, Ronald, LONG, Michael, N., *Teaching Literature*, Longman Group UK Limited, Essex, 1991.
- CASTANYER, Laura Borràs, *Teaching Literature in a Virtual University: A Way to Enhance Imagination!*, 2006, disponível em: <http://www.openlit.gr/proceedings/Borras.pdf>, (consultado em 25/12/2011).
- CASTELEIRO, João malaca; MEIRA, Américo e PASCOAL, José, *Nível limiar: para o ensino [e] aprendizagem do Português como língua segunda [e] língua estrangeira*, Council of Europe, 1988.
- CECILIA, Raúl Ruiz, OJEDA, Juan Ramón Guijarro, *What can Multicultural Literature do for the EFL classroom?*, Faculty of Educational Studies, University of Granada, disponível em: http://www.readingmatrix.com/conference/pp/proceedings2007/cecilia_ojeda.pdf, (consultado em 25/12/2011).
- CERVERA, Roser, *A la recherche d'une didactique littéraire*, United International College de Chine, Synergies Chine n.º 4, pp. 45-52, 2009, disponível em: <http://ressources-cla.univ-fcomte.fr/gerflint/Chine4/cervera.pdf>, (consultado em 25/12/2011).

CONDE, Joaquín Díaz-Corrales, *Aspectos didácticos de la enseñanza-aprendizaje de una LE*, Editorial Complutense, Madrid, 1992, disponível em: <http://www.ucm.es/BUCM/revistas/edu/11300531/articulos/DIDA9292110037A.PDF>, (consultado em 25/12/2011).

CRYSTAL, David, *A Dictionary of Linguistics & Phonetics*, 5th ed., Blackwell Publishing, Oxford, 2003.

DIAS, Maria José Carneiro, *Amin Maalouf: A Literatura como mediação entre Oriente e Ocidente*, dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2009, disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/20093>, (consultado em 25/12/2011).

DUCROT, Oswald, TODOROV, Tzvetan, *Dicionário das ciências da linguagem*, Publicações D. Quixote, 5.^a edição, Lisboa, 1978.

ELIOT, T. S., *Ensaio de Doutrina Crítica*, Guimarães Editores, Lisboa, 1997.

ELISEU, André, *Sintaxe do Português*, editorial Caminho, 2008.

ESTELLE, Riquois, *Exploitation pédagogique du texte littéraire et lecture littéraire en FLE: un équilibre fragile*, 11e Rencontres des Chercheurs en Didactique des Littératures Genève, Mars 2010, disponível em: http://www.unige.ch/litteratures2010/contributions_files/Riquois%202010.pdf, (consultado em 25/12/2011).

EUROPA, Conselho da, *Portefólio Europeu de Línguas – ensino secundário (+16 anos/adultos)*, Ministério da Educação, 2001, disponível em: http://sitio.dgcidc.min-edu.pt/linguas_estrangeiras/Paginas/PELinguas.aspx, (consultado em 25/12/2011).

FREDERICO, Enid Yatsuda, OSAKABE, Haqira, *Literatura*, Universidade Estadual de Campinas, disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/03Literatura.pdf>, (consultado em 25/12/2011).

FIGUEIREDO, Olívia, *Didáctica do português língua materna: dos programas de ensino às teorias, das teorias às práticas*, Edições Asa, 2005.

FIGUEIREDO, Olívia, *O Português abre portas: A quem? E como?*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8301.pdf>, (consultado em 25/12/2011).

FISCHER, Gloria, *Quadro comum de referência e portfolio europeu de línguas*. Educação & Comunicação. n.º 7 (Jun. 2002), p. 19-26, disponível em: <http://www.esecs.ipleiria.pt/files/f1411.1.pdf>, (consultado em 25/12/2011).

FLOHR, Susanne, *Teaching Literature: Language and Cultural Awareness Using the Example of "Hills Like White Elephants"*, GRIN Verlag, 2010.

FONSECA, Fernanda Irene, “Da Inseparabilidade entre o Ensino da Língua e o Ensino da Literatura”, in *Actas do Congresso Internacional de Didáctica da Língua e da Literatura* (de 6 a 8 de Outubro de 1998), Almedina, Coimbra, 2000.

FONSECA, Fernanda Irene, *Gramática e pragmática: estudos de linguística geral e de linguística aplicada ao ensino do português*, Porto Editora, 1994.

FORTE, Manuel Lourenço, *O Ocidente e a Poética Esquiva do Haiku*, Vega, 1995.

GAMA, Bárbara Sofia Nadais da, *O Léxico em Aulas de PLE, um contributo para o ensino de colocações*, dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2009, disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/20127>, (consultado em 24/12/2011).

GARDNER, David, *Fostering Autonomy in Language Learning*, Faculty of Education, Zirve University, Gaziantep, Turkey, 2011, disponível em <http://ilac2010.zirve.edu.tr/>, (consultado em 25/12/2011).

GARTNER, Eberhard, HERHUTH, Maria José Peres, SOMMER, Nair Nagamine, *Contribuições para a Didáctica do Português Língua Estrangeira, actas do IV congresso da associação alemã de lusitanistas*, TFM-Centro do Livro e do Disco de Língua portuguesa, Teo Ferrer de Mesquita, 2003.

GISKIN, Howard, *Using Chinese Folktales in the Classroom*, Education About Asia Magazine, vol. 7, n.º 2, Fall 2002, disponível em: <http://www.asian-studies.org/EAA/Giskin.pdf>, (consultado em 25/12/2011).

GOMES, Maria do Céu, *O ensino do português num contexto de educação bilingue*, Centro de Investigação e Intervenção Educativas da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, 2009, disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/17846>, (consultado em 24/12/2011).

GONZÁLEZ, Félix Sanz, *La literatura en la clase de lengua extranjera: una presencia incómoda?*, Facultad de Educación, Universidade Complutense de Madrid, disponível em: <http://www.ucm.es/BUCM/revistas/edu/11300531/articulos/DIDA9595110119A.PDF>, (consultado em 24/12/2011).

GOROSTEGUI, Maria Teresa Oabarrieta, *La enseñanza de la civilización en la clase de lengua extranjera*, Didáctica n.º 1, 1989, p. 60, Universidad Complutense de Madrid, Escuela Universitaria de Formación del Profesorado de E.G.B “Maria Diaz Jimenez”, disponível em: <http://www.ucm.es/BUCM/revistas/edu/11300531/Digital/DIDA01.pdf>, (consultado em 24/12/2011).

HALLIDAY, M.A.K, *An Introduction to Functional Grammar*, 3rd ed., Oxford University Press, New York, 2004.

HOLENSTEIN, Elmar, *Jakobson – o estruturalismo fenomenológico*, Vega, Lisboa, s./d.

- JUIF, Paul, DOVERO, Fernand, *Guia do Estudante de Ciências Pedagógicas*, Editorial Estampa, 1974.
- LABORINHO, Ana Paula, SEIXO, Maria Alzira, MEIRA, Maria José (Org.), *A vertigem do oriente: modalidades discursivas no encontro de culturas*, Edições Cosmos, Lisboa-Macau, 1999.
- LAZAR, Gillian, *Literature and Language Teaching: A guide for teachers and trainers*, Cambridge University Press, s./l., 1993.
- LONGO, Giuseppe, *Teaching literature: how? Towards new paradigms in the didactics of literature*, Universitas, Section 4: Literature and reading, pp. 193-237, disponível em: http://www.universitas.com.pl/media/File/Fragmenty/TOWARDS/mart_2-4.pdf, (consultado em 24/12/2011).
- LOPES, Ana Cristina Figueira, *Planificação – Português Língua Estrangeira*, Universidade Independente, 2005, disponível em: http://www.multiculturas.com/textos/planificacao_ple_Ana-Cristina-Lopes.pdf, (consultado em 24/12/2011).
- LÓTMAN, Iúri, USPENSKII, Borís, IVANÓV, V., *Ensaio de Semiótica Soviética*, Livros Horizonte, Lisboa, 1981.
- MACHADO, Augusto de Freitas, *Leitura Literária: elemento de constituição de um indivíduo autônomo*, dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2007, disponível em: <http://repositorio.bce.unb.br/handle/10482/2488>, (consultado em 24/12/2011).
- MASAO, Uchiyama, MIDORI, Tanimura, HITOSHI, Isahara, *Constructing English Reading Courseware*, Waseda University, Tokyo, 2004, disponível em: <http://aclweb.org/anthology/Y/Y04/Y04-1017.pdf>, (consultado em 24/12/2011).

MATEUS, Maria H. Mira, BRITO, Ana Maria, DUARTE, Inês, FARIA, Isabel Hub, *Gramática da Língua Portuguesa*, 6.ª edição, editorial Caminho, 2004.

MEIRA, Maria José, *Para uma Pedagogia Integrada do Ensino da Língua e da Literatura a Falantes Não Nativos: a escrita ficcional de David Mourão-Ferreira*, tese de doutoramento, apresentada à F.L.U.L. em Julho de 2009.

MENDES, Ana Paula Coutinho, *Representação do Outro e Identidade: um estudo de imagens na narrativa de viagem I*, in *Cadernos de Literatura Comparada*, dez. 2008, Granito Editores e Livreiros, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, disponível em: <http://www.ilcml.com/Var/Uploads/Publicacoes/Artigos/4eae9531ec93d.pdf>, (consultado em 24/12/2011).

OUTEIRINHO, Maria de Fátima, *Orient(s) et récit de voyage au XIXe siècle (au Portugal)*, *Cadernos de Literatura Comparada* – 14/15, *Textos e Mundos em Deslocação* – Tomo 1, Edições Afrontamento/Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 2006, disponível em: <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/23632>, (consultado em 25/12/2011).

OUTEIRINHO, Fátima, *Representação do Outro e Identidade: um estudo de imagens na narrativa de viagem II*, in *Cadernos de Literatura Comparada*, dez. 2000, Granito Editores e Livreiros, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, disponível em: <http://www.ilcml.com/Var/Uploads/Publicacoes/Artigos/4eae9893645d8.pdf>, (consultado em 25/12/2011).

PIECZULIS, Aurelia, *New Approaches to Dealing with Literature*, disponível em: <http://www.cdniku.pl/pliki/76.pdf> (consultado em 25/12/2011).

PINKER, Steven, *The Language Instinct, How the mind creates language*, 3rd ed., Harper Perennial Modern Classics, 2007.

Quadro europeu comum de referência para as línguas. Aprendizagem, Ensino, Avaliação, (tradução), Conselho da Europa, *Edições Asa, Porto*, 2001.

RIVEROL, Jenny Elliott, *Literature in the Teaching of English as a Foreign Language*, Revista Alicantina de Estudios Ingleses 4, pp. 65-69, 1991, disponível em: http://rua.ua.es/dspace/bitstream/10045/5489/1/RAEI_04_06.pdf, (consultado em 25/12/2011).

REIS, Carlos, e LOPES, Ana Cristina M., *Dicionário de Narratologia*, 7ª ed., Almedina, 2002.

REIS, Carlos, ADRAGÃO, José Victor, *Didáctica do Português*, Universidade Aberta, Lisboa, 1992.

REIS, Carlos, *O Conhecimento da Literatura, Introdução aos estudos literários*, Almedina, Coimbra, 2ª ed. Outubro, 2001.

ROCHETA, Maria Isabel, e NEVES, Margarida Braga, *O ensino da literatura: Reflexões e propostas a contra corrente*. Cosmos, Lisboa, 1999.

ROMANO, Fernanda Maria, *Camilo Pessanha: a tradução como experiência da alteridade*, VI Congresso Nacional Associação Portuguesa de Literatura Comparada/X Colóquio de Outono Comemorativo das Vanguardas – Universidade do Minho 2009/2010, disponível em: http://ceh.ilch.uminho.pt/pub_fernanda_romano.pdf, (consultado em 25/12/2011).

RUAS, Manuel (trad.), *O Educador e a Abordagem Sistémica*, 3.ª ed., Unesco, Editorial Estampa, 1989.

RUBIN, Joan, e THOMPSON, Irene; RAFAEL, Luiz Antonio (trad.), *Como Ser um Ótimo Aluno de Idiomas*, 2ª ed., Pioneira, Thomson Learning, editora Guazzelli, São Paulo, 2001.

SANTORO, Elisabetta, *Da indissociabilidade entre o ensino de língua e de literatura: uma proposta para o ensino do italiano como língua estrangeira em cursos de*

Letras, tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007, disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8139/tde-26022008-141241/pt-br.php>, (consultado em 24/12/2011).

SALLENAVE, Danièle, *À Quoi sert la littérature?*, Les éditions Textuel, Paris, 1997.

SAUSSURE, Ferdinand, *Curso de Linguística Geral*, 8.^a edição, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1999.

SEIXO, Maria Alzira, ZURBACH, Christine (Org.), *O discurso literário da "Peregrinação"*, Edições Cosmos, Lisboa, 1999.

SELL, Jonathan P.A., *Why teach literature in the foreign language classroom?*, Universidade de Alcalá, Encuentro 15, 2005, disponível em: http://www.encuentrojournl.org/textos/11_Sell.pdf, (consultado em 24/12/2011).

SHIGEMATSU, Stephen Murphy, *Teaching Cross Cultural Competence Through Narrative*, Literature and the Arts in Medical Education, Family Medicine, October 2009, disponível em: <http://www.multiculturalleadership.com/Murphy%20Shigematsu.pdf>, (consultado em 24/12/2011).

SOMMER, Nair Nagamine, HERHUTH, Maria José Peres, GARTNER, Eberhard, *Contribuições para a didáctica do português língua estrangeira: Actas do IV Congresso da Associação de Lusitanistas*, TFM-Verlag, Teo Ferrer de Mesquita, 2003.

SWAN, Karen, MESKILL, Carla, *Multimedia and Response-Based Literature Teaching and Learning: A Critical Review of Commercial Applications*, Report Series 2.23, National Research Center on Literature Teaching and Learning, University at Albany, NY, 1995, disponível em: <http://www.albany.edu/cela/reports/swanmultimediareview.pdf>, (consultado em 24/12/2011).

TAKAHASHI, Neide Tomiko, *Textos literários no ensino de português-língua estrangeira (PLE) no Brasil*, dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008., disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-18092008-155530/pt-br.php>, (consultado em 24/12/2011).

VALERO, Armando López, RUIZ, Pedro Guerreiro, *La didáctica de la Lengua y la Literatura y su enseñanza*, Revista Interuniversitaria de Formación del Profesorado, n.º18, 1993, Fundación Dialnet, disponível em: <http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=117784>, (consultado em 24/12/2011).

VÁRIOS, *Actas do 4º Ensino das Línguas Vivas no Ensino Superior em Portugal*, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1999.

VÁRIOS, *A Língua Portuguesa: presente e futuro*, Fundação Calouste Gulbenkian, 2ª ed., Lisboa, 2009.

VÁRIOS, *O Oriente na Língua e na Literatura Portuguesa*, Associazione Culturale Fuji, disponível em: <http://www.fujikai.it/public/archivio/giapponeitalia/Oriente%20-%20Abstracts.pdf>, (consultado em 24/12/2011).

VILELA, Maria Graciete, Sobre o ensinamento da literatura: os ensinamentos de Xerazade, in *Estudos em homenagem ao Professor Doutor Mário Vilela*, vol. 2, pag. 633-641, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 2005, disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4593.pdf> (consultado em 25/12/2011).

WELLEK, René e Austin Warren, *Teoria da Literatura*, 4ª ed. Europa-América, Mem Martins, s./d.

XAVIER, Maria Francisca, e MATEUS, Maria Helena, *Dicionário de Termos Linguísticos*, vol. 1, Associação Portuguesa de Linguística, Edições Cosmos, Lisboa, s./d.

YULE, George, *The Study of Language*, 2nd ed., Cambridge University Press, 1996.

Anexo I

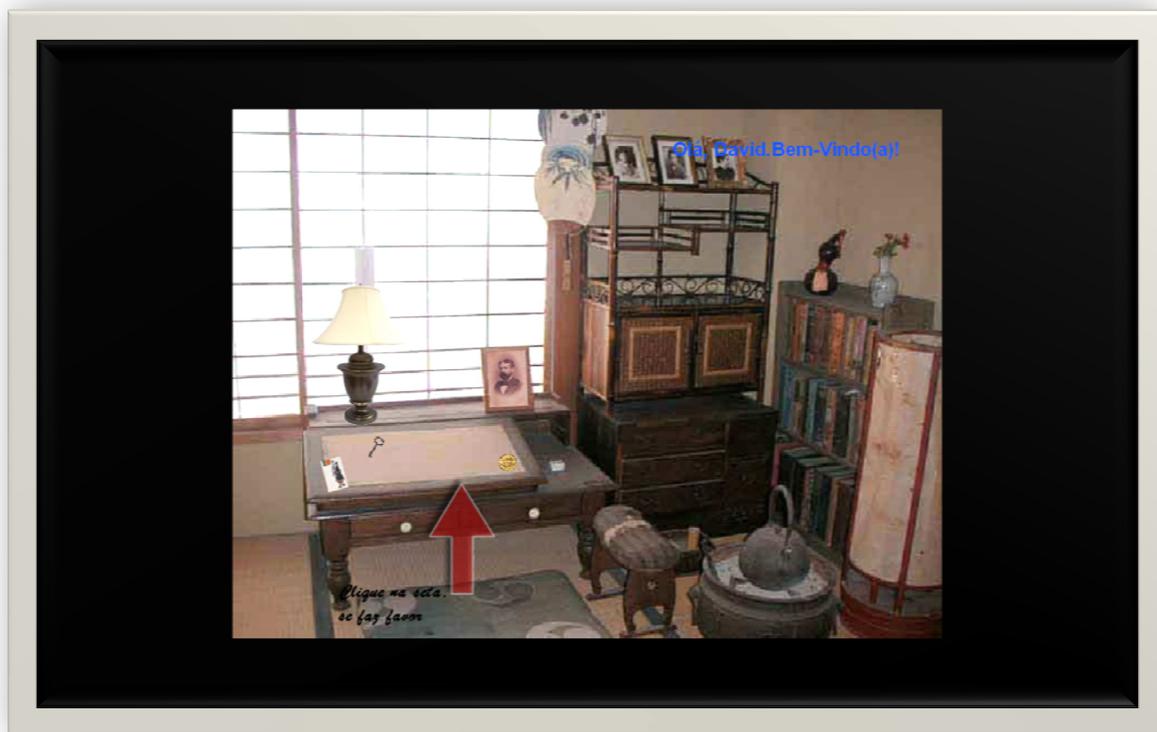


Figura 1 – CD-Rom: visita virtual ao escritório de trabalho de Wenceslau de Moraes em Tokushima.



Figura 2 – CD-Rom: Exemplo de contextualização do autor. Wenceslau de Moraes com Camilo Pessenha em Hong Kong e nota de 100 mil Reis do ano de 1910.



Figura 3 – CD-Rom: Exemplo de contextualização do autor. Referência à primeira travessia aérea do Atlântico Sul por Gago Coutinho e Sacadura Cabral, no ano de 1922.

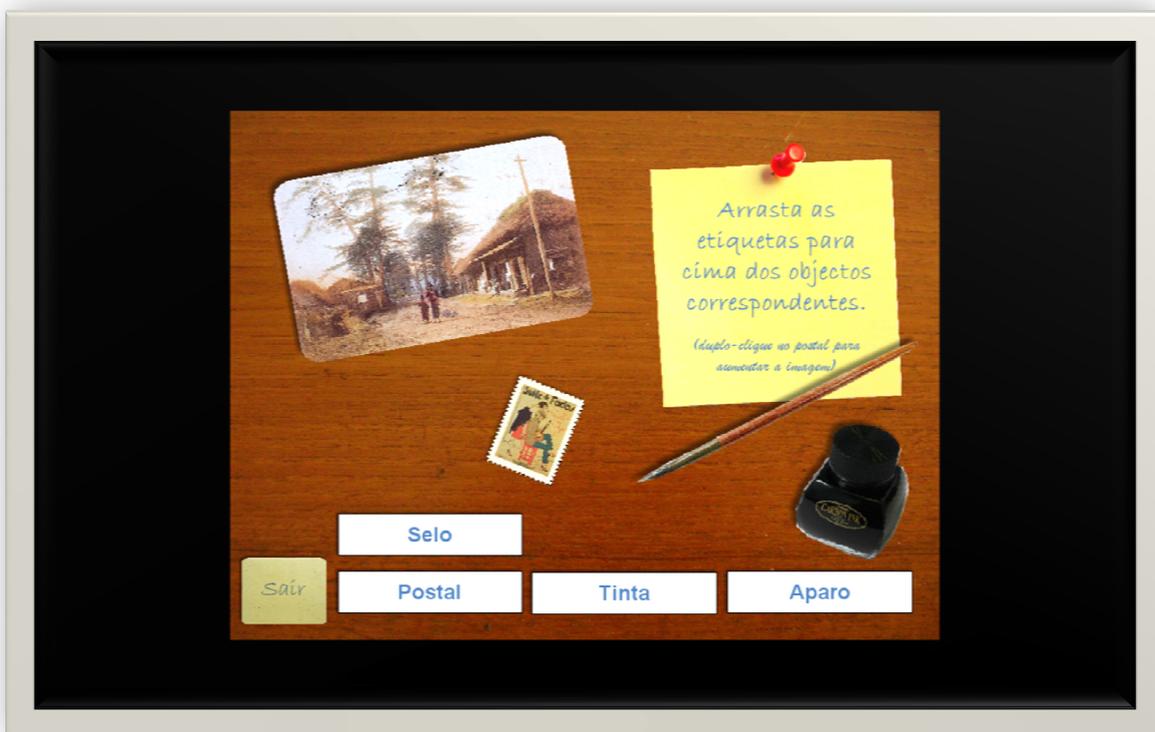


Figura 4 – CD-Rom: Exemplo de tarefa – correspondência palavra/imagem.

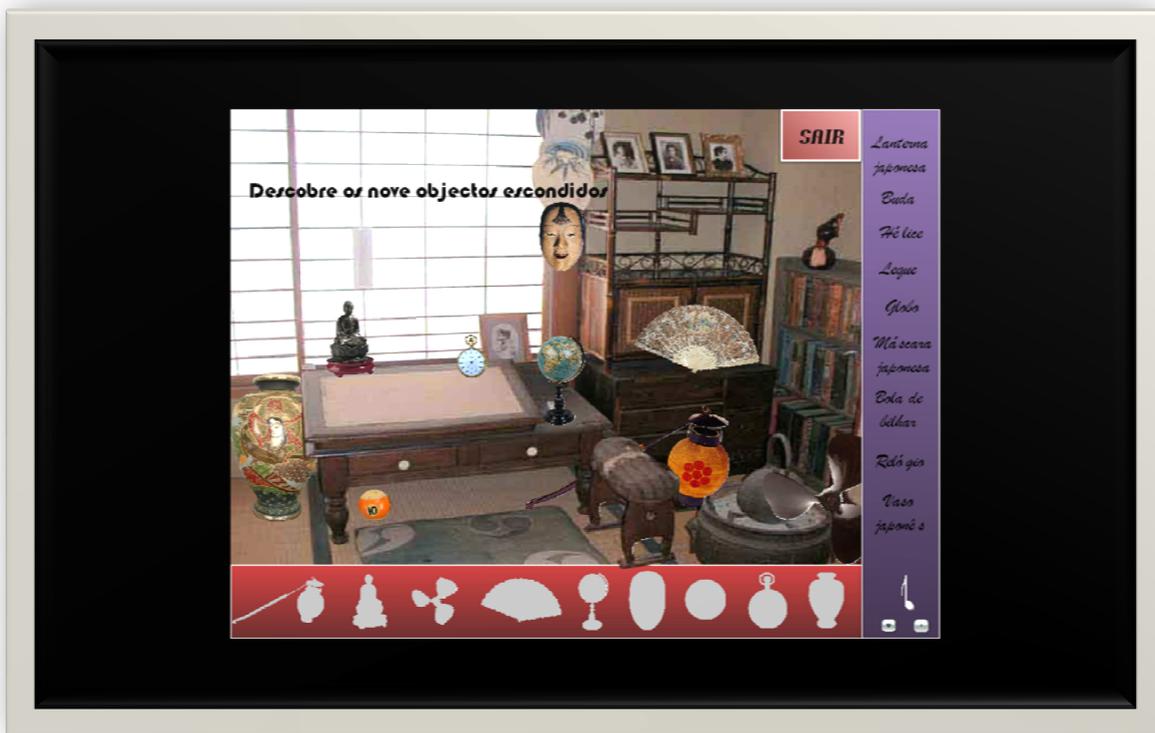


Figura 5 – CD-Rom: Exemplo de tarefa – correspondência de objetos escondidos.

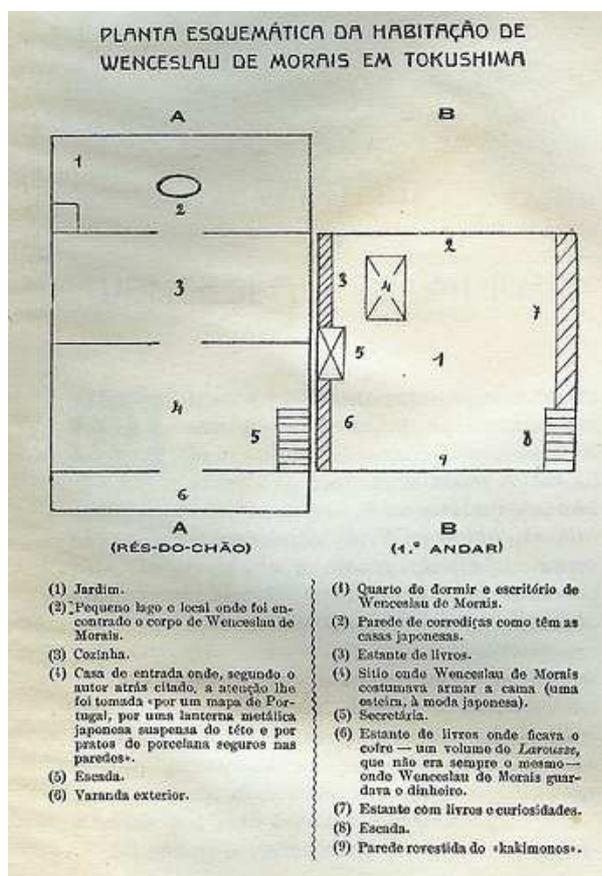


Figura 6 – Planta da casa de Wenceslau de Moraes em Tokushima publicada por Jaime do Inso em *Visões da China*, p. 359.

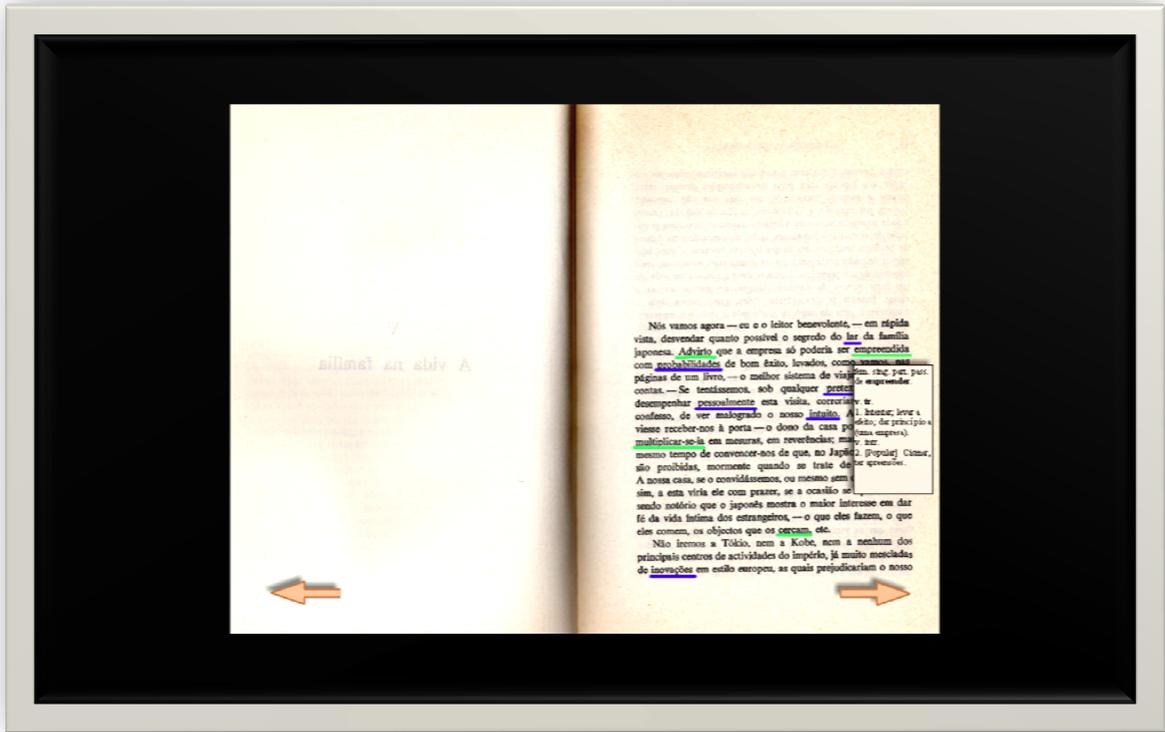


Figura 7 – CD-Rom: Exemplo de corpus de vocabulário selecionado no capítulo “A Vida em Família”.

Anexo II

(Segundo a 2.^a edição)⁷⁴

Capítulo V – A vida na família

Nós vamos agora – eu e o leitor benevolente, – em rápida vista, desvendar quanto possível o segredo do lar da família japonesa. Advirto que a empresa só poderia ser empreendida com probabilidades de bom êxito, levados, como vamos, nas páginas de um livro, - o melhor sistema de viajar, no fim de contas. – Se tentássemos, sob qualquer pretexto plausível, desempenhar pessoalmente esta visita, correríamos o risco, confesso, de ver malgrado o nosso intuito. A pessoa que viesse receber-nos à porta – o dono da casa por exemplo – multiplicar-se-ia em medidas, em reverências; mas tratando ao mesmo tempo de convencer-nos de que, no Japão, as maçadas são proibidas, mormente quando se trate de estrangeiros. A nossa casa, se o convidássemos, ou mesmo sem convite, a esta sim, a esta viria ele com prazer, se a ocasião se apresentasse; sendo notório que o japonês mostra o maior interesse em dar fé da vida íntima dos estrangeiros, - o que eles fazem, o que eles comem, os objectos que os cercam, etc.

Não iremos a Tóquio, nem a Kobe, nem a nenhum dos principais centros de actividades do império, já muito mescladas de inovações em estilo europeu, as quais prejudicariam o nosso exame; porque, é evidente, o que nós queremos relancear é o Japão tão japonês, tão puro de adaptações desintegrantes, quanto é possível encontrá-lo nos dias que vão correndo. Iremos, por exemplo, a Tokushima, na ilha de Shikoku, grande cidade provinciana, conservadora de costumes, com uma população de setenta mil habitantes, incluindo cerca de uma dezena de brancos, sendo eu um desses homens brancos. Tokushima, apesar de muita gente que a povoa, é uma terra monótona, meia adormecida em preguiças, o que se deve atribuir a ter sido ela um farto viveiro de Samurai, homens de guerra; extinta a classe, ficaram as descendentes deles, gente pouco dada a comércio, à gíria do negócio, preferindo a tudo um empregozito reles, num escritório, numa secretaria, ou, melhor ainda, o sossego na paz do lar, vivendo das recordações e das tradições dos tempos idos. Efectivamente Tokushima, capital da antiga província de Awa, foi a residência, durante vários séculos, dos senhores de Hachisuka, sucessivos daimio,

⁷⁴ MORAES, Wenceslau, *Relance da alma Japoneza*, 2.^a edição, Parceria A. M. Pereira, 1973.

que tinham aqui o seu castelo, hoje demolido, transformados em parque os amplos terrenos adjacentes. Grande número de homens da corte do dáimio e chusmas de samurai também aqui viviam, restando ainda muitas das suas habitações, agora desfazendo-se, inculindo a alguns bairros um certo ar de melancolia e descalabro, embora impressionantes pela poesia das velhas coisas, pouco vulgar em terras do Japão.

Sigamos por uma rua qualquer, ao acaso. Ruas geralmente muito longas, estas ruas japonesas, mesmo em aldeias; estendendo-se em linha recta, cruzadas de quando em quando por travessas, também em linha recta. Muito limpas; são os moradores que as varrem, com escrúpulos de minúcia, cada qual na parte que fica em frente à sua casa; o ofício de varredor municipal é desconhecido no Japão. De cada lado da rua, seguem as habitações, que mais parecem, para os olhos de quem pela primeira vez as relanceia, gaiolas para desconhecidas aves – cegonhas? avestruzes? que sei eu! – do que casas para gente ali viver. De diminutas proporções, construídas de madeira sem pintura, com um único andar ao rés do chão ou com dois andares, telhados cobertos de pesadas telhas negras, ou de palha nas aldeias, amplas aberturas à guisa de janelas resguardadas por caixilhos em xadrez, sobre que se cola papel branco, fechadas de noite por uma espécie de taipais; para maior estranheza, pequeninas varandas, gradarias de bambu ou de madeira alpendres, balaustradas, salientam-se aqui e acolá, complicando os aspectos; em baixo, por vezes, alguns arbustos vicejam. Se a casa é ao mesmo tempo habitação e estabelecimento de negócio, uma ou duas paredes do andar ao rés do chão são suprimidas durante o dia e parte da noite, para melhor deixar patente o estendal das bugigangas, mil bugigangas, muitas delas de aplicação desconhecida do europeu, dispostas com arte e com cuidado, num curioso caleidoscópio de colorações hilariantes. Tal é, a correr, a correr, para não enfadar muito, a impressão com que ficamos da casa japonesa, com ligeiras modificações de terra para terra, no Japão propriamente dito; na Formosa, na China, na Coreia acentuam-se necessariamente diferenças de maior vulto. Multiplicai agora estes exóticos casinhotos muitas vezes, muitos milhares de vezes, muitos milhões de vezes; entornai em cada um deles uma família japonesa, de cinco ou seis pessoas, quando não de muitas mais; e tereis assim agrupado, convenientemente, o formigueiro humano que é o Dai-Nippon, o império de setenta milhões de almas, o arquipélago das ilhas sem conto, que surgem das enormes profundezas do Pacífico e que tremendos abalos subterrâneos sacodem de quando em quando, o país que de um lado defronta com a China vizinha, e de outro lado com a América, mui distante, a terra que nos encanta pelos seus caprichos naturais, pelos seus costumes íntimos, pelos seus mimos de arte, e que nos

assombra igualmente, pelas suas recentes glórias, ganhas lutando contra a China e ganhas lutando contra a Rússia!...

Penetremos numa casa japonesa deixando à porta os sapatos. O sobrado, que se eleva cerca de meio metro sobre o solo, é invariavelmente revestido de esteiras, pequenas esteiras, ajustadas umas de encontro às outras, espessas e fofas. Logo à entrada, notam-se cuidados prodigiosos de limpeza. A casa do pobre é asseada; mas se não é a casa do pobre, mas sim uma simples habitação de conforto mediano, o viço das esteiras, que frequentemente se renovam, é de uma frescura encantadora, é um deslumbramento. O asseio é uma das qualidades mais brilhantes do povo japonês. Seguindo mais para dentro, vamos encontrar por toda a parte, em tudo, o mesmo asseio que já observámos à entrada. Pode dizer-se que, na habitação japonesa, o principal luxo, muitas vezes o único, é a limpeza; mas esta tão requintada, que embriaga!... Móvel, no sentido que lhe damos, nós da Europa, quase que não existe, ou não existe; não há cadeiras, não há sofás, não há leitos; as colchas, com que se preparam à noite as camas, estão guardadas. O altar dos mortos, onde cada membro desaparecido da família tem o seu lugar marcado, e a sua chávena com chá e a sua taça com arroz especiais, encontra-se longe das vistas, em algum sítio ermo, próprio para a meditação e para a prece. Falta a quinquilharia varia, que serve, nas nossas casas do Ocidente, para ornamentar os aposentos. Pelo chão, vemos algumas almofadas ou cochins forrados de seda ou de algodão, sobre os quais as pessoas ajoelham; a mais, o braseiro, boceta com tabaco, cachimbo minúsculo e os miúdos utensílios em que se vai servir o chá, que se nos oferece. Num pequeno espaço à parte, que parece cavado na parede, com um nicho, suspende-se geralmente um kakemono; e cerca, numa jarra de bronze ou de porcelana verdejam folhagens, ou espigam florescências, dispostas segundo as regras da arte maravilhosa com que neste país se compõem ramalhetes. As paredes são cobertas de estuques, alguns de belo efeito, por exemplo quando a mica entrou no seu preparo. Largas peças rectangulares, feitas de folhas de papel sobrepostas ornamentadas de desenhos nas suas duas faces e emolduradas em caixilhos de charão, descem do alto a baixo, do tecto ao chão, podendo deslizar em ranhuras; de sorte que, a um leve esforço, ei-las a aproximarem-se ou a afastarem-se umas das outras, isolando ou escancarando os aposentos. Dai agora ao ambiente um meio tom de luz, a luz coada e atenuada em seus bruscos clarões, uma luz cor de pérola, devida à semi-transparência do papel que faz o efeito de vidraça, – luz de paz, luz de sonho, luz profundamente impressionante. – Acaso,

para além de alguma corrediça entreaberta, se acusarão de surpresa verduras de jardim, um jardinzinho de minúsculas dimensões, todo ele frescuras de musgos e de ramas de arvoredos, donde surdem dois ou três rochedozinhos acavalgados uns de encontro aos outros, dando ideia de uma rústica paisagem natural, em miniatura. E tendes assim, em breve descrição, o que seja uma casa japonesa, classificada para todos os efeitos na categoria de bens móveis, com plena razão para fazê-lo; pois se, por um qualquer motivo – imaginai que a municipalidade quer alargar a rua, – tem de mudar de poiso, nada mais fácil ao senhorio do que encarregar três ou quatro carpinteiros de removê-la paraa uma distância de alguns metros, segundo as conveniências.

Conhecida a casa, povoemo-la com a família. Uma grande família, em geral. Nomeemos, em primeiro lugar, o dono da casa e sua esposa. Juntai ao casal o bando das crianças, muitas em regra, – sabeis sem dúvida a fama de prolífera de que goza a família japonesa. – Juntai agora os velhos; rara será a casa onde não se encontrem velhos, – entre pai, mãe, avô, e avó, etc., – especialmente se o dono da casa é filho primogénito, situação que lhe confere honras notáveis, mas também grandes encargos a cumprir. Se a família é abastada, adicionai as criadinhas, acaso outros serviçais. Toda esta gente gira, rodopia de um lado para outro, no exíguo espaço do acanhado abrigo; mas sem atritos, sem dificuldades, numa admirável compreensão dos seus misteres, lembrando formigas em labuta; ao mesmo tempo, sem ralhos, sem alterações, quase em silêncio; nem mesmo se ouvem gargalhadas, a gente japonesa não sabe rir, sabe sorrir, e a sorrir a vemos quase sempre. Consta que há no Japão, excepcionalmente, sogras terríveis, que tornam a existência das noras lamentável, e que há madrastas cruéis; assim será; no entretanto, de maus tratos, de sevícias, não se dá fé; poderão ter lugar pressões surdas, duras imposições segredadas ao ouvido e cumpridas em silêncio; mas a compostura, o decoro, são preceitos de que ninguém se afasta. Quanto às crianças, se são de tenra idade, passam os dias às costas das mães, ou mamando, regalo que só termina quando rejeitam o seio, aos dois ou três anos de idade, ou ainda mais tarde; ou transitam das costas das mães para as costas das irmãzinhas mais crescidas, ou para as costas das criadinhas. Desde os cinco ou seis anos, as crianças fazem o que querem, passam a vida na rua, em bandos galhofeiros, isto sobretudo entre as famílias mais humildes. Galhofeiros!... Mas observai atentamente todos aqueles rostinhos infantis; por vezes, cessam de brincar; tornados sérios, os rostinhos acusarão, por instantes, traços severos, alheios às crianças da raça branca, traços

que apavoram, que como que traduzem fugidias reminiscências da longa experiência das coisas e do duro julgamento dos eventos, - heranças remotíssimas, transmitidas pelo sangue e que tiveram o condão de avincar-se mais intensas, mais profundas, mais indestrutíveis nos cérebros nipónicos, do que nos cérebrozinhos ocidentais; a criança japonesa oferece-nos ocasionalmente, pela sua expressão fisionómica, o aspecto de um velho muito velho, tipo da alma racial, que data de milénios. Aos oito anos, as crianças começam a frequentar a escola, sem abandonarem a rua em horas livres, dando-se então, particularmente os rapazes – pequeninos mongólicos sem freio em seus instintos – a todas a espécie de distúrbios, massacrando os insectos a que dão caça, trepando às árvores dos vizinhos, destruindo os pardais nos ninhos, etc. Quanto aos velhos – pobres velhos! – brincam também – duas vezes somos crianças, – ou dão-se ocupações do seu agrado, arrancando as ervas ruins que nascem junto à porta, ou varrendo a rua, ou qualquer coisa do género; inteiramente desinteressados de qualquer parte activa ou dirigente no seio da família, pela transferência de deveres e de direitos que fizeram, quando se julgaram inúteis, ao filho primogénito.

O dono da casa é o rei, a quem todos obedecem, sem sacrifício, porque, pelos costumes, é um prazer obedecer-lhe; rei pouco incómodo todavia, rei-patriarca, que manda e não admite escusas para a falta de cumprimento das ordens que ditou, mas complacente e sereno, cuidando do bem de todos, desde a esposa, que ele protege e encaminha na vida como se protege e encaminha na vida uma criança, até às verdadeiras crianças, que são seus filhos, até às criadinhas, se as tem, as quais, pelo facto de viverem debaixo do mesmo tecto, gozam de mais direitos e atenções do que as nossas criadas, nas casas europeias.

Para se compreender com a possível clareza a importância especial do dono da casa no seio da família, precisamos de estudar o lar doméstico sob um novo aspecto, o que nos leva a insistir sobre o culto dos avós, foco primordial e de acção na inteira existência japonesa. Em virtude da ordem por que se vão desenrolando nestas páginas as minhas impressões, relativas à feição moral do povo japonês, qualquer característica típica não jorra, não pode jorrar de um jacto, como por exemplo um objecto de bronze, surgindo do molde onde esfriou. Bem pelo contrário, lento é o processo das minhas elaborações; esboçando agora uma ideia, a medo, para mais tarde, noutra ocasião propícia, voltar ainda ao assunto, retoçando-o, precisando-o nos detalhes, e voltando ainda muitas vezes ao

mesmo processo de retoques, tantas quantas me pareçam convenientes para o amplo esclarecimento de uma convicção a que cheguei. É o que tem vindo acontecendo com o culto dos mortos no Japão, de uma importância capital para o conhecimento da alma japonesa. Volto agora a falar nele sem dar a matéria por concluída; pois ainda terei, mais adiante, de volver ao mesmo tema, até perfeita certeza de que mais nada saberei dizer, que esclareça, que ilumine a ideia que se agravou no meu sentir.

Para a mentalidade japonesa, o culto da família é tudo, a razão de ser da existência; não o culto da família viva, mas o culto da família morta, o culto dos avós desaparecidos. Estes avós, pelas suas próprias virtudes durante a apagada existência, e pelas propiciações que os vivos lhes tributam no desempenho dos ritos familiares, alcançam a bem-aventurança; e os seus espíritos agradecidos pagam em afectuosa protecção os cuidados rituais que se lhes votaram, guiando os vivos nos seus passos sobre a terra, aplacando-lhes dificuldades, encaminhando-os para a bem-aventurança esperada. Vive-se pois, pode dizer-se, para morrer; e morre-se para viver. O lar é o templo principal deste portentoso culto, e o local escolhido para a execução dos ritos principais, praticados junto do altar dos mortos, a manifestação mais visível e palpável da inteira doutrina cultural. Sendo a casa o templo, a família, naturalmente, constitui o grupo dos sacerdotes oficiantes; destacando-se de entre eles todos, também naturalmente, o dono da casa, como o principal dos sacerdotes, o patriarca. Dividida assim a casa, somos facilmente levados à compreensão do decoro, da compostura, da decência, que devem reinar, que reinam, em toda ela. Com respeito ao dono da casa, o patriarca, pesam grandes encargos sobre ele, como em breve apontarei. Ele encontra-se, todavia, bem compenetrado da missão que desempenha; embora o natural sentimento da sua própria impersonalidade – sentimento racial – tenda a levá-lo ao esquecimento de si mesmo, os deveres do sacerdócio impõem-se-lhe, chamam-no às suas responsabilidades. Pois não é ele, sem dúvida, no seio da família, de todos o mais experimentado, o mais culto, o mais robusto, o mais activo, competente para guiar a esposa e os filhos no caminho do bem e, muito mais ainda, para actuar como directo intermediário entre os membros mortos e os membros vivos da família, no tocante aos interesses dos dois grupos – o grupo dos mortos e o grupo dos vivos?... – Por isto ele se coloca em evidência, como o ser mandante, e exige que a sua vontade se respeite. Por isto ele é o rei, na sua casa.

Um templo, a casa de família. E certamente um templo de virtude, de honestidade, de pundonor, que não deslustre, enfim, a sagrada missão a que é votado; as raras faltas que se cometem são punidas com rigor extremo. Quereis exemplos? Há milhões para contar,

na memória do povo; e quando estes milhões de exemplos estiverem escritos e contados, ainda teremos deixado em esquecimento muitos milhões de exemplos; não têm fim; datando uns – a grande maioria – dos velhos tempos idos, mais rudes nos processos e também mais briosos; outros datando dos dias que agora estão correndo, desabusados, mas sem que cesse de palpitar a alma japonesa. Segue um exemplo. No tempo da administração dos Tokugawa, a casa de um samurai da província de Satsuma foi visitada por certo negociante de fazendas, trazendo delas farto lote, para escolha e compra entre a família. Como sempre sucede em casos tais – ainda hoje, – houve reboliço entre as mulheres; examinou-se tudo, palrou-se, discutiu-se; até que finalmente a esposa do samurai comprou algumas peças de fazenda, as filhas também compraram, as criadinhas também compraram, cada qual segundo as suas posses. Poucos dias depois, voltou o negociante à mesma casa, informando de que, na sua primeira visita e durante a confusão da escolha e das palestras, alguém aproveitara aquele ensejo para se apoderar, indevidamente, de uma peça de fazenda, que lhe faltava; e pedia providências. O samurai, ardendo em cólera, declarou ao visitante que ia já indagar do caso sucedido, e, se fosse falsa a informação, como julgava, lhe cortaria a cabeça sem demora; se, porém, fosse verdadeira, o culpado, em vez dele, sofreria igual castigo. Indagou; foi rápido o processo; ninguém ousa mentir ao dono da casa; a própria esposa do samurai confessou que fora ela quem roubara uma pedaço de fazenda; o dono da casa cortou-lhe imediatamente a cabeça. Agora um outro exemplo, este recente, pois data apenas de alguns anos. Passou-se a cena em Nagano, capital do distrito do mesmo nome. Certo homem político proferiu uma covarde mentira. Então, sua esposa vestiu-se toda de branco, como se vestem aqueles que vão entrar no país dos espíritos; purificou os lábios, conforme os ritos sagrados prescrevem, e, indo buscar um velho sabre, relíquia da família, suicidou-se; em carta, que deixou, lamentava não ter mais vidas para dar, em expiação da vergonha sofrida e do crime de seu marido. Até hoje, o povo vai orar junto do túmulo, que enfeita com flores; e implora aos deuses para que em suas filhas palpitem corações da têmpera do coração daquela infeliz esposa.

Fica-se agora melhor compreendendo a importância imensa da família na vida japonesa. O indivíduo é nada, a família é tudo. A família é e foi sempre a unidade de referência, não o indivíduo. Nos velhos tempos, era sobre a família que pesavam todas as responsabilidades, não sobre um dos seus membros. Assim, se um indivíduo cometia um crime, toda a família, solidária perante as justiças do país, era punida. O trabalho manual, exigido pelo Estado e para o Estado, avaliava-se a tantas pessoas por família, cabendo a

esta a missão da escolha e mais processos. O mesmo para o serviço de guerra. Um tanto de famílias formavam um grupo perante a justiça; havia um chefe para cada grupo, obrigado a comunicar aos seus superiores na administração pública todas as eventualidades, todas alterações ocorridas no seu grupo.

Os tempos vão modificando os costumes mas ainda hoje a família tem importância decisiva em muitos casos graves. No decorrer da rotina da vida, o dono da casa delibera, sem apelo. Mas, se as ocorrências atingem grande vulto, não é ele que pode resolver, tornando-se simples e obediente membro, respeitador da vontade da família, que não é a família doméstica, mas sim a família inteira, composta de todos os parentes próximos, dispersos por aqui e por ali; reunindo-se então em magno conselho, para deliberar. Tal será o caso, por exemplo, quando se trata de um casamento complicado, ou de adoção de filho estranho, ou da exoneração num filho primogénito dos seus direitos e deveres como futuro herdeiro, em virtude de incapacidade física ou moral para tal cargo.

Bem. Está percebido por que o dono da casa é o rei na sua casa, rei-patriarca, senhor do seu papel; mas geralmente rei benévolo; – que não o contrariem, todavia, em seus ditames... porque, então, mal se concebe até onde o levaria a alma em cólera!... – rei benévolo, cuidando da felicidade de todos.

Podemos agora imaginar o maquinismo familiar em movimento. Complicada coisa, constituída pelo agrupamento de mil pequenos nada, pela execução de mil frivolidades, exercitadas dentro daquelas casinhas de acanhadas proporções, mais parecendo-nos casinhas de bonecas. Se a casinha é pobre – e pobres são as casinhas quase todas, – se os recursos monetários se avaliam pelo salário de um carpinteiro, ou de um estucador, ou de um barbeiro, ou coisa parecida, ou pelos modestos ganhos grangeados de hora a hora, de cobre a cobre, com a venda daquelas bugigangas com que a cada momento deparamos nas lojinhas, a faina complica-se. Dispensa-se então a criadinha. A esposa do dono da casa é tudo, ou quase tudo. É ela a cozinheira, quem cuida da limpeza, quem lava a roupa, quem cose os kimonos, quem banha os filhos, quem se dá a mil outros misteres, de que é impossível tomar nota. Mas tudo se faz de cara alegre, entre sorrisos, e com uma destreza em movimentos, e com uma arte maravilhosa de mãos hábeis, que é coisa de pasmar!... Facilita por certo o expediente a rapidez em preparar um repasto japonês, – arroz cozido, algumas ervas em salmoira, acaso um peixinho assado sobre brasas. – E fica a gente a

cismar nos apetites de carnívoro do homem branco, ao qual se julga indispensável poder refocilar-se em viandas, se se quer dele auferir amplas energias produtoras...

Tentei lançar um rápido relance na vida íntima do povo japonês, sem descer todavia aos antros de miséria. Se alongasse as minhas investigações até às aldeias, até aos campos, longe dos grandes centros, quadros viriam oferecer-se de bem mais rudes aparências, na luta pela vida daqueles pobres homens, daquelas pobres mulheres, cultivando pacientemente o arroz, a cevada e outros vegetais, trepando pelas serras em busca de combustível, trabalhando arduamente na obra das irrigações, abrigando-se à noite em casebres sem sombra de conforto, alimentando-se mal, alguns... comendo alpista, como os canários. E que diria eu da existência humana das povoações marítimas, onde se vive do que o mar dá – a tempestade?... Mas ponhamos de parte essas existências dos menos protegidos da fortuna em campos e em praias, distantes das grandes artérias de trânsito, das vias férreas, dos grandes centros populosos, privados de quase todos os benefícios da civilização. Não os abandono por desprezo, pois estão bem longe de merecê-lo; mas, em verdade, essas grandes massas de gente inculta, no Japão como em qualquer parte, não representam porção alguma pensante da população do país onde residem; são ainda parcialmente seres humanos, vivendo de instintos, não de ideias; simples almas rudimentares, os trogloditas do século XX da nossa era cristã não oferecem serventia ao nosso estudo, que se ocupa da alma japonesa.

Voltemos a falar da família modesta, que de princípio escolhemos para as nossas divagações e representa a enorme maioria da população do império; modesta, mas comparativamente culta, que vivem em Tokushima, ou em Nagoya, ou em Kiôto, ou em Otsu, ou em qualquer outro núcleo de actividades do Japão.

Poderá parecer talvez que a vida japonesa, tal como a temos vindo relanceando, pesa dura e monótona, no meio da família. Não acontece assim, porém. Os japoneses têm o dom de sujeitar-se admiravelmente às circunstâncias, de amenizar os rigores da labuta por processos só deles conhecidos, de encontrar distrações nas mínimas ocorrências, que enfadariam outros. O clima, do qual se dizem maravilhas, não sem motivo, é árduo todavia, abrasador no verão frígido no inverno. Pois, destas condições climatéricas o japonês sabe tirar o melhor partido. Durante o estio, quando o sol queima e o ambiente sufoca, o vestuário sofre modificações extremas. Quando na intimidade caseira, os homens passam a viver quase nus, usando apenas do simples *fundoshi*, que é uma estreita

faixa de pudor, ou antes de limpeza, cingido em lugar apropriado. As mulheres, sem kimono, cobrem-se com um pano, da cintura aos joelhos. Assim se trabalha, assim se palestra, assim se dormita, em curtas sestas de regalo. À tarde, diariamente, é o prazer do banho caseiro, servindo para o caso uma larga celha, cheia de água quente, por onde cada membro da família vai passando, por ordem de precedência. Esta celha é ordinariamente colocada fora de casa, no pátio traseiro, entre verduras, sem receio das vistas dos vizinhos. Está-me agora lembrando a cena estranha que eu presenciei há poucos meses, em pleno Agosto. – O meu vizinho do lado, carpinteiro, de volta do trabalho, banhava-se dentro da celha, nu claramente, ostentando uma bela carnadura alambreada, musculosa, esbelta, com um não sei quê de estátua de Buda fundida em fino bronze; e as suas três filhitas – três anos, cinco anos, nove anos, – nuas também, divertiam-se em subir pelo corpo do pai arriba, descendo depois aos trambulhões, até virem chapinhar na água fumegante; o Buda ria, esquecido da sua sisudez de patriarca; a esposa, que eu não via, por se achar dentro de casa, por certo esperando a sua vez para também vir banhar-se, soltava risadinhas discretas; dir-se-ia tudo aquilo, salvo o fumo e salvo o riso, uma família de focas, brincando, na paz dos mares, sobre a cavidade alagada de um rochedo. Lavados todos, perfumados, penteados, é então um regalo vestir a família, sobre a pele, os seus simples kimonos de algodão, escrupulosamente limpos, e ir para a rua, cerca da porta, levando bancos de repouso, sobre os quais todos se assentam, abanando-se para refrescar o corpo e afugentar para longe os bandos de mosquitos, palestrando, fumando em deliciosas miniaturas de cachimbos... Mas vem um dia o inverno; sucede então o contrário, vive-se fechado em casa, quanto as circunstâncias o permitem, vestem-se kimonos sobre kimonos, estofados de algodão em rama, de seda em rama para os ricos; no braseiro, crepita o fogo, do qual os velhos não se arredam; e à noite, quando chega a hora feliz da gente ir-se deitar, mete-se dentro da cama um braseiro especial, que transforma em delicias as longas horas de sono e de descanso.

Antes de ir mais longe, convindo comentar a nudez ou meia nudez em que tantas vezes nos aparece a família japonesa, não serão de mais aqui as breves considerações que vão seguir-se. Não sei quem foi o estrangeiro que inventou este conceito curioso, acerca do Japão: – “país de flores sem odor, frutos sem sabor e de mulheres sem pudor.” – Ponhamos de parte as flores e os frutos, posto que alguma coisa haveria que dizer em seu abono. Falemos das “mulheres sem pudor”. Se a frase corresponde a chamá-las impúdicas, devassas, libertinas, então, de duas uma: ou o autor do conceito viajou no Japão com os olhos fechados, atrevendo-se levemente a lançar um comento de tal peso

sobre matéria que ele desconhecia por completo; ou então, se viu, se observou, se compreendeu, foi um caluniador de ínfima espécie. Os nipónicos em geral, e a mulher nipónica em particular, têm do pudor, do nosso pudor europeu, uma ideia vaga, como sucede com todos os povos simples. Para os nipónicos, a nudez não é vergonhosa, quando as circunstâncias da vida a reclamam; o que é vergonhoso é patenteá-la fora destas circunstâncias, simplesmente como ostentação de formas, visando a acordar desejos. A mulher japonesa dá de mamar ao filho diante de toda a gente; na quadra quente, dentro de casa, entregue à sua lida, poderá aparecer quase em nudez a quem passar pela rua e espreite para dentro; mas nunca ninguém a convencerá a arregaçar do braço a simples manga do kimono, no único intuito de atrair um galanteio, de provocar um apetite. Os japoneses desconhecem totalmente o namoro, o jogo de olhares, os sorrisos insinuantes, toda essa complicada diplomacia sexual, em que os povos do Ocidente se mostram mestres, com efeito. A mulher japonesa, de qualquer classe, passando pelas ruas do seu país, ou no templo, ou no teatro, ou no comboio, ou em qualquer outro lugar público, é a figurinha mais gentil que se pode imaginar; mas também a mais composta, a mais grave, a mais sisuda. Ainda há uns trinta anos, as muito amplas tinas dos estabelecimentos de banhos públicos, por condescendência à crítica moralizadora dos estrangeiros, passou-se um cordel ao meio de cada tina, banhando-se os homens de um lado e as mulheres do outro lado; ainda depois, como a crítica moralizadora dos estrangeiros não cessava de clamar, isolaram-se os sexos por completo, levantando-se uma parede para o efeito... Todavia, embora a crítica moralizadora dos estrangeiros se viesse insinuando e modificando os usos, a moralidade pública não subiu de nível, antes baixou e vai baixando, cabendo por certo uma grande parte de responsabilidade à onda de civilização moralizadora vinda da Europa, vinda da América, entrando a jorros pelo Japão dentro!... Mas voltemos ao nosso assunto.

A palestra com os vizinhos, amena e banal, junto do poço, cavado nas traseiras das casas e dando serventia a três ou quatro famílias, é também um constante passatempo para todos, principalmente para as mulheres, em horas em que se encontram para abluções matinais, para a lavagem do arroz das refeições, para as barreias, etc. Fala-se do bom e do mau tempo, da carestia dos géneros, das notícias de sensação colhidas nos jornais – sendo certo que toda a gente lê o seu jornal e o comenta. – As relações entre vizinhos são sempre cordiais; zangas, disputas não ocorrem; pelo contrário, todos primam em ser corteses uns com os outros, está em uso trocarem-se presentinhos, frequentemente, de

vizinho para vizinho; até eu os recebo e retribuo. Decididamente, não há, no mundo inteiro, vizinhos mais amáveis do que estes vizinhos japoneses.

Mencione-se, entre as distrações do lar, o *shamisen*, que é um instrumento de três cordas, um tanto semelhante à guitarra. Não há mulher do povo que não saiba tocar o *shamisen*, pouco ou muito; e rara será a habitação onde não se guarde, a um canto à parte, um destes instrumentos. As tardes e as noites oferecem longas horas de folga; de quando em quando, a esposa virá ajoelhar sobre a esteira, quase solenemente, empunhando o *shamisen*; os dedos miúdos ferem e premem as cordas; a voz acompanha os sons, por vezes; e a toada prolonga-se em ritmos estranhos, cantando em geral tristes amores, vindos da lenda; toda a família, fazendo roda, escuta e comove-se.

Não deve ficar em esquecimento o prazer que o japonês e ainda mais a japonesa experimentam em ir fazer compras, ruas fora. Tal prazer oferece-se frequentemente, quase diariamente, ou mesmo diariamente, ou duas e três vezes por dia, muitas vezes a curta distância do lar, em procura de várias bagatelas, reclamadas na cozinha; ou são os vendilhões ambulantes que passam, soltando pregões, parando às portas, mercadejando-se. Mas trate-se, por exemplo, de um kimono para a mulher, ou de alguns pares de *geta* para as crianças; então o caso é mais complicado, exigindo esmeros de vestuário e penteado; por passatempo, alonga-se o passeio até às ruas luxuosas da cidade, onde as lojas se sucedem sem interrupção, à noite resplandecentes de mil lumes eléctricos, que dão brilhos fantásticos e um ar de festa à cena inteira, por onde formigam transeuntes. O cinematógrafo e o teatro estão perto; por excepção, o patriarca determina dar à família algumas horas de espectáculo.

Acabo de nomear, ao acaso da retentiva dos factos relanceados, algumas das circunstâncias principais que acodem a distrair os espíritos no lar da família japonesa, não consentindo à insipidez que ali entre e ali se instale. Muito acima, porém, em importância, e concorrendo para o mesmo efeito, devem contar-se certas épocas do ano, abundantemente distribuídas pelos meses, vindo insuflar no seio da família energias especiais, alacridades desmedidas, com aprazimento para todos.

Começa a série destas festas com o princípio do ano, ou antes precedendo-o, pois, para comemorar dignamente o ano novo, já em meados de Dezembro se trabalha. Em primeiro lugar, trocam-se presentes entre parentes e amigos, compram-se fazendas para kimonos novos da família, e preparam-se; próximo do dia do ano novo, envia-se uma enorme

profusão de cartas de felicitação e de bilhetes postais a amigos distantes, e procede-se ao fabrico caseiro dos célebres *mochi*, bolos de arroz, imprescindíveis em qualquer lar; até que, chegado o primeiro dia do ano, todos os homens vão para a rua, vestidos de cerimónia, trocam-se visitas sem conto entre pessoas conhecidas, passando-se o resto do dia na paz do lar, saboreando-se na intimidade doméstica os repastos consagrados pelos costumes. Pouco após a entrada do ano, começam a florir as árvores, as flores de ameixeiras em primeiro lugar, seguindo-se-lhes as tão famosas flores de cerejeiras, depois as flores de glicínias, depois as flores de iris, um nunca acabar de flores enfim, acordando desejos de alma – alma japonesa, subtilmente sensitiva a todos os esplendores da natureza, – para ir vê-las, nos lugares próprios; e o dono da casa, por mais atarefado que se encontre, por mais economias que se imponha, sempre encontrará um dia azado para levar a família a ver as flores, o que quase obriga à petisqueira campestre, servida sobre a relva. Durante a primavera, têm lugar a festa das raparigas e, poucas semanas após, a festa dos rapazes; sendo costume, onde haja uma rapariga e onde haja um rapaz – e qual será a família onde os não haja? – festejar estes dois dias com pomposas demonstrações de regozijo. As festas nos templos, sintoísticos, budísticos, sucedem-se a curtos intervalos; e convém, por devoção e passatempo, ir visitar os templos e adorar os deuses. No mês de Junho, em noites escuras, reluzem pelo ar os pirilampos, aos bandos, perto dos charcos, perto das ribeiras; é preciso levar as crianças a ver os pirilampos. No fim do estio, é a festa dos mortos, particularmente notável em Tokushima, pelas danças especialíssimas que se exibem, ao terminar da festa; então, segundo a doce credence popular, os espíritos dos mortos descem à terra, em visita ao lar familiar, onde se demoram durante um dia e uma noite; e está-se imaginando com que alvoroço respeitoso e banquetes rituais a família recebe tão distintos visitantes. No fim do outono, ao secar das folhas, jardins, parques, campos e colinas revestem-se de colorações maravilhosas, merecendo especial atenção as árvores *momiji*, cuja rama se ruboriza e atinge ardências fantasmagóricas, de aspectos inarráveis; é preciso ir contemplar esses aspectos. E depois vem o dezembro, aproxima-se um outro novo ano, que virá repetir a mesma sucessão de cenas e novamente impressionar as almas. Enfim, são tantos os pretextos, durante um ano, pretextos religiosos e outros, ou antes todos religiosos – porque religião é também essa ânsia de relançar a natureza nas suas melhores galas, – para a gente sair de casa e ir dar alegria aos olhos, que eu agora, querendo memorizá-los, perco-me num labirinto de reminiscências tumultuosas, sem conseguir apresentar uma lista, suficientemente próxima da verdade, dos dias festivos, que empurram para a rua o homem japonês, muitas vezes de

companhia com os filhos, com a esposa e com os velhos, se a estes últimos os reumatismos consentem a façanha...

Vão correndo os anos, vão morrendo os velhos, vão crescendo os filhos. Os rapazes, as raparigas, frequentaram escolas, por certo. Os rapazes, aos vinte e um anos de idade, assentaram praça no exército ou na armada, serviram a pátria, recolheram depois ao lar. Empregaram-se, ganham a vida por qualquer modo. Os rapazes casam muito novos, por costume do país; o filho primogénito, futuro herdeiro, perante a família, de honras e deveres, traz a esposa para casa; os outros vão para fora, criando núcleos de famílias distintas. As raparigas também casam cedo; vão para fora, para as casas dos maridos, transitando de família para família e de deveres familiares para deveres familiares. Se, porém, acontece não haver na família filhos varões, nem próprios nem adquiridos por adopção, a filha primogénita traz o marido para casa, adoptado como filho da casa e herdeiro do nome da família e dos deveres que a herança lhe atribui.

Estudámos, assim, muito ligeiramente, o homem japonês no seio da família. Vamos em breve acompanhá-lo, expandindo fora do lar as suas actividades, efervescentes de mais para poderem ser contidas no exíguo espaço que pode oferecer-lhe uma casinha. À sua vida exterior, fora do lar, chamarei eu, para simples conveniência de estudos subsequentes, a vida na tribo e a vida no Estado. Quanto à mulher japonesa, não me cumpre ocupar-me a seu respeito no tocante à vida exterior, fora do lar, vida que não existe para ela ou, pelo menos, não deve existir, na normalidade de um destino. Filha, esposa, mãe, avó, bisavó, até morrer, a família é o seu meio, não outro. A mulher japonesa que se desprende do lar, que vive fora dele, só poderá ser encontrada, salvo excepções, num meio anormal, num meio de desgraça e de vergonha, onde os seus carinhos estejam a preço, onde as energias especiais, que o sexo lhe dá, as quais reclamam um marido e filhos para se exercerem, se estiolem e se mirrem, sem os ter. Todavia, não a expulsarei inteiramente deste estudo, como um ser réprobo e nefasto; seguem umas poucas páginas a seu respeito.

Eu vou falar de duas classes de mulheres japonesas, – as pobres *geisha*... e as outras, estas ainda bem mais abaixo do que as *geisha* na escala social, e bem mais pobres do que as *geisha*...

Mas o que são as *geisha*? Na Europa, tem-se sem dúvida uma ideia muito vaga e muito imperfeita sobre elas, por não haver na Europa nada, como profissão feminina, que à profissão das *geisha* se compare. As *geisha* não são, propriamente, seres votados a uma existência viciosa, de depravação. São em geral filhas de lares de miséria extrema, e receberam do destino o privilégio de haverem nascidos gentis, bonitas, cativantes. Qualquer indivíduo, daqueles que se dão ao mister de cultivar, em seu próprio proveito, estas pobres flores humanas, adquira-as, ainda crianças, por adoção ou outro meio. As *geisha* começam então a receber, pouco a pouco, lentamente, uma educação particularíssima, complicadíssima e em parte delicadíssima; aprendem a tocar na perfeição um instrumento indígena pelo menos, aprendem a cantar, aprendem a dançar, aprendem a vestir-se ricamente, de sedas magníficas, aprendem a ser agradáveis aos homens, quando convivas em banquetes, nas *chaya* (casas de chá), onde elas serão chamadas, pagas a tanto por cada hora, servindo então os mesmos convivas (homens, porque as damas não frequentam as *chayas*), enchendo-lhes de *saké* (o vinho indígena), as pequenas taças de porcelana, e finalmente tornando aprazível o tempo que decorre, mercê do seu papear gracioso, dos seus gestos – todos arte e gentileza, – das prendas que exibem – música, dança, canto, – tudo coroado pelo esplendor da sua beleza emocionante. Nada mais, e nada menos. Descer, ou subir a intimidades mais flagrantes, é-lhes defeso, pelos regulamentos da polícia e outras medidas. No Japão, em todas as classes sociais, ainda as mais distintas, quando se oferece um jantar a amigos, na *chaya*, é da praxe mandar chamar as *geishas*, que são, incontestavelmente, o mais cativante ornamento de um festim, sem nada que venha chocar vistas investigadoras do estrangeiro, por exemplo do europeu, que tome parte na função; pelo contrário, os europeus que hajam assistido a alguns destes banquetes, guardam uma impressão de enlevo, que fica para sempre. Quanto à moralidade das *geisha*, que a polícia protege, que poderei dizer aqui?... A vigilância da polícia não pode ser absoluta e infalível. Mulheres formosas, dotadas de mil atractivos, em frequente convivência com os fregueses habituais das *chaya*, cortejadas por eles e cortejando-os, alminhas pervertidas por uma longa educação a que são submetidas, as *geisha* – terror das famílias, cujos filhos acaso se perderão algum dia por alguma, até ao ponto de querê-la por esposa, – não devem certamente ser tomadas como modelos de castidade e de candura... estão mesmo muito longe disto. Pobres *geisha*! uma ou outra casará talvez, será feliz talvez; mas, uma grande maioria, privadas para sempre do amparo e dos confortos de um lar amigo, passando todas as noites em festas, obrigadas por

condescendência a fartas libações de *saké*, espera-as evidentemente um fim prematuro, triste, esmagadas pela fadiga e por doença...

As outras pobres raparigas, das quais já fiz menção, ainda bem mais abaixo do que as *geisha* na escala social e ainda mais dignas de piedade do que as *geisha*, procedem da mesma origem, da miséria implacável, que leva a todos os desmandos e arrasta as suas vítimas até aos luxuosos casarões das grandes cidades, onde os seus enlevos naturais têm procura. Não é geralmente o vício que as empurra; elas são umas simples raparigas, de dezasseis anos, de vinte anos quando muito, que viveram até então a vida que todas as raparigas do seu meio vão levando. Mas morreu o pai, ou entreveceu; a mãe, atarefada, sem recursos, já não tem mais que vender para comprar arroz para as crianças. É a catástrofe. Então, ela, a pobre rapariga, por uma inabalável intuição do dever filial, como ele se compreende no Japão, na China e em toda a Extrema-Ásia, parte, lá vai, à aventura, sem mesmo ter a consolá-la o sentimento do próprio sacrifício, quase indiferente, alheia de si própria, da sua individualidade, pensando apenas nos auxílios que poderá enviar à família, para minorar-lhe a fome. Demora-se na cidade dois anos, três anos, quatro anos, conforme. Depois, regressa ao lar. Sim, regressa ao lar; pelo menos, assim julga que suceda; mas, num grande número de casos, é nalgum dos hospitais das grandes cidades que terminam seu fadário essas pobres raparigas, apodrecidas em doenças. Se logram volver ao lar, ai, pobres raparigas!... murchou-se-lhes de todo e para sempre o frescor da mocidade; nunca poderão ser esposas e mães sadias, embora, no seu meio, encontrem maridos complacentes...

Mais umas rápidas considerações sobre as *geisha* e as outras. Não é permitido ignorar a grande influência estética que o maravilhoso Yoshiwara de Yedo, hoje Tóquio, exerceu sobre a arte, em períodos que ainda não vão muito distantes. Os deliciosos desenhos, as encantadoras gravuras as gentilíssimas decorações dos bronzes, das porcelanas, dos charões, dos marfins, multiplicando sem conto as figurinhas esbeltas das mulheres, devem em grande parte às cortesãs de Yoshiwara a sua inspiração. Utamaru e muitos outros grandes artistas faziam de Yoshiwara o seu cenáculo de arte, cortejando aqueles ídolos de amor fácil, as belas cortesãs, ao mesmo tempo poetisas, exímias em preparar o chá, em compor os ramos de flores, em todas as prendas do seu sexo.

Confesse-se finalmente que estas pobres raparigas exerceram durante alguns anos, inconscientemente – qual de vós o julgaria? – misteres de alta diplomacia na política mundial, quando o Japão, entrando apenas na nossa civilização, não tivera ainda tempo de criar simpatias na Europa e na América pela bravura dos seus soldados e pelo estrondo

dos seus canhões. Quanto aos encantos da paisagem natural e das artes, eram então só de poucos conhecidos. Os *touristes* de raça branca, que vinham ao Japão, eram poucos então; mas esses poucos, em geral moços descuidados, com bastante dinheiro nas algibeiras e amigos de prazeres, excluídos prudentemente dos lares honestos, iam procurar as geisha e as outras, às quais pediam um sorriso, um carícia, que se lhes davam, e com mil vezes mais graça e mais decência do que as que eles estavam acostumados a encontrar, por esse mundo fora. Foram esses sorrisos e essas carícias, divulgados discretamente em palestras, quando não em livros de viagens, – sem já falar em meia dúzia de dramazinhos de amor, tornados célebres, terminando um ou outro em casamento, – que deram origem às primeiras correntes de simpatia dos países de raça branca pelo Japão, o que era, evidentemente, bem melhor do que correntes de antipatia; e aquelas em breve seriam reforçadas por contingências de bem mais alto peso.

Canta a cigarra durante todo o verão, aqui no Japão, como em toda a parte onde ardam abrasadores calores estivais, com os quais aquele insecto se regala. Ora, sucede que, em obediência às leis da natureza, regulando os fenómenos da metamorfose comuns à grande maioria dos insectos, a cigarra despe de quando em quando a sua casca, como qualquer de nós despe a camisa; e deixando-a de lado, volta a cantar. Esta casca é uma extraordinária coisa, digna de ser observada atentamente; é uma tenuíssima película alambreada, resistente, conservando a forma própria da cigarra, salvo as asas, que faltam; de modo que, por um ligeiro esforço da imaginação, pode dizer-se que a cigarra se duplicou, em si própria e no seu cadáver. São numerosas as poesias – pequeninos poemas nipónicos, – que os poetas de todos os tempos têm vindo dedicando à cigarra; um deles, Yayô, a propósito do fenómeno da metamorfose, que acabo de indicar, escreve o seguinte:

Waré to waga,
Kara ya tomurô,
- Semi no koé!

Este minúsculo poema pode traduzir-se em chata prosa quase literalmente, por este modo: – Cantando os officios fúnebres diante do seu próprio cadáver... ai, a voz da cigarra!... – Basta isto, que é bem pouco, para vir sugerir ao pensamento do leitor uma impressão de delírio, profundamente perturbadora, só comparável àquelas que por vezes nos acodem, dormindo, durante um mau sonho, febril e angustioso; não logrando definir-se por

completo no nosso espírito, porque faltam a este aptidões para senti-la; embora o perturbe como que a sensação do sopro frio de um ambiente extra-terrestre, aonde houvéssemos mergulhado...

Nós podemos, todavia, com vantagem para a nossa concepção, comparar a ideia exposta neste minúsculo poema com factos apreciáveis pelo nosso entendimento. Não achais que este evento, de estar a cigarra cantando ofícios fúnebres em frente do seu próprio cadáver, recorde intensamente a vida das *geisha* e das outras, galhofando, dançando, tocando, cantando – digamos também – ofícios fúnebres em frente de si mesmas, em frente dos seus corpos, que já acusariam nos rostos terríveis estragos de morbidez, se os cosméticos não viessem disfarçá-los, corpos emaciados pelas vigílias, pelos abusos, pelos desmandos, pela doença, corpos que, realmente, são mais cadáveres do que outra coisa, embora ainda se movam em requebros?... Pobres *geisha*, e, ainda mais pobres, as outras... Não haverá remédio para pôr cobro a esta calamidade?... Não há, nem no Japão, nem em parte alguma. É um flagelo próprio das civilizações avançadas. Entre os povos selvagens, não há *geisha*, e, que me conste, faltam também as outras...

Anexo III

Capítulo VI – A vida na tribo

A vida na tribo é pré-histórica. Vive-se na tribo quando o Japão, certamente por muitíssimos séculos, ainda não está constituído em Estado, encontrando-se os japoneses reunidos em grupos, em tribos, cada tribo com o seu chefe. Quando Jimu Tennô, chefe de uma das tribos, vem estabelecer-se no Yamato e alcança preponderância sobre todas as tribos, estabelece-se o Estado, e cessa então, em rigor, a vida tribal.

Dessa remotíssima vida tribal bem pouco se sabe, sendo o *Kojiki* e o *Nihongi*, os primeiros dois livros que a literatura japonesa nos oferece, os únicos documentos que alguma luz nos vêm trazer sobre o assunto. Mas o que eles nos dizem, aqueles dois livros, é bastante para chegarmos a compreender, a breves traços, o que seria então a vida no Japão. Depois, por sábias investigações e interpretações, pôde concluir-se que muitos dos factos que a história nos aponta, desde passadas épocas até aos nossos dias, devem ser tidos como autênticas supervivências da vida tribal, e, como tais, de uma alta importância, mesmo para o estudo da alma japonesa. É em virtude desta última circunstância que eu incluo neste meu livro o presente e rápido capítulo; rápido, porque o meu intuito é relancear apenas, seguindo avante.

Pode pois dizer-se que o japonês actual exerce as suas diversas actividades, na sociedade onde vive, por três modos, isto é, partindo do simples para o complexo; - no seio da família, ao que já prestei a devida atenção; na vida da tribo, por supervivência de costumes; e na vida do Estado. Sobre estes dois últimos aspectos, cumpre-me dizer alguma coisa.

Na primitiva vida tribal, o que mais destaca como feição da alma japonesa é o culto dos espíritos dos avós, ou o culto dos espíritos dos chefes, ou, direi talvez melhor, o culto dos espíritos dos chefes e avós; porque, em muitos casos pelo menos, as duas ideias confundem-se, ou fundem-se, tendo sido chefes os avós. Uma outra feição característica de então era a obediência ao chefe. Esta obediência ao chefe era já uma consequência directa da instituição do culto, visto que o chefe se tornaria, quando morto, o deus, cujo espírito se adoraria no templo; e a obediência aos deuses, mesmo no estado de futuros deuses, é preceito imposto nas religiões de todos os povos. Mas pode adivinhar-se uma segunda razão, esta essencialmente utilitária, que impunha aos japoneses o sentimento da obediência ao chefe. O fenómeno dá-se, pouco mais ou menos, com todos os povos

primitivos, e até não primitivos. Com efeito, que triste evolução de um povo seria aquela em que cada qual se instituísse chefe de si mesmo e obedecesse apenas ao arbítrio de si próprio!... Pelo que respeita os japoneses tribais, eles viam no chefe o ancião experimentado, conhecedor da vida, hábil nos processos, firme na vontade, o homem de *ciência* enfim, se *ciência* é o conjunto das altas qualidades que acabo de apontar; enquanto que eles – sabiam-no muito bem, – ignorantes como crianças, com a força do número mas sem a força das decisões – pobres almas alheadas da personalidade! – só na submissão ao vulto dirigente encontrariam meios de salvar-se dos inimigos – os ainu – e de vencer todos os estorvos que os cercavam.

Os japoneses assim fizeram e assim continuaram; e o sentimento de obediência ao mando, criando sucessivamente raízes mais profundas, tornou-se para eles, até hoje, uma intensíssima característica racial.

Quanto ao culto tribal, exercia-se ele em torno de um foco principal, o templo, o templo sintoísta. A tribo, quando densa, ocupando uma vasta área, seria dividida em freguesias; quando pequena, ou quando se tratasse de uma sub-tribo, bastaria uma freguesia. Estas freguesias exerciam uma influência preponderante nos seus paroquianos; digamos mais, – este sistema de freguesias seria já um início das instituições associativas; – e é facto que a associação medrou cedo e com grande desenvolvimento no seio da nação.

Ora pois, a supervivência exerceu-se por tal modo, que presentemente vamos encontrar, milénios decorridos, o mesmo sistema de freguesias, espalhadas pelo inteiro Japão; cada cidade contém muitas freguesias, cada aldeia tem uma só. Os primitivos nomes dos templos perderam-se certamente da memória; encontramos hoje algumas freguesias, dedicadas a remotíssimos e autênticos personagens da quadra pré-histórica. Outras adoptaram para seus patronos nomes de deuses protectores da agricultura, ou alguma alta personalidade posterior ao período pré-histórico, como por exemplo Hachiman, o deus da guerra. De mistura com os templos-freguesias, outros vemos, que não são freguesias e não dispõem da mesma importância cultural, como que correspondendo a simples votos de devoção e iniciativa particulares; neste último caso está o modesto templo com o significativo nome de Kuni-tama San, o templo da alma da província, na cidade de Tokushima.

É evidente que, com o correr dos tempos, a importância dos templos-freguesias desceu muito, muitíssimo. Está muito longe de ser nula, todavia. O templo-freguesia exerce os devidos serviços cultuais, cobrindo as despesas por meio de donativos pecuniários dos seus paroquianos. Pratica uma espécie de baptismo nas crianças. Protege os seus filhos,

ko, como os mesmos paroquianos são chamados, distribuindo-lhes objectos místicos, que livram de enfermidades e outros males. Dá-lhes festas sumptuosas, para aprazimento dos deuses e alegria de todos. E, mais do que tudo, estabelece uma íntima solidariedade entre todos os residentes de uma mesma freguesia, os quais se consideram de certo modo filhos do deus patrono e irmãos consequentemente entre si. Uma das mais curiosas festividades do Japão é a festa outonal, que dura três dias, em cada templo-freguesia. Há officios cultuais, há procissões, há decorações deslumbrantes, há divertimentos públicos, há vendas extraordinárias, para o que se armam barracas ao longo de certas ruas. É de costume, então, prepararem-se banquetes em cada casa, convidando-se os amigos distantes, residentes noutras freguesias, a virem partilhar desses banquetes, gentileza que os convidados retribuem, por igual processo, quando chega a vez de haver festas nos seus templos. Durante tais festas, é prodigiosa a azáfama nos mercados, por parte de quem vende, por parte de quem compra; e os vendedores ambulantes cruzam continuamente as ruas, carregados com ceiras, arrastando carroças, acoguladas de peixe, de hortaliças, de frutos, de tudo que se come; e diz-me um farmacêutico das minhas relações que é então, ou logo após, a quadra feliz para todos os farmacêuticos e droguistas da cidade – sem já falar nos doutores, – pela muita procura de drogas medicinais, que curam de dores de estômago, de cólicas, de enterites, etc... os grandes sóbrios, que são os japoneses, permitindo-se uma excepção no seu regímen durante as festas outonais dos templos-freguesias.

Mas a solidariedade e fraternidade que reinam entre os filhos do mesmo templo, manifestam-se por mil modos. O templo não é de ninguém, ou antes é de todos. Ao amplo terreiro que geralmente circunda o templo-freguesia, levam as mães as criancinhas e por ali se demoram, pelo inverno para se aquecerem durante o dia à soalheira cariciosa, no verão para respirarem as brisas consoladoras, pelas tardes. No terreiro, divertem-se os rapazes; e agora, em que os jogos atléticos, à moda inglesa, estão em moda no Japão, é ali, propriamente, o seu clube, onde se exercitam em tais jogos.

Mesmo, de certo modo, pode dizer-se que o que é da freguesia é de todos. Aos necessitados da freguesia, deve assistência a freguesia. Quando a um meu vizinho, muito pobre, faleceu a mulher, sem que em casa ficassem alguns cobres para as despesas do enterro, os vizinhos mais próximos percorreram as habitações da freguesia pedindo donativos para que o enterro se fizesse; exemplo interessante da caridade tribal, dispensando, por supervivência, a assistência do Estado.

Eu próprio fui a vítima, há poucos meses, desta espécie de comunismo paroquial, ao qual venho agora fazendo referência. Tenho em frente da porta da minha habitação uma árvore de carvalho, que eu comprei pequenina, espetei naquele sítio há coisa de onze anos, e ali medrou e se tornou quase frondosa; no verão, cobre-se de frutos, umas insignificantes bolotas, não comestíveis. Eu gosto de vê-la verdejante, junto ao lar, espalhando em torno uns contornos de paisagem rústica, que me agradam. Pois o ano passado, não sei por que tonteira, foi varejada a bambu e lapidada a pedregulhos a minha pobre árvore, isto por vezes sucessivas, por bandos de rapazes e de raparigas, no único propósito de colherem os ínfimos frutozinhos, por brincadeira. A árvore ficou em estado lastimoso. Claro está, logo às primeira investidas tentei fazer sentir aos assaltantes o disparate do intuito, sem nada conseguir. Depois zanguiei-me, com o mesmo resultado. Ora, é evidente que a minha trôpega velhice encontraria ainda forças para correr a pontapés aquela súcia de garotos, se eu quisesse usar de tal processo. Mas depois a súcia das mães, e a súcia dos pais, que viriam certamente ter comigo?... Para tanto, confesso, não me julgava bastantemente couraçado. Recorrer à polícia?... ora, a polícia!... E, mesmo que a polícia resolvesse proteger-me, olhem a bonita situação em que ficava, com a animosidade de todos os paroquianos de Kompira sobre as costas!... Nada. Decidi nada fazer. Para consolo do meu espírito, monologuei o seguinte comentário: – a árvore, aqui fora de casa, embora quase encostada à parede, em terreno de que pago o aluguer, não é minha, é de todos, é da comunidade, é da freguesia; se pois estes garotos se aprazem em varejá-la, em lapidá-la, que se divirtam...

O deus do templo-freguesia, o deus que protege os seus filhos, enviando-lhes, por intermédio dos sacerdotes ao serviço do templo, objectos místicos, que preservam de doenças, também castiga os filhos, quando, raramente sem dúvida, apareçam delinquentes que mereçam punição. Vale a pena registar neste lugar um dos processos empregados para tale efeito. Durante uma festividade religiosa, quando vai para a rua a procissão, está em uso acompanhá-la uma espécie de andor, por vezes de magnífico trabalho artístico e de grandes dimensões, contendo relíquias do deus, ou antes, o espírito do próprio deus. O andor assenta em fortes varas, que dez homens, vinte homens, cem homens, os que forem precisos, carregam sobre os ombros; homens novos, robustos, vestindo estranhos uniformes de cores vivas, predominando o branco alvíssimo das suas camisolas de algodão; homens esgazeados, exaltados até ao paroxismo por místicos propósitos, gesticulando, gritando, parecendo travarem-se em luta uns contra outros, lembrando tudo, por vezes, o aspecto de uma festa bárbara de tempos idos, como narrada em crónicas

remotas. É que, dizem os carregadores do andor e diz o povo, o deus tem seus caprichos, ora querendo desviar-se do caminho, ora parar onde não deve, ora avançar onde não pode, tornando-se duríssima tarefa o levar a procissão ao seu destino. Em uma ou outra ocasião, o deus consegue os seus intuitos, indo o andor esbarrar de encontro a alguma casa, avarinado-lhe as paredes, causando grossas avarias; e acrescenta então o povo que foi o castigo justo, infringido pelo deus a algum culpado. Não faltam exemplos, mesmo recentes, de acontecimentos desta ordem; ainda há cerca de trinta anos, um fotógrafo de Kobe teve a casa arrombada e em parte destruída por um andor, dizendo-se à boca pequena que era o deus que assim o punia, por haver-se recusado, alegando ser cristão, a pagar a contribuição pedida para certa festividade religiosa de um templo-freguesia. Desde alguns anos, agentes policiais acompanham geralmente as procissões, cuidando de evitar ímpetos – mais ou menos justificáveis em princípio – das chusmas exaltadas.

Já mencionei de fugida que o sistema de templos-freguesias deveria ter dado o primeiro impulso ao princípio associativo, a que os japoneses imprimiriam bem cedo especial desenvolvimento. Uma outra causa vinha juntar-se a esta, reforçando-a, encaminhando as massas à associação: era a estranha característica moral da impersonalidade. – Com efeito, esta gente de Yamato, eliminando quanto possível do drama nacional a sua própria individualidade, ter-se-ia necessariamente considerado bem insignificante, bem incompleta. Um indivíduo em tais condições de espírito deixa de ser uma unidade pensante e deliberativa, para apenas julgar-se como que um ser mutilado, uma fracção de unidade, sem préstimo para si e para os outros. A ideia da associação acode então. Se um homem só não presta para nada, vinte homens, trinta homens, unidos pelos mesmos interesses, disciplinados por um chefe eleito, a quem obedecem cegamente, já servem para alguma coisa, já constituem uma unidade prestadia. Surgiu por este modo uma outra família, a vir juntar-se à família de sangue, consagrada pelo culto dos avós; mas esta nova família também com o seu culto, o culto da profissão comum, o culto dos interesses mútuos, o culto da obediência ao vulto dirigente, dotado de qualidades excepcionais de energia, capaz de guiar o bando a bom caminho.

Os japoneses cedo se uniram em grupos profissionais, que vieram pesar, intensamente por vezes, na marcha dos negócios públicos. O nipónico, que hoje vive filiado a um grupo, a uma associação qualquer – útil ou nefasta, pois o caso nada importa para aqui, – vive, inconscientemente, a vida tribal, como ela se vivia há não sei quantos mil anos.

Anexo IV

Capítulo VII – A vida no Estado

Constituído o Japão em Estado, cessa a vida na tribo; cada qual serve o Estado. Mas nós sabemos como as coisas se passaram. Sucedeu à vida tribal o período muito pouco documentado e muito pouco conhecido dos soberanos-patriarcas, quando o Japão vivia a sua existência obscura, ocupado na obra de construção de si próprio. Veio depois a influência palaciana dos Fujiwara. Vieram depois sangrentas contendas militares entre os Taira e os Minamoto. Após, com Yoritomo, elevado a xôgun, começa a vida feudal, cujo regímen se foi sucessivamente aperfeiçoando, até aos nossos dias. Caindo por seu turno o feudalismo e dando-se a restauração imperial, é então, e só então, que, em rigor, o Japonês serve o Estado, a Pátria, pois, antes disso, servia o seu dáimio. Conhecemos os traços dominantes da vida feudal. Também conhecemos, pela história e pelo pouco que ficou já registrado nas páginas deste livro, o prodigioso desenvolvimento que se produziu no império, respeitante à nova civilização, que invadiu o Dai-Nippon, transformando tudo e todos, em aparência pelo menos. Pouco mais terei que dizer sobre o assunto, neste capítulo a que dou começo agora e que brevemente terá fim.

A mais notável característica moral dos japoneses perante o Estado é certamente o seu grande amor ao soberano. – Amor, – disse eu; mas é forçoso compreender, se possível é, quanto se contém de complexo na palavra. Amor, como culto religioso. Alguma coisa também de piedade filial. – E ainda – mas temo que as palavras não lograrão interpretar o meu sentir, – amor, com o alvoroço passional que funde a ideia do soberano com a ideia da pátria, com a ideia de um turbilhão de esperanças fulgurantes nos destinos do país!... Lafcadio Hearn perguntava aos seus discípulos japoneses qual era a coisa que eles mais desejavam neste mundo; e muitos deles respondiam-lhe: – “Morrer pelo nosso imperador!” – Talvez que esta simples frase diga mais do que mui longas páginas, que eu quisesse aqui reunir sobre o assunto.

É digno de especial interesse o facto de que todos os japoneses pensam do mesmo modo. Fisicamente, o tipo do nipónico pouco difere de indivíduo para indivíduo. Mentalmente, observa-se que todos os japoneses pensam de uma maneira idêntica, levando em conta, é claro, diferenças de cultura, de nível social, etc. Quer isto dizer que a raça japonesa atingiu um estado perfeito, ou quase, de integração. Continuará evolucionando, sem dúvida – nada há estável neste mundo; – mas, no momento presente, com os elementos de

que dispõe, chegou ao que podia chegar. Acode ao espírito uma circunstância importantíssima, que vem de muito longe e levou a raça a este resultado: o regímen da associação ou da colectividade, ou, por outras palavras, o regímen da impersonalidade individual. O indivíduo não pensa por si próprio, não pensa pelo seu livre arbítrio; pensa pelo cérebro da corporação ou colectividade, que tem estabelecido o seu programa mental e segue-o sem desvio. Perante o Estado, a primeira associação que vem dirigir o japonês no caminho da vida é a escola primária; a esta segue-se a escola secundária; a esta a escola superior; ou é a colectividade militar, que é o exército; ou é a colectividade marítima, que é a armada; ou é qualquer das colectividades civis, formadas pelos funcionários dos diversos ramos do serviço público; ou são as corporações profissionais, divididas por misteres, por ofícios, desde o mais alto grau na escala social até ao mais ínfimo; todas estas associações, colectividades, corporações, agrupamentos de qualquer ordem, trabalham tanto em unísono umas com as outras, tão bem engrenam umas com as outras, que um moço qualquer, encetando um modo de vida, não tem mais do que deixar-se levar pela onda da opinião pública, que lhe é transmitida pelos diversos grupos com que entra em contacto, para sem esforço seu atingir uma ideia das coisas, não a sua ideia – que ele não têm ideias ou pelo menos não as cultiva, – mas a ideia de toda a gente.

Está-se adivinhando como esta ideia da colectividade, palpitando na alma de cada qual como se fosse sua, exclui, em regra, veleidades de lutas de competência, rivalidades profissionais, ambições de destaque de um contra todos. Dentro de uma mesma profissão, de um mesmo ofício, todos cooperam para um fim comum, nada mais. Não faltam exemplos, que venham oferecer-se a confirmar esta asserção. Um destes exemplos, tornado por assim dizer clássico por figurar geralmente em livros de autores ocidentais que se ocupam do assunto, é deveras curioso. Uma casa estrangeira, estabelecida em Yokohama, dada a importantes negócios mercantis, recorreu há alguns anos à justiça japonesa, pedindo indemnização de perdas sofridas contra certo fornecedor japonês, que faltara, alegava-se, à boa fé dos seus contratos. Instaurado o processo, seguiu o seu curso ordinário; em julgamento final, a justiça japonesa dava razão à casa estrangeira, condenando o japonês numa forte indemnização. Quando parecia assim tudo acabado, apresenta-se ao manejante da firma estrangeira um grupo de negociantes japoneses, declarando-lhe que o seu colega estava pronto, pela força das circunstâncias, a indemnizá-lo das perdas que dizia ter sofrido; mas o grupo aconselhava-o a não aceitar quantia alguma, dando o assunto por concluído; e isto porque, no caso em que o estrangeiro insistisse em cobrar a indemnização, todos os negociantes japoneses se recusariam, a

partir daquele momento, a negociar com a firma mencionada. O negociante estrangeiro, não lhe convindo fechar o estabelecimento e retirar-se do Japão, aceitou o alvitre. Comentando, resta dizer que talvez, noutra qualquer país do mundo, um caso semelhante incitaria todos os comerciantes nativos a aproveitarem-se do ensejo de verem condenado o colega, para virem oferecer os seus serviços ao estranho, no intuito profissional de alargarem a esfera de actividades; no Japão, primando o orgulho de classe, procedeu-se exactamente de modo bem diferente.

Ao dar fim a este capítulo, pergunto: – são cordiais as relações dos japoneses com os estrangeiros? – Não são; pelo menos, conviria que fossem bem melhores. De quem é a culpa, dos japoneses, dos estrangeiros?... De todos. Eu já me ocupei desta questão no *Relance histórico* que precede o presente *Relance*. Não vale a pena insistir no assunto. Apenas por simples curiosidade, observarei aqui que as crianças japonesas, quando de um ano de idade, de dois anos de idade, ao colo das mães, desatam a chorar se acaso fitam um rosto de europeu... Ah, o tremendo mistério das repugnâncias de alma, das repugnâncias raciais... Mas muito se pode fazer, no sentido de dissipar quanto possível estas aversões instintivas; e os japoneses hão-de fazê-lo, no próprio interesse, sempre que o seu nobre orgulho lho consinta.